

Laços Eternos



KM MENDES



Laços Eternos

KM Mendes



CONTEÚDO

Akai Ito

Rejeição

Confusão do Destino

Inquebrável

Sob o Nosso Céu

Flor Azul

Minha Paz

Borboleta

Seca, mas não morre

Formiga e Cravo

Flor de Lótus

[Miosótis](#)

[Girassol](#)

[Dente de leão](#)

[Flor de Cactus](#)

[Cravo de amor](#)

[Flox](#)

[Lírio](#)

[Verbena](#)

[Cisne Negro](#)

[Sálvia](#)

[Epílogo](#)

Copyright © 2018 KM Mendes

Todos os direitos reservados.

@iLoveLerBooks

DEDICATÓRIA

A todos que acreditam em amor eterno.

“Um fio invisível conecta os que estão destinados a conhecer-se independentemente do tempo, lugar ou circunstância. O fio pode esticar ou emaranhar-se, mas nunca irá partir.”

Akai Ito A Lenda

Um homem estava descendo a montanha para visitar a mulher com quem ia casar, quando um senhor apareceu na sua frente e disse:

— Sendo do Meikai, posso ver que seu fio vermelho liga a outra pessoa. Você não está ligado a aquela que está indo encontrar. A pessoa pelo qual está ligado é aquele bebê — disse isso apontando para um bebê que estava deitado no colo de sua mãe.

O homem ficou louco de ódio, porque amava sua noiva e mandou o seu criado matar o bebê, ateando fogo na casa em que o mesmo morava.

Porém como o homem e a sua noiva não estavam conectados, ele foi muito infeliz durante todo casamento, até que vem a se tornar viúvo. Havia se passado vários anos e quando voltou a subir a montanha encontrou uma linda mulher e sem saberem o que tinha acontecido no passado, os dois se apaixonaram perdidamente e se casaram, descobrindo a felicidade que nunca teve. Por se amarem, e para não ter nenhum segredo, o homem contou tudo o que havia feito no seu passado.

A jovem começou a chorar, e entre soluços disse:

— Aquela garotinha era eu, perdi tudo, meus pais, irmãos..., Mas minha mãe me embrulhou em um pano molhado e me salvou. A verdade era muito dolorosa e resolveram se separar.

O velho na verdade era um deus conhecido como Xia Lao Yue, ficou muito triste com os dois, porque o amor era sincero.

Então, amarrou no dedo mindinho do homem e da jovem um fio vermelho, na esperança de que os dois se encontrem novamente.

Rejeição

Minha mãe estava completamente neurótica com a nossa mudança. Ela mais reclamava do que fazia alguma coisa. Retirei as malas do carro enquanto ela carregava Sora no colo.

Imediatamente ao entrar consegui perceber que a casa era muito menor do que a nossa anterior.

Logo que entramos vimos a sala pequena, um sofá e uma estante com uma TV mal posicionada. Encostei as malas na parede e percorri a casa. Havia dois quartos, uma cozinha e um banheiro.

Minha mãe encontrou um novo emprego de Corretora de Imóveis no centro da cidade e me matriculou em uma nova escola. Ela estava fazendo tudo por mim e Sora. Quando eu fiquei grávida, minha mãe ficou dias sem falar comigo. Até hoje nos falamos pouco, porém, ela me apoiou no momento em que decidimos entregar Sora para a adoção.

Sora era meu único laço com o meu grande amor. Mas o que é realmente esse amor? Acho que ele pode ser resumido à insistência. Eu insisti neste amor o quanto pude.

Minha mãe nunca acreditou nisso, dizia que ele era o pior garoto com quem eu podia me envolver. Eu sabia que ele não era o garoto perfeito, mas acreditei nele o quanto pude.

Foi na escola que eu o conheci. Eu estava animada para começar o primeiro ano. Sempre fui uma nerd e vivia na biblioteca.

Lembro exatamente quando eu o percebi.

Fazia alguns meses que tinha começado as aulas. E eu soube que chegaria um novo aluno vindo da Inglaterra.

Estava sentada e me inclinei para enxergar a lousa, ele tinha acabado de virar na minha direção. E foi neste instante que eu senti que haveria uma longa história pela frente. Não foi amor à primeira vista, foi algo a mais.

Depois disso, eu fiquei na minha. Até a professora achar que devia mudar todo mundo de lugar. Afinal, a sala era uma bagunça. E ele foi parar do meu lado. Eu era tão tímida, que não olhava para ele. Mas ele era o contrário de mim, falava muito. E aos poucos foi conversando comigo. O nome dele era James.

Eu tinha dezesseis, ele dezessete. Ele havia repetido a quarta série. Eu ri muito quando ele disse isso.

— Comovocê conseguiu? — Perguntei. Ele deu risada.

— Eu era bagunceiro — disse.

Todos da sala achavam que tínhamos algo. E ficavam falando “A Mari gosta do James”, ou vice-versa. A partir daí uma amizade se iniciou.

Quando chegou as férias de verão, eu não sabia o que sentia por ele. Mas descobri quando minha amiga me ligou um dia.

Estávamos conversando sobre o pessoal da nossa sala, quando de repente falamos do James.

— Nossa, ele é muito chato, não sei como a namorada dele o aguenta — Yumi disse.

Fiquei em choque.

— Ele tem namorada? — Perguntei incrédula.

— Ele não te contou? — Respondeu com outra pergunta.

— Não, ele não me disse nada.

Após essa conversa, eu decidinão pensar mais nele. Afinal, éramos só amigos. Ele tinha namorada, bobagem a minha pensar que existia algum interesse de sua parte.

Quando voltou às aulas, eu comecei a ignorá-lo. Mas era difícil. Ele vinha atrás de mim, me irritava e fazia com que o sentimento que eu tinha crescesse. Esperava que ele terminasse com essa garota, seja quem ela fosse, e tomasse uma atitude. Mas ao mesmo tempo, eu pensava que eu era muito nova para ficar com alguém. E assim eu me afastava mais dele. Na verdade, tentava me afastar.

Contudo, certo dia em uma festa de fim de ano na casa de um amigo em comum, eu bebi um pouco para afastar minhas tristezas. Não fique bêbada, mas sim um pouco mais alegre. Toda a minha coragem surgiu de repente e eu resolvi me declarar. James estava conversando com alguns amigos e eu não me importei.

— Eu preciso falar com você — o intimei. Seus olhos verdes me fitaram e ele assentiu.

— Pode falar — disse assim que sentamos em um canto no corredor. O barulho da festa estava insuportável. James estava cheirando a álcool, porém eu só queria confessar o sentimento que estava engasgado há tanto tempo. Sem delongas ou qualquer fala antecessora. Me confessei.

— Eu gosto de você! — Disse. Meu coração estava apertado e naquele momento de loucura coleí meus lábios aos seus. Não sei se foi por estar bêbado, ou por pena. Mas ele correspondeu ao meu beijo.

Depois disso eu não pude acreditar quando estávamos em uma cama desconhecida nos entregando a um momento de paixão. Olhos nos olhos, beijos e carícias.

Meu pensamento era “Eu não deveria estar fazendo isso!”.

James falou poucas palavras e nunca chegou a dizer que também gostava de mim. Eu perdi um pouco de mim nesse dia. Perdi a minha essência e inocência.

Na manhã seguinte as duras palavras de James foram: “Eu não gosto de você...”.

Naquele momento meu mundo ruiu.

O que é amar? Turbilhão de sensações dentro de si? Alegria? Um sentimento que dói? Depende do momento.

Agora dói. Mas é uma dor que entorpece. É suportável, algo em que eu já me acostumei, pois, a vida não para. Imagino o dia em que eu sinta algo por alguém, assim como eu senti por ele. Talvez nunca alguém o ame tanto quanto eu amei.

A coragem de dizer a ele sobre meus sentimentos, que estavam engasgados há tanto tempo...

A rejeição...

Doeu e como doeu...

Eu não sabia como respirar, e eu chorei sozinha por todas as noites. Minhas lágrimas desciam, porque eu o amava tanto.

Se eu o amo ainda? Isso não tem resposta. Mas, eu quero que ele seja feliz. Porque amar é querer o bem do outro, mesmo que você não esteja bem.

Confusão do Destino

— A Sora vai ficar no meu quarto? — Indaguei.

— Sim, é sua filha, não é? — ela respondeu com o óbvio. Sora estava fazendo birra desde que entramos na casa. Minha filha estava com seis meses e tudo que fazia eram caretas para o que não gostava.

— Ela acorda de madrugada mãe, como vou fazer para estudar logo na manhã seguinte se ela se mantiver acordada na madrugada? — Perguntei.

— Eu te avisei. Dentro de casa Sora é sua filha. Você vai cuidar dela assim como me prometeu na maternidade. Fora de casa, eu cumprio a minha promessa — disse e aproveitou o momento para me entregar Sora que estava esperneando em seu colo.

— Vou fazer algo para comermos. — Disse e me deixou a sós com minha filha.

Eu não tinha qualquer experiência com crianças. Não tive irmãos ou sequer primos pelo fato da minha mãe ser filha única também.

Meu pai nos deixou há muito tempo, desde que eu nasci. O vi poucas vezes, e nesses momentos ele foi um grande idiota.

Puxei a fraldade Sora para verificar se ela estava seca e logo conclui que ela estava bem suja. Na verdade ela teria que tomar um banho para ficar realmente limpa.

— Mãe! — Gritei.

— O que foi? — Indagou ao chegar ao quarto.

— A Sora está suja — falei tentando entregar minha filha que nesse momento desatou a chorar.

— Ah pelo amor de Deus Mari. Limpe-a — disse fazendo uma expressão extremamente rigorosa.

— Mãe, eu não posso limpá-la. Ela precisa tomar banho. Você sabe que eu tenho medo — disse. Desde que Sora nasceu eu nunca consegui dar banho nela. Tinha extremo medo

de deixá-la escorregar na banheira, ou até mesmo não ter o cuidado necessário.

— Ok — suspirou. Fiquei aliviada e lhe entreguei Sora. — Faça algo para comermos então.

— Vou fazer — disse indo para a cozinha.

Havia um grande defeito em mim, eu era extremamente dependente. Minha mãe precisava me ajudar em tudo em relação à maternidade. Desde a trocar fraldas a problemas de saúde de Sora. Eu era um pouco desesperada em tudo, só de ouvir uma tosse, me preocupava com o fato de ser uma pneumonia.

Eu também sou dependente daquele amor. O amor que me deixou desse jeito, com uma filha para criar aos dezessete anos.

Após James despejar aquelas duras palavras em minha face, a única coisa que pude fazer era sair correndo. Eu quis perguntar o porquê, porém ele simplesmente saiu, me deixando nua fisicamente e moralmente.

Aquilo doeu. Doeu de uma forma que parecia que meu coração estava sendo apertado por suas mãos. Tentei pegar o que restava da minha dignidade e ir embora, porém o que acabou com o restante dela foi ter que sair de um quarto desconhecido. Consegui dar de cara com quase todo mundo do colégio, ouvi piadas e olhares de revolta de algumas garotas.

Com a cabeça baixa e olhos pesados consegui sair da festa. Era um pouco mais de três da manhã.

Meu coração apertou e eu me desesperei. Nada fazia sentido, a minha dor transbordou em lágrimas. Um choro alto que eu não podia controlar.

Peguei o meu celular e vi diversas chamadas perdidas da minha mãe. Fiquei com medo de ligar de volta, porém se ela não me buscasse, eu teria que voltar pé para casa, além de que, mais cedo ou mais tarde eu teria que encará-la.

— Mari? Graças a Deus você retornou... — De imediato ela disse.

— Me desculpe — falei.

— Você quer me matar? Eu pedi para que me ligasse para te buscar até meia noite. — gritou.

— Me desculpe, eu perdi a noção do tempo. Pode vir me buscar? — Indaguei.

— OK. Estou indo. E antes que eu me esqueça, você está de castigo — finalizou. Esse era o pior dos meus males.

Estava sentindo um incomodo em meu íntimo e uma grande preocupação ao me lembrando que havíamos feito sexo sem preservativo.

Droga, droga, droga!

Eu devo ser a garota mais idiota do mundo! Como pude cair nessa? Eu me julgo uma garota inteligente, contudo a minha capacidade mental apaixonada pareceu ser reduzida a uma azeitona.

Fui para casa neste dia orando para não ficar grávida. Procurei na internet informações sobre período fértil, e pelo que constava eu não estava neste período. O que me aliviou um pouco. Depois vi que eu podia tomar uma pílula do dia seguinte.

Este era um grande problema. A pílula do dia seguinte era vendida na farmácia. E, eu teria que comprar.

Naquela noite eu não dormi. Meu coração e minha mente estavam pesados. Eu não conseguia processar tudo o que havia acontecido.

James me rejeitou. Rejeitou-me depois de fazermos sexo... Eu fui usada como qualquer outra garota. Isso não parecia ser verdade para mim. Eu o amava tanto e acreditava que nossas conversas, brincadeiras e sorrisos significavam algo para ele.

Havia algo de errado, não é possível que essa ligação que eu sentia entre nós era sentida só por mim. Eu conseguia olhá-lo e imaginar toda a minha vida com ele...

Eu só queria acordar deste pesadelo, mas ao acordar no dia seguinte, constatei que a noite passada era só o começo.

Arrumei uma desculpa para a ir à farmácia, falei para minha mãe que estava com dor de cabeça e não tinha nenhum analgésico em casa. Coloquei meus óculos escuros e o capuz de um moletom. Eu precisava me disfarçar, pois todos no bairro me conheciam.

Enquanto a senhora atrás do balcão ajeitava os óculos eu fitava desodorante tentando encontrar coragem. Decidi contar até dez. Respirei fundo e fui até o balcão.

— Olá. Eu preciso de um medicamento chamado Tozato... — despejei as palavras.

— Ah, um minuto vou pegar para você — disse amigavelmente.

Gotas surgiram em minha cabeça. Fácil assim?

Rapidamente ela me trouxe um caixa.

— São vinte e um reais — ela disse.

— Eu quero um analgésico também.

A senhora sorriu para mim e eu meio que sai correndo. Tomei a pílula no caminho, pois havia lido que era dose única. Joguei a caixa em um lixo no meio da rua e fui para casa.

Eu decidi esquecer aquela noite e principalmente esquecer James.

Não sei se for o azar, desatenção ou algo relacionado ao destino, porém, descobri dois meses depois que o remédio falhou, quer dizer, eu falhei ao dizer o nome errado, era Pozato e não Tozato.

O que você faz ao descobrir que está grávida aos dezesseis anos?

Acho que depende da sua situação. Vamos ver, eu fui rejeitada pelo pai da criança e depois deste dia ele simplesmente desapareceu. É claro que mais tarde fui descobrir por intermédio do seu melhor amigo que ele se mudou. Eu não merecia qualquer satisfação, despedida, nada...



— Mãe, não temos Hondashi, aonde devo comprar? —
Indaguei me escorando perto da porta do banheiro.

Eu iria fazer a sopa Misso, porém não tinha o
tempero tradicional nas caixas de comida.

— Tem uma venda aqui perto. Atravesse a rua e
vire à esquerda — disse.

— Ok, já volto — falei e fui para o quarto pegar
minha carteira. Poucos minutos depois eu já estava
atravessando a rua. Eu devo ser umas das pessoas mais
desatentas do mundo, pois ao virar a esquina trombei
com alguém.

Eu parei de acreditar que James voltaria, parei de
acreditar que nossos olhos voltariam a se encontrar. Parei
de nutrir esperanças e sonhos de amor em vão. Porém, ao
ver aqueles olhos verdes me fitando desacreditados e
em seu rosto conter uma leve expressão de surpresa, eu
estou começando a acreditar que o destino quer brincar
comigo, jogando esse amor em minha face. Ou até
mesmo me fazendo desacreditar no amor de vez.

Inquebrável

Após catorze meses e dois dias sem notícias, ali estava James Maeda. Aqueles olhos verdes... A face com qual eu sonhava todas as noites, finalmente eu pude encará-lo novamente.

— James... — murmurei incrédula.

— Mari... — sussurrou.

Eu não sabia o que dizer. Queria despejar tudo que aconteceu, toda a minha raiva e toda dor que senti. Porém, meu coração parecia preso em minha garganta, minhas mãos tremiam e lágrimas queriam se derramar sobre minha face.

“Seja forte Mari” — repito mentalmente a mim mesma. Eu respiro e jogo a primeira coisa que veio a minha mente.

— Por que você foi embora? — Indaguei.

— Como soube que eu estava aqui? — me respondeu com uma pergunta.

— Eu não sabia..., mas eu quero que você me responda — soltei a respiração para continuar — Eu não mereço uma satisfação? Nós éramos amigos, se não queria ficar comigo porque não me disse? Precisava transar e ir embora? — despejei as palavras. Não estava me importando de agir como louca no meio da rua.

— Eu não estava consciente naquela festa — respondeu baixando os olhos.

— Mentira.

— acredite no que quiser. Eu fui embora, assuntos urgentes da minha família.

Somente isso — respondeu ainda não me olhando nos olhos.

— Não se preocupou em dizer isso para mim?

— E por que eu diria?

Droga. Droga. Droga.

Eu não consigo acreditar em tais palavras.

— Eu não mereço o mínimo de consideração? —
Indaguei. Meus olhos marejavam e minha voz embargou, apesar da minha tentativa de guardar a dor dentro de mim, ela queria rolar sobre minha face.

— Ouça, eu não quero dificultar as coisas, foi apenas um deslize. Vamos esquecer isso, ok? — disse rapidamente. Sua expressão facial não mudou e suas mãos pousavam nos bolsos de sua calça.

— OK — pude dizer.

Eu nunca irei contar sobre Sora para ele. Nunca. Sora é unicamente minha filha.

James me fitou por um breve instante, observando minha reação. Eu tentei parecer extremamente calma.

— Eu preciso ir — disse rapidamente. — Te vejo por aí — falou vagamente.

É difícil amar e fingir que esse amor não existe. É difícil olhar para a pessoa com os olhos de quem não ama. Dá vontade de gritar: “Hey eu te amo droga! Percebe? Dá para você aceitar isso?”.

Não, eu não posso gritar. A única coisa que posso fazer é pegasse sentimento, apertá-lo, trancá-lo em uma caixa e jogá-la para bem longe, de preferência em um lugar bem fundo e escuro. Caminhei absorta em meus pensamentos e murmurei a mim mesma que iria esquecê-lo.



— Se apresse você vai se atrasar! — minha mãe gritou enquanto eu ajeitava minha mochila. Eu odiava essa rotina matinal. Minha mãe levantou-se às seis da manhã e fez um tremendo barulho pela casa arrumando os pertences de Sora para levá-la para a creche.

Logo acabei me levantando neste horário. A casa era pequena, eu conseguia ouvir cada passo na cozinha. Fiz a rotina matinal, porém cai na cama logo após trocar de roupa.

— Levante-se, precisamos ir — minha mãe gritou.

Reuni minha coragem e levantei novamente. Ajeitei meus cabelos negros, que após a gravidez havia ultrapassado a alturados ombros. Passei um gloss nos lábios e estava pronta.

Fui até o carro, onde minha mãe já estava colocando Sora na cadeirinha. Entrei e fomos para a nova escola.

— Está ansiosa? — Questionou.

— Não. Eu não queria começar tudo de novo...

— Já falamos sobre isso. Nós chegamos a um acordo juntas. Eu estou mantendo minha parte... — me cortou. Aquelas eram as regras da minha mãe para ficar com Sora, uma nova cidade onde ninguém nos conhecia para um recomeço.

— Tudo bem — falei. Não queria recordar o assunto que tivemos na maternidade.

Minha mãe não precisou de muito para descobrir sobre minha gravidez. Eu não contei, ela descobriu. Não sou uma pessoa que disfarça sentimentos e emoções, é como se tudo em minha vida fosse preto no branco. Se eu amo, a pessoa saberá. Se estou com raiva, todos perceberão. Se estou grávida... Ah, nem precisa da barriga para demonstrar.

No terceiro mês de gestação, era quase imperceptível minha barriga. Estava saltando levemente e somente era possível de perceber se eu estivesse com roupas apertadas. Logo só comecei a usar roupas largas.

Eu não sabia o que fazer, tinha uma imensa vergonha de dizer isto a alguém. Porém contei para Yumi, logo após ouvir seus questionamentos perante aos meus enjoos matinais.

— Você está muito enjoada ultimamente, tem certeza que tomou a pílula do dia seguinte? — questionou quando estudávamos em minha casa.

— Eu tomei. Na verdade, eu queria te contar algo... — disse, Yumi foi a primeira e única pessoa para

qual contei da gestação. Ela prometeu guardar segredo e praticamente chorou rios ao descobrir.

— Isso é tão triste... Você não merece isso Mari — disse enquanto algumas lágrimas rolaram sobre sua face.

— Não chore, se não vai me fazer chorar — pedi enquanto algo parecia preso em minha garganta.

— Eu vou dar um jeito de descobrir onde aquele idiota está, e fazê-lo se redimir com você.

— Tudo bem, eu vou me virar — disse, mesmo acreditando que eu não iria dar conta sozinha.

Naquele mesmo dia, eu e minha mãe tivemos uma conversa séria.

— Eu sei que está grávida — ela foi bem direta depois que Yumi foi embora.

— Não estou — tive a audácia de mentir.

— Não mente para mim Mari — pediu endurecendo a face.

— Eu... Eu... — Minhas pernas tremiam e o enjoo tomava conta de mim. — Por favor, mãe — pedi. Eu não queria falar sobre isso.

— Quem é o pai? — foi logo questionado. — É aquele seu amigo? — Ela processava rápido.

— Não é — novamente menti.

— Pare de mentir para mim! — Gritou. — Você estragou sua vida, sabe o quanto me esforcei para te dar o melhor? Para que estudasse. E o que você fez? Escondeu de mim está gravidez... Mari, eu sou sua mãe, a única família que você tem... — Seus olhos marejavam.

— Me desculpe — disse.

— Vou perguntar de novo, quem é o pai? — Indagou com veemência.

— James — murmurei. Minha mãe conhecia James das poucas vezes que ele foi em minha casa para fazer trabalho.

— Eu vou processá-lo por estupro, você só tem dezesseis anos!

— Mãe, isso é ridículo. — Gritei.

— Pois bem, vamos falar com ele e com os pais dele
— disse, apressando-se para ir até a porta.
— Não mãe, ele foi embora — falei.

Ela não acreditou em mim, acabou ligando para o colégio para conseguir o endereço do James e após ir até lá e ver que ele se mudou, ela suspirou e ficou sem falar comigo durante dias.

Após ter esfriado cabeça, minha mãe planejou que déssemos Sora para adoção assim que ela nascesse. Não criaríamos vínculo e seria muitomais fácil — de acordo com ela.

— Você vai estudar entrar em uma boa faculdade, vamos esquecer isso — dizia.

E eu aceitei. Sentia-me frágil, sem capacidade de agir por mim mesma, esta parecia ser a melhor solução. Minha filha iria encontrar uma boa família, há tantos casais que almejam ter um filho... Uma adolescente mal ajustada não saberia cuidar de uma criança.

E então aqueles nove e torturantes meses passaram. Eu não fui para a escola, minha mãe retirou minha matrícula, dizendo que iríamos nos mudar, o que realmente não aconteceu de imediato, pois estava difícil encontrar emprego em outra região. Desta forma, ela ia trabalhar e eu fiquei trancada em casa. Engordando, chorando e revivendo a rejeição duras vezes.

Eu não merecia isto. Eu não merecia sentir dores em todo o meu corpo, não ter controle sobre minhas emoções, eu não queria este bebê, não queria ter me apaixonado. Não queria ter sido tão inocente. Não queria ter me iludido...

No meio do ano ao completar os nove meses eu só andava do quarto para o banheiro, e quando possível ia até a cozinha. Eu fiquei enorme, doze quilos a mais. Mal conseguia ver meus joelhos, tinha constantes azias e câimbras.

Para dormir eu me revirava na cama para encontrar uma posição confortável, a barriga não me deixava com muitas opções de posições. Consegui dormir já era mais

de uma hora da madrugada. E apesar de ter conseguido descansar um pouco, acordei uma hora mais tarde gritando de dor. Parecia espasmos musculares — não sabia exatamente o que era — uma dor que parecia puxar o meu ventre para baixo.

Dava vontade de sentar, ora levantar, gritar, chorar... Eu não tinha controle sobre meu corpo.

Chamei minha mãe que me ajudou a colocar um vestido e uma sandália, meus pés estavam extremamente inchados.

A caminho do hospital as contrações diminuíram para um intervalo de dois minutos, minha mãe atravessou para a via errada, estávamos totalmente desesperadas.

Tive a sorte de ser atendida rapidamente no hospital — já que era madrugada —, foi um imenso sacrifício deitar-me na maca para me examinarem. Um desconfortável exame de toques deu a informação de que minha dilatação estava em quase seis centímetros, desta forma fui encaminhada para a internação enquanto minha mãe preenchia minha ficha hospitalar.

Levaram-me para o pronto socorro para impulsionar minha veia. A enfermeira de cabelos grisalhos parecia extremamente desatenta ao furar me furar. Devo ter me furado umas sete vezes até ela acertar. A minha irritação não diminuiu quando me levaram para o quarto.

Aguentar as dores exigia concentração e determinação absurdas. Eu tendia a me contrair durante elas e isto as tornava piores. Não conseguia olhar ninguém nos olhos, minha mãe tentou conversar comigo durante o processo, mas eu somente remexia na cama e chorava.

Tentei relaxar, inspirei profundamente, como havia ensinado no pré-natal, contei até dez centenas de vezes. Realmente quando eu relaxava durante uma contração, ela passava bem mais rápida e era mais leve. Mas não era tão simples assim, chegou uma hora em que eu já estava totalmente desesperada e cansada.

Sentia-me exausta e aterrorizada. Eu estava com raiva das outras pessoas ao meu redor. Fiquei com

raiva da minha mãe por estar extremamente calma. Tive raiva da enfermeira que não me dava logo a porcaria da anestesia e com raiva de mim mesma.

Incomodei-me também com todo mundo que ficavame elogiando e incentivando... Não achava que estava indo bem... Estava doendo para caramba.

Eu já estava tão desesperada que comecei a implorar por anestesia.

— Eu não aguento mais, preciso de ajuda — disse firmemente.

— Acalme-se querida, logo isso vai acabar — minha mãe me tentava me confortar. Porém, não estava dando certo. Levantei-me e andei de um lado para o outro vagarosamente.

— Mamãe, estou assustada. — disse.

A bolsa estourou pouco depois. Um líquido clarinho... Logo após consegui a bendita anestesia. Senti um grande alívio. E pude respirar pausadamente durante um tempo.

A doutora finalmente resolveu aparecer me examinar. Novamente tive que abrir as pernas, pela enésima vez naquele dia. A dilatação já estava quase completa.

Comecei a sentir vontade de empurrar. Um medo tão grande me invadiu. Neste momento, era uma mistura de cansaço, medo, força, de tudo.

Agarrei a mão da minha mãe enquanto me contorcia na maca.

Sentia uma ardência grande em meu íntimo. Senti o bebê descer rapidamente e não havia mais como parar. Estava na hora. Minha filha queria muito nascer e tenho certeza que me ajudou muito. Fiz força entre as contrações. Seguia as instruções que ouvia.

Gritos eram inevitáveis. Fazia força, mas elas acabavam em gritos. Dois gritos seguidos de enfrentamento do medo.

E então. Ouvi um chorinho, o alívio pairou sobre mim... Minha filha finalmente nasceu... Após intermináveis nove meses, um rostinho frágil apareceu para mim. Meus olhos se encheram de lágrimas... Após tanto esforço eu não queria deixar o meu bebê.

Levaram minha filha para os primeiros exames e após um grande esforço, fui ajudada pela enfermeira no banho. Tudo que consegui pensar naquele momento era: “Eu não quero deixá-la”.

Ao ficar a sós com minha mãe, eu joguei as palavras que estavam presas em minha mente.

— Eu não quero entregá-la para a adoção, me ajude mãe. Por favor — pedi perante as lágrimas.

Os olhos de minha mãe marejaram e apesar de tentar endurecer sua face, eu sabia que ela queria chorar.

— Nós não podemos, você é muito jovem — disse.

— Por favor, eu faço tudo que me pedir. Eu... Eu sei que não sou capaz, então me ajude... — pedi novamente.

E então minha mãe cedeu. Sei que foi egoísmo de minha parte e toda a carga da maternidade foi jogada para minha mãe. Mas ao sentir aquela respiração calma, os olhos verdes e ver aqueles cabelos negros ralos — iguais aos meus — eu não pude deixá-la.



Ajeitei minha mochila nas costas ao descer do carro e entrei na escola. Fui até a secretaria pegar o horário das minhas aulas. Primeiro período Educação Moral seguido por matemática.

A professora parecia ter uns trinta anos, era sorridente, tinha cabelos castanhos e era expressiva. Seu nome estava no pequeno enfeite em sua mesa: Nara.

Apareci em sua frente para me apresentar como nova aluna.

— Mari Okamoto, certo? Sinta-se livre para expor suas ideias em minhas aulas, pode se sentar — disse. Sorri e agradei.

Sentei no canto esquerdo da sala e tentei ignorar os olhares curiosos vindo em minha direção.

Nara começou a aula com um pequeno bate-papo.

— Obrigada por resolver se juntar a nós — de repente a professora virou-se para encarar um aluno que havia chegado. Não só ela, mas todos da sala. E lá estava

novamente James. Sim, minhas pernas mal param debaixo da carteira. Existem quantas escolas nessa cidade? Ah fala sério! Tentei me esconder baixando a cabeça, porém, logo seus olhos pousaram em mim. James me fitou, novamente desacreditando e após uma breve pausa sentou.

Debrucei-me sobre a carteira, esperando que a aula passasse rapidamente.

— Você é nova aqui? Na cidade? — uma loira me cutucou.

— Sim, sou — respondi, me virando vagarosamente para trás.

— Me chamo Emi Tamura, e você?

— Mari.

— Gostei do seu cabelo, é tão tradicional — disse.

— Ah, obrigada, e o seu é bem loiro — droga, eu era péssima com elogios.

Emi parecia uma boa garota, e quando a aula acabou, ela despediu-se pedindo para que a encontrasse no intervalo.

Emi foi para aula de história e eu segui meu caminho para a aula de matemática.

— Espere — ouvi uma voz grossa dizer. Uma mão segurou meu braço e me deparei com James ao virar-me.

— James... — disse. Seus olhos me fitavam com indignação.

— Você está me seguindo? — Ele indagou.

— Não James, coincidentemente estamos na mesma escola novamente — falei.

— Não é o que parece, isto está ficando irritante

— falou pairando suas mãos no bolso da calça.

— Olhe, eu não queria dizer nada, mas já que sua educação resolveu falar alguma coisa. Vou ter que responder

— peguei fôlego para continuar. — Primeiro, eu não sabia que você estudava aqui. Segundo eu não sei qual é o seu problema. Terceiro, Porque a minha presença te incomoda tanto? Eu fiz algo que mereça tanto a sua atenção? Vamos fingir que nem nos conhecemos e que nem estamos no mesmo lugar. — Suspiro — Então,

viva sua vida, e eu vivo a minha, não se sinta incomodado
com a minha presença. Estou deixando bem claro que eu
não estou ligando e não vou ligar para você. Ok?

— Espero que cumpra o que está dizendo — falou e
após suspirar deu meia volta.

Este não era um reencontro romântico. É a vida real.
Onde um garoto te engravida e lhe trata como uma
desconhecida.

Sob o Nosso Céu

O que é o amor? O amor tem um preço? Ele é um conjunto de sentimentos que te leva a uma dependência, na verdade ele é a própria dependência. Está no pensamento, nos sentidos, está no instinto.

Minha mãe fez questão que eu buscasse Sora depois do colégio, segundo ela, ficar mais de meio período na creche seria prejudicial para minha filha que estava somente com seis meses. Peguei um ônibus em frente à escola, a creche ficava há uns minutos dali. E para minha sorte, ficava há cinco minutos de minha casa.

Ao chegar, uma senhora me atendeu.

— Vim buscar minha irmã, Sora. Minha mãe deve ter lhe avisado — falei.

— Ah sim. Ela avisou. Pode vir aqui — disse fazendo com que eu entrasse na creche. Parecia uma pequena casa. Minha mãe conhecia Naomi, a senhora que era dona do lugar. Desta forma ela achou o lugar bem confiável.

— Sua mãe deve estar muito feliz por ter uma filha tão prestativa — Naomi disse.

— Ah, claro — falei.

— Ela estava dormindo, venha — disse entrando em um pequeno quatinho. Lá estava o meu bebê, no berço... Assim como estava na maternidade.

Quando eu a vi ainda no hospital, aquele serzinho que estava tão guardadinho na minha barriga percebi o quão indefesa e frágil era, a peguei no colo e ela parecia se sentir confortável. Impressionei-me na forma em que meu bebê se aninhou em mim. Parecia que me conhecia há séculos. E eu, ali, meio estranha, sem saber como pegar direito.

— Ela é um amor, quase não chorou — Naomi fez questão de dizer.

— Ela é bem quietinha mesmo — falei, não querendo prolongar o assunto.

Aninhei Sora em meu colo e me despedi.

— Obrigada — falei.

— Cuide bem do seu bebê — Naomi falou. Fiquei surpresa, minha mãe havia dito que Sora era minha filha? Suspirei e sai caminhando.

Sora não acordou no meio do caminho. Fui a pé, pois só precisava virar duas esquinas. Cheguei em casa e me apressei para dar o leite par Sora, toda vez que ela estava com fome, fazia um certo escândalo.

Coloquei Sora rapidamente no carrinho de bebê e me apressei para fazer o leite. Não podia mais dar de mamar para Sora, eu precisava estudar e meus seios ficaram totalmente machucados durante os três meses de amamentação.

A primeira vez que dei de mamar, foi algo totalmente estranho. Eu estava cansada e queria me recusar a fazer isso, porém minha mãe insistiu. Eu não sabia como começar... Sora se aninhou a mim. E aquilo me deu uma sensação de bemestar tão grande que eu me esqueci da dor do parto, da dor dos cortes, dos mamilos, das costas e de tudo mais o que dói quando sai do parto... Pois, ela se acalmou no meu peito, me deu uma sensação de que pela primeira vez, eu estava fazendo a coisa certa. Me senti completa de uma forma que não posso explicar.

Depois de mamar, ao sentir aquelas mãozinhas me segurando, as bochechas em meu peito e o semblante de paz do meu bebê, me deu uma vontade imensa de protegê-la de tudo e todos, ela parecia tão em paz, eu também me senti desta forma ouvindo o batimento do seu coração.

Porém, eu não tive muito leite depois de um mês e meio, meus seios ardiam e eu chorava durante o banho. Na verdade, eu chorava por tudo, por não poder alimentar minha filha, sentia-me fraca e inútil. Chorava por ter feito minha mãe reformular toda sua vida para me ajudar a

cuidar de Sora e chorava principalmente por mim... Por tudo que causei.

Ao terminar de fazer o leite, sentei-me e peguei Sora no colo, aninhei-a no meu colo e assim que ela viu a mamadeira, seus orbes verdes se arregalaram e ela puxou o bico para si, suas mãozinhas seguraram a mamadeira com meu apoio. Sua face era tão serena...

Lembro do momento em que decidimos escolher o seu nome. Sora... James participou da escolha do nome, sem nem ao menos estar ali.

Era verão, estávamos enfiados na sala de aula e James resolveu me mandar mensagens.

“Está afim de matar aula?” — mandou mensagem em meu celular.

“É química James, devemos prestar atenção” — rebati.

“Você sabe toda a matéria. Vamos sair, depois passa para mim a matéria. Você pede um passe para sair para a professora e eu saio um pouco depois” — disse.

Eu não conseguia dizer não a ele, e lá fui eu, boba, matar aula com James.

Tentei não rir ou fazer uma cara suspeita para pedir o passe para a professora. Após conseguir, dei uma risada interna e esperei no pátio por James que apareceu alguns minutos depois.

— O que vamos fazer para sair daqui? — Indaguei. James estava com um sorriso maroto nos lábios e os cabelos rebeldes emolduravam sua face. Meu coração ficou acelerado. Será que ele queria me dizer algo?

— Vamos pular o muro — disse.

— Você está louco. Eu não posso fazer isso — falei.

— Você pode, eu te ajudo, vem comigo — falou e me puxou pela mão.

Apesar do um medo, eu só queria um pouco mais de tempo com ele. Pela sua expressão ele parecia querer me transmitir algo pelo olhar e gestos. Eu esperava que finalmente pudessemos ficar juntos. Eu não sabia sobre seus sentimentos, mas parecia que ele sentia algo.

Seus olhos quando encontravam os meus pareciam dizer tanta coisa.

James me ajudou a subir no muro, os supervisores estavam em uma reunião, parecia que ele havia planejado tudo. Ele juntou seus braços para me impulsionar e eu me apoiei nele para subir.

— Comovocê vai conseguir subir? — Indaguei tentando segurar no muro.

— Eu consigo escalar — disse com um sorriso zombeteiro.

— Certo — falei e com o impulso consegui subir. — Estou com medo de descer James...

— Pule, não vai cair — disse.

— Ok. Vou pular. — falei e com um súbito de coragem pulei. Caindo diretamente na grama.

— Venha rápido James, não podem nos ver — falei. Antes mesmo que eu dissesse algo a mais James apareceu do meu lado.

— Como conseguiu escalar, é tão escorregadio — falei ajeitando minha roupa.

— Já escalei uma montanha com meu irmãoano passado, esse muro foi moleza — se vangloriou.

— Metido — disse. — Para onde estamos indo? — Indaguei enquanto o seguia.

— Há um parque aqui perto. Vamos para lá — falou e andamos lado a lado, porém não dissemos nada. Eu fiquei absorta em meus pensamentos, acreditando que aquele seria o momento. Às vezes, a melhor maneira de ficar perto de alguém que você ama é sendo apenas um amigo, mas eu não queria mais ser somente sua amiga, eu queria era gritar que eu estava completamente apaixonada por ele.

Assim que chegamos, James deitou-se sobre o gramado.

— O que está fazendo?

— A aula estava um porre, na minha casa está insuportável de ficar.... Só quero um pouco de paz

— disse.

— Você me chamou para vir, eu sou barulhenta, vou tirar sua paz — falei.

— Não, você me deixa em paz — disse e eu sorri. Deitei do seu lado e cruzei as pernas.

— Eu gosto de olhar para o céu, parece que ele nos uni a pessoas distantes — disse suspirando baixinho.

— Eu também gosto. Me dá uma sensação de paz — falei, ora olhando para o céu, ora olhando para sua face. Serena. Meus olhos não queriam parar de vê-lo.

James era o meu céu. Estava em todos os lugares, porém eu não podia tocá-lo.

Ele parecia tão longe e tão perto ao mesmo tempo.

— O que foi? — Indagou quando percebeu que eu o encarava.

— Nada — me senti encabulada.

— Como assim nada? Acho que você está querendo cócegas — disse e começou a cutucar a minha barriga.

Desculpe-me James. Mas eu não pude não me apaixonar... Em homenagem a aquele momento. Nosso eterno laço, nosso céu. Ao nascer dei-lhe o nome de Sora, que significa céu. Olhar o céu, as nuvens, a lua e as estrelas realmente faz com que eu me sinta calma e esperançosa. — Assim como era olhar para minha filha.

A todo momento que olho para o céu, lembro-me de todos os nossos momentos juntos e murmuro baixinho, somente para mim “*Que saudade...*” O sol já se pôs, agora só me resta as memórias daquela luz.



— Foi tudo bem na escola? — minha mãe indagou ao chegar.

— Foi ok. Nada de muito especial — disse. Não podia contar que vi James, caso contrário, minha mãe surtaria.

— Ótimo, vou dar um banho na Sora, venha comigo, vou te mostrar, já está na hora de você fazer cuidar direito de sua filha — disse rispidamente.

— Precisa agir assim mãe? Eu sei muitobem que Sora é minha filha, não precisa jogar na minha cara — falei. Seus olhos negros me encararam por um momento, ela parecia estar prestes a surtar.

— Eu estressada com esse novo emprego. Desculpe. Pegue a Sora, vamos dar um banho nela — disse. Peguei minha filha e fomos até o banheiro.

— Preste atenção. Segure a cabeça dela com uma mão e a encoste na banheira — disse assim que tirei seu vestidinho. Fiz como ela ordenou. — Agora com a outra mão vá jogando um pouco de água em seu corpo. Passe o sabonete e depois o shampoo aos poucos. — Continuou. Aquela era uma boa sensação. Sora observava tudo que fazíamos, ela parecia se divertir no banho. Pareceu ser mais fácil do que imaginava.

— É mais fácil do que imaginei — disse.

— Não te disse? Continue assim. Sei que foi difícil se acostumar com a maternidade. Mas Sora não pediu para nascer, você é responsável por ela, estando preparada ou não — deu seu sermão.

— Eu sei... — murmurei. E peguei Sora para secá-la.

— Vou fazer o jantar — minha mãe disse e saiu do banheiro. Ela estava totalmente certa. Eu sou responsável. Eu decidinão a dar para a adoção...

A noite se sucedeu calmamente, minha mãe até mesmo assistiu um filme comigo. Coloquei Sora deitada em cima da minha barriga, e depois de certo tempo ela dormiu.



No dia seguinte não encontrei James em nenhuma aula. Me senti aliviada e um pouco chateada ao mesmo tempo. Eu havia sonhado por tanto tempo com o nosso reencontro...

Comose tudo fosse resolver simplesmente por nos encontrarmos. Mas não, foi pior do que imaginei. Ele não se importava comigo, logo se importaria menos ainda com Sora.

Fui buscar Sora na creche novamente após sair da escola. Ela estava bem nervosa naquele dia. Chequei sua temperatura no meio do caminho. Estava um pouco mais quente que o normal.

— Acalme-se meu amor, já estamos chegando — falei tentando acalmá-la, pois não parava de chorar.

— Hey... Mari — alguém começou a me chamar. A voz se aproximava. Deus, será que era ele?

Droga! Como faço para sair correndo? Antes mesmo que eu pudesse apressar os passos para longe, a pessoa tocou meu ombro.

Parei e praguejei mentalmente pelo encontro que teria que ter naquele momento. Peço a Deus que ele não note algo familiar em Sora.

— Hey... Sou eu, o Steve — disse o homem parando na minha frente. Eu mal conhecia o irmão de James, o vi apenas duas vezes. Resolvi encará-lo, ele estava parado a minha frente, um pouco desacreditado no que via, olhava para mim, ora para Sora. Meu coração acelerou....

— Que surpresa te ver aqui. Mudou-se há pouco tempo? — Indagou.

— Sim, cheguei ontem na cidade... — murmurei com a cabeça baixa. Sora não parava de chorar, devia estar com fome.

— Este bebê... — Steve começou a encarar minha filha. E seus olhos se arregalaram ao ver os olhos verdes dela.

— É minha irmã — me apressei a dizer. — Me desculpe Steve, mas preciso ir correndo para minha casa. Ela deve estar com fome — falei e peguei folego para continuar. — Te vejo por aí — me apressei.

— Mari, espere um pouco — pediu, porém, corri para longe.

Droga! Será que ele percebeu a semelhança de Sora com o irmão dele?

Flor Azul

Sempre há aquele momento que você olha para o passado e pensa “E se...” E se eu nunca tivesse me declarado?

E se eu nunca tivesse me apaixonado? (Se é que isso é possível).

Melhor: e se nunca tivéssemos nos conhecidos? De acordo com a teorias algo tão pequeno como o bater das asas de uma borboleta pode causar um tufão do outro lado do mundo. Então, penso que somente uma pedrana caminho poderia ter nos separado.

Quem sabe, com uma pequena mudança, por menor que seja, eu não seria tão *eu*.

Eu poderia não ser toda essa confusão e desespero. Talvez, se nossos caminhos não se cruzassem, não sentiria tanto a falta dele. Sinto até mesmo falta do seu respirar... Como se até isso me trouxesse paz.

E se eu soubesse que James namorava desde que nos conhecemos? Bem, eu só descobri por intermédio de Yumi, que ficou sabendo por causa do seu primo. Caso eu soubesse desde o início, esse amor não teria tomado tamanha proporção.

No dia seguinte, ao descobrir sobre o namoro de James a única coisa que eu queria fazer era sentar em minha cama e aguardar o amanhecer, entardecer, anoitecer consecutivamente, sem precisar sair de minha casa.

Na semana seguinte, sábado à noite seria a apresentação de Lago dos Cisnes. Onde eu faria papel de Odette e da feiticeira Odile. Nunca fui uma grande bailarina, apesar de ter feito aula desde pequena. A professora me escolheu simplesmente por eu ser a única que podia fazer um Demi-plié com graciosidade — palavras dela.

— Nem pensem desistir, a companhia investiu muito nesta apresentação — a professora me disse, quando tentei desistir por telefone.

Coloquei o meu vestido branco para a apresentação inicial. Seriam dois vestidos o do cisne negro e do Cisne branco. Ambos tinham algumas aplicações de pedras douradas no busto. Minha mãe prendeu meu cabelo fazendo um coque acima da minha cabeça e me maquiou. Comose eu fosse sua boneca.

— Você está linda. Mesmo assim seu semblante está triste.—
Observou. — O que foi filha?

— Nervosismo mãe, sabe como é, eu tenho um certo receio de palco... — tentei sorrir.

— Fique calma, você é ótima— tentou me tranquilizar.
Algumas pessoas da escola também estavam na apresentação. Poucos sabiam que eu era bailarina, pois mal me conheciam.

Apesar de não estar bem, eu fui com toda a coragem que possuía. Pedi para minha mãe aguardar na plateia para que eu pudesse me concentrar antes de subir ao palco.

Shin, um garoto meio gay e animado seria o príncipe Siegfried e consequentemente meu par na dança. Ele era minucioso e extremamente rigoroso com os passos. Quando cheguei na Companhia de Danças e entrei na sala de treino ele já estava arrumado e treinando um Attitude. (Um passo de balé onde uma das pernas fica no ar, ligeiramente dobrada, e a outra fica como apoio).

— Está nervoso? — Indaguei sentando-me na cadeira em frente ao espelho me obrigando a encarar-me. Meus olhos pareciam completamente apagados, apesar do delineador estar fazendo um belo traçado em volta deles.

— Eu nunca fico nervoso — disse saindo da posição Attitude.

— Eu acho que essa será a minha primeira e última vez em um palco — falei.

— Acho que eu não tenho a paixão necessária para seguir tal carreira.

— Eu também acho que você não tem — disse. Ele era um pouco grosso.

— Ok, obrigada pela sinceridade...

— Acho que tem alguém querendo falar com você... — disse levantando o olhar. Suspirei ao perceber que este alguém era James. — Preciso falar com meus fãs... — Shin disse e saiu. Deixando-nos sozinhos.

James estava mais bonito do que normalmente. Seus cabelos estavam despenteados como de costume, porém ele trajava uma camisa branca e uma calça social e para completar, havia uma flor em sua mão.

Eu só pude imaginar que eu estava sonhando.

— Pensei que havia dito que não poderia vir hoje... — falei. Já que ele resolveu ficar em silêncio enquanto me encarava.

— E não posso. Só fugi por um momento da minha família, para lhe entregar isto... — disse e esticou a mão para que eu visse a rosa. Ela era azul.

— Por que uma rosa azul? — Indaguei.

— Por que Lago dos Cisnes? — Perguntou.

— Me responde primeiro... — pedi sentindo minha face enrubescer.

— Achei que gostaria, eu não entendo muito de flores Mari — disse e sorriu levemente. Aquele sorriso que está eternamente em minha memória.

— Bem, de acordo com a professora, eu tenho a melancolia necessária para ser o Cisne negro e a vivacidade para o Cisne branco. Brincadeira, eu não tenho nada disso, ela apenas acha que o meu Demi-plié é muito bom — falei.

— Não sei o que é Demi-plié, mas, o seu deve ser o melhor...

— Não me bajule, só porque não vai poder ficar para me ver.

— De qualquer forma, não acho que o Cisne negro combine com você.

— Eu preciso interpretar as duas. Veja bem, de acordo com a história. A menina virginal, pura e doce, presa no corpo de um cisne. Ela quer a liberdade, mas só o verdadeiro amor pode quebrar o feitiço. Seu desejo é quase concedido sob a forma de um príncipe. Mas, antes

que ele possa declarar seu amor,o gêmeo lascivo, o Cisne Negro, engana e o seduz. Devastado, o Cisne Branco pula de um penhasco, matando-se, na morte, encontra a liberdade. — Aquela era uma triste história.

— Que deprimente. Por que seu rosto está tão pálido?

— Inquiriu.

— É a maquiagem James. — disse e lembrei-me novamente de sua namorada. Quem era essa garota? Porque James nunca me disse sobre ela? Queria questioná-lo. Porém, estava com medo de encarar a verdade.

— Me desculpe por não ficar — falou e se aproximou de minha face. Deixando um beijo doce e inebriante em meu rosto.Seu perfume parecia querer grudar em mim.

— Obrigada — falei ao segurar a flor.

Reprimindo incertezas e aflições, eu subi ao palco.E lá estava minha mãe, esperançosa, feliz e orgulhosa de mim. E a esquerda dela, sem que eu esperasse, lá estava James...

Mesmo dizendo que teria um compromisso com sua família, lá estava ele, um pouco emburrado antes de me ver., mas, quando nossos olhos se encontraram, sua expressão mudou, ela parecia mais leve. Um brilho surgiu nos seus profundos olhos verdes. Foi necessário um grande esforço para que eu desviasse a atenção daquele olhar hipnótico. Meu coração bombeava desconfortavelmente no peito.

Eu não tinha paixão pelo balé, contudo, deixei todo o meu amor por James ser transmitido na dança. A cada impulso do Demi-plié para fazer o salto Sissone, eu me sentia no céu.

Após a apresentação a única coisa que eu queria era encontrar James e declarar o meu amor.Contudo, eu não o encontrei.

Ao chegar em casa, pesquisei o significado da flor azul:

"A flor azul significa sonho, utopia, mistério e infinito. Tornou-se símbolo da poesia romântica quando o poeta alemão de pseudônimo Novalis escreveu no romance intitulado "Heinrich von Ofterdingen" a história de um

jovem poeta medieval que procurava por uma misteriosa flor azul.

A flor azul transformou-se então no símbolo da nostalgia romântica voltada para o infinito, um dos mais duradouros símbolos do movimento romântico.

É vista como uma flor mística, inatingível e está associada à conquista de algo impossível. Representa também algo que é irreal, imaginário e fantasioso.”

E se ele nunca tivesse me dado aquela rosa? Os resquícios de esperança que eu tinha poderiam ser extinguidos. E eu não teria martelado todos os dias o que aquela flor significava. Ora, como sou boba, ele não quis dizer nada com ela. Era apenas um pedido de desculpas por não ver minha apresentação. Entretanto, ele voltou para me ver.... Por que? Há tantos porquês sem resposta.

Afinal, ele me deixou sozinha e grávida. Eu não sabia como encontrá-lo, e nem como alcançá-lo. Eu podia ouvir sua voz no vento, o sentia sob minha pele, dentro do meu coração e da minha alma.

Ele nunca me amou. Este sentimento que imaginei que ambos sentíamos era irreal, imaginário e fantasioso. Este é o verdadeiro significado da flor.

Eu nunca mais vou ter aquela sensação de estar completa, compartilhando o mesmo céu.



Decidi ignorar o fato de Steve ter cruzado o meu caminho. No dia seguinte fiz outro caminho para voltar para minha casa, e por sorte ele não me encontrou novamente.

Não posso deixá-lo ver minha filha outra vez, e não posso contar isso para minha mãe, pois acredito que, se ela souber que James está na mesma cidade e escola que eu, ela com certeza vai surtar.

Apesar do meu imenso medo de encontrar os Maeda's, no decorrer da semana não vi nenhum deles, tanto James, quanto Steve. Agradei mentalmente durante esses dias e

pude relaxar no fim de semana par encarar novamente a semana.

Pela manhã, acabei fazendo a higiene de Sora, para parar deixar de depender um pouco da minha mãe — apesar de não ser possível ser tão independente, eu poderia tentar.

— Tatsuo? Oi. Sim, escute. Você tem que transferir a pensão. — Minha mãe pela primeira vez que havíamos nos mudado ligou para meu pai. — Elas estão bem... — fico me perguntando quanto tempo vai durar esta conversa. — Ok. Obrigada. Tchau. — Menos de um minuto, é claro.

— Mari, preciso ir assinar alguns documentos do seu colégio, a diretora me ligou sexta à tarde para me lembrar — disse.

— Ah, verdade, deixamos a Sora na creche, e você assina quando chegamos no colégio — falei.

—Vamos direto para o colégio. Estamos atrasadas.

— Mãe, mas porque você não deixa a Sora na creche antes de me levar no colégio? — Indaguei preocupada, se James a visse, não sei o que ele poderia pensar...

— Não há tempo Mari, preciso ir ao colégio, assinar seus documentos, comprar o remédio de Sora na farmácia e depois leva-la para a creche. Ou é isso, ou vai chegar atrasada.

— Mãe, deixe-me ficar em casa hoje, eu cuido da Sora, vou a farmácia... Só me deixe em casa hoje — implorei.

— Nem pensar mocinha. Quantas vezes preciso te dizer que estudar é sua prioridade? Anda, vamos — minha mãe me fuzilou. Droga! Espero que isto seja rápido.

— Não sente vontade de voltar ao balé? — minha mãe perguntou no caminho da escola.

— Não — falei. Fazia algum tempo que minha mãe não me questionava sobre isso.

— Tudo bem, e sobre a faculdade, já pensou no que vai fazer?

— Terei que levar Sora comigo, se eu for fazer faculdade, então, não pensei ainda sobre isso — suspirei.
— Ela pode ficar comigo até que você termine.
— É a minha responsabilidade, certo? Eu vou dar um jeito. — Falei. Eu não queria deixar a responsabilidade de cuidar da minha filha por um tempo tão longo, até porque foi eu quem engravidou e quis ficar com ela.



Assim que chegamos na diretoria, demos de encontro com a professora de Educação Moral.
— Bom dia — ela disse radiante. — Que bebê lindo... Qual o nome dela?
— O nome dela é Sora — Minha mãe respondeu.
— Posso segurá-la? — Nara indagou, seus olhos até mesmo brilharam ao receber minha filha no colo. — Uau, como ela se parece com você Mari! — ela praticamente gritou no corredor. Meu Deus, precisa deste escândalo? — Ela tem olhos verdes.... — Sussurrou.
— São os olhos do meu ex-marido — minha mãe se apressou a dizer.
— Ah... — por um momento ela ficou sem fala. — Que pena que vocês se separaram, ela é tão novinha... — Nara continuou a dizer enquanto encarava minha filha.
— Eu preciso ir ao banheiro — minha mãe disse a mim —, fique com ela por enquanto, eu já volto — articulou e praticamente saiu correndo.
Droga, vou ficar sozinha com as perguntas de Nara!
— Caramba Mari, olha esse rostinho dela... O formato é idêntico ao seu! — continuou a investigação.
— É idêntico ao da minha mãe — falei.
— Não, não... É o seu rosto. E o formato dos olhos, me lembra o de alguém..., mas acho que estou ficando doida, não é?
— Imagina, é normal se confundir — falei já ficando constrangida.

— Bom dia Maeda — Nara disse de repente. Droga... Que merda. Não quero me atrever a olhar.— Vem aqui um minuto, quero falar com você... — praticamente gritou, porém James resolveu ignorar, pois continuou andando — Mari segure ela, eu já volto — disse e foi atrás de James.

Assim que ela me deu Sora, pude respirar e ver onde James estava... Bem, ele parecia estar absorto em pensamentos, pois mal olhou em minha direção. Aproveitei o momento para sair daquele lugar, antes que ele me visse.

O meu grande problema foi Sora. Do nada ela resolveu começar um belo chorinho. Fazendo com que, quem estivesse na secretaria prestasse a atenção em nós.

— Mari, espere aí — Nara novamente falou.

Parece que fugir, ultimamente está fora do meu alcance. Eu não posso deixar que James veja Sora...

Minha Paz

Narrado por James

Um caos havia se instalado em minha casa desde que meu pai declarou falência da nossa empresa de seguros. Desde que fomos embora da Inglaterra por fecharmos uma das filiais, retornamos para cuidar da sede no Japão.

A empresa estava passando por dificuldades. Havíamos perdido um grande parceiro de seguros e a empresa iria fechar caso não conseguíssemos um novo sócio. Apesar de estar com dezesseis anos, meu pai gostava que Steve e eu estivéssemos a frente dos negócios.

Minha mãe não dormia a noite, passava dias em claro tentando confortar o meu pai que estava cada vez mais se afundando na bebida alcoólica. Ele nunca foi de beber, contudo, isto estava virando rotina.

Steve tentava segurar as pontas, ligava para amigos do meu pai que podiam ser possíveis sócios. E pela sorte ele encontrou uma família rica que morava na capital. Eles haviam conhecido meu pai por intermédio do meu tio e

pareciam estar interessados em tirar uma família da falência.

Em um jantar formal, onde meu pai fez questão que as famílias se encontrassem, tudo parecia estar acertado. Eles nos dariam uma quantia e ficariam com cinquenta das ações. Era arriscado, porém, meu pai dizia que era “Tudo ou Nada”. O “Início ou o Fim” de sua vida.

— Os Matsuo são uma ótima família. Vão reerguer a nossa empresa! — Meu pai festejava com o seu novo sócio.

— Aposto que sim querido — minha mãe o apoiava no jantar. — A Ayume é um doce de menina — minha mãe puxava o saco da única filha deles.

— Ela é extremamente irritante — me pronunciei.

— Como pode chamar uma garota que gostou de você de irritante? — Steve indagou.

— Eu chamo como bem entender... — falei.

— Meninos, não discutam. — Minha mãe quis apaziguar. Porém, esse era o começo de uma longa história.

A garota não quis mais desgrudar de mim, toda reunião de família ela sentava do meu lado deixando um forte cheiro de jasmim no ambiente.

— Acho que devemos ficar juntos — resolveu dizer quando conseguiu ficar a sós comigo. Eu entendi rapidamente o jogo de nossos pais, quando todos resolveram sair da sala de estar.

— Pois eu acho o contrário. Você é um incomodo — falei.

— Sabe o que seria um incomodo? Se o meu pai resolver não investir na empresa de vocês — disse me encarando com seus olhos azuis lascivos.

— Você está me ameaçando?

— Não, só estou lhe dizendo. Decida, você tem cinco segundos. Vai ficar comigo ou não? — Jogou os longos cabelos castanhos de lado e sorriu maliciosamente. Ninguém me intimava desta forma.

— Não — falei e levantei-me. — Preciso tomar um banho para que saia esse seu cheiro enjoativo de mim — dito isso subi as escadas.

Esta era a melhor decisão para mim, porém para os meus pais, foi o meu maior erro.

— Ela é uma garota linda, James, qual é o seu problema? — Steve indagou.

— Ela é insuportável — exasperei.

— Pensebem, o que você quer? Ela é rica, bonita, gentil... E se disser para os pais dela investirem na nossa empresa, nós voltaremos a nos reerguer.

— Ela é uma garota fútil.

— Dane-se. Nós só precisamos do investimento do pai dela. O papai estava quase entrando em depressão antes dos Matsuo aparecer.

— Eu sei — suspirei. — É somente por um tempo, certo? Até conseguirmos reerguer a empresa... — falei me sentindo sem escolha.

E foi então que arrumei uma namorada rica e psicótica somente por interesse familiar. Com toda essa confusão ocorrendo em minha vida, eu a conheci. Mari.

Fazia alguns meses que havia começado as aulas, eu mal aparecia em razão dos problemas com a empresa. Porém, após ter aceitado o namoro com Ayume, Hiro Matsuo depositou o dinheiro em nossa conta e começou a cuidar da empresa ao lado do meu pai.

Eu estava extremamente irritado com tudo que acontecia a minha volta e a minha sala parecia cada dia mais barulhenta. Satoru e sua turminha do fundo resolveu começar a gritar e fazer asneiras ao invés de prestar atenção na aula. Virei-me para xingá-los quando vi uma garota de cabelos negros olhar em minha direção.

Quando dei por mim, ela estava olhando diretamente para os meus olhos... Meu coração parou...



Era verão, estávamos enfurnados na sala de aula e meus pais estavam me deixando louco, desde que eu comecei a ignorar Ayume.

“Está afim de matar aula?” — mandei mensagem no celular de Mari. Ela era uma garota tranquila, e isso me transmitia paz.

“É química James, devemos prestar atenção” — disse, bem típico dela.

“Você sabe toda a matéria. Vamos sair, depois passa para mim a matéria. Você pede um passe para sair para a professora e eu saio um pouco depois” — falei, e automaticamente ela convenci. Sabia que ela não tinha coragem para dizer não a mim.

— O que vamos fazer para sair daqui? — Indagou inocente.

— Vamos pular o muro — disse. O que ela queria, que pedíssemos educadamente para abrirem o portão para matarmos aula?

— Você está louco. Eu não posso fazer isso — novamente ela estava sendo medrosa.

— Você pode, eu te ajudo, vem comigo — falei tentando transmitir confiança em minha voz.

Ela se retraiu por um instante, como se estivesse ponderando se devia ou não vir comigo. Logo após ela sorriu me dando a certeza de que queria vir comigo. A ajudei a subir o muro impulsionando meus braços para que ela subisse.

A levei para um parque silencioso — já que era horário das crianças estarem na escola. Caminhamos em silêncio. Ela sabia ficar em silêncio no momento certo.

Assim que chegamos, deite-me sobre o gramado.

— O que está fazendo?

— A aula estava um porre, na minha casa está insuportável de ficar.... Só quero um pouco de paz

— disse.

— Você me chamou para vir, eu sou barulhenta, vou tirar sua paz — falou.

— Não, você me deixa em paz — disse, já que estranhamente eu me sentia bem ao seu lado. Ela sorriu, suas bochechas ficaram mais rosadas... e deitou-se ao meu lado.

— Eu gosto de olhar para o céu, parece que ele nos uni a pessoas distantes — suspirei. O sol estava tépido, apesar do calor.

— Eu também gosto. Me dá uma sensação de paz — disse. Intercalando seu olhar para o céu e para mim.
— O que foi? — Indaguei. Gostava de vê-la constrangida.

— Nada — ela ficou com as bochechas ainda mais vermelhas.

— Como assim nada? Acho que você está querendo cócegas — disse a provocando.

Nossos olhos se encontraram por um breve instante. Aqueles olhos negros profundos, pareciam querer dizer tanto a mim... Uma sensação pareceu transbordar a minha alma.



Fazia alguns dias que Mari desapareceu minha vida. Não me olhava durante as aulas, saía correndo para não me ver e não retornava qualquer mensagem minha... Decidi vê-la pessoalmente, já que não me lembrava de ter feito algo para irritá-la ou magoá-la.

Era sábado à noite e meus pais haviam marcado um jantar de comemoração pelos seis meses de parceria com os Matsuo e consecutivamente pelos meus seis meses de namoro com Ayume.

Aproveitei o momento em que meus pais se arrumavam e decidencontrar Mari em sua apresentação de balé. Eu não entendia o porquê, mas eu realmente me preocupava com ela.

Peguei o carro e corri para a Companhia de danças, e ao parar de frente a Companhia, vi que havia um senhor sentado ao lado da porta.

— Vejo que o jovem está apressado — disse.

— Eu preciso encontrar uma pessoa — falei.

— Possover que seu *fio vermelho* te liga a essa pessoa a qual está indo encontrar... — Sorri tentando sair rapidamente dali.

— Acho que não deveria entrar de mãos vazias. Entregue para a moça essa rosa — falou e pegou uma flor azul que estava atrás de suas costas.

— Obrigado, mas não posso aceitar — falei.

— Não seja rude jovem — disse e sua expressão se enrugou.

— Tudo bem — falei e aceitei a rosa. — Obrigado por isso — me senti estranho com aquela abordagem. O senhor sorriu e despediu-se com um aceno. Entrei na Companhia e perguntei por Mari. Disseram que ela estava na sala de treino.

Bati na porta e dei de encontro com um garoto esquisito, que para minha sorte se retirou rapidamente. E lá estava ela, com um rosto sereno parecia uma boneca. Ela estava vestida com um tipo de vestido — não sei dizer o nome daquela roupa de balé. Mas o branco a deixava ainda mais delicada. Combinava perfeitamente com sua pele lívida, contrastando com seus cabelos negros e a suavidade dos seus olhos.

— Pensei que havia dito que não poderia vir hoje...

— disse já que eu me perdi no silêncio.

— E não posso. Só fugi por um momento da minha família para lhe entregar isto... — arrumei uma desculpa, entregando a flor que tinha acabado de ganhar do velhinho.

— Por que uma rosa azul? — Indagou.

— Porque Lago dos Cisnes? — Respondi com uma pergunta. Já que não sabia que a flor deveria ter um significado.

— Me responde primeiro... — pediu ficando constrangida.

— Achei que gostaria, eu não entendo muito de flores Mari — falei e sorri para mascarar a minha falta de entendimento.

Ela me explicou e mesmo assim não consegui entender.

— Não sei o que é Demi-plié, mas, o seu deve ser o melhor... — disse.
— Não me bajule, só porque não vai poder ficar para me ver.
— De qualquer forma, não acho que o Cisne negro combine com você. — falei, pois, a vivacidade de Mari era transmitida em seus olhos.

Nos despedimos depois da breve conversa.

Após ver sua figura segurar aquela flor que até então não me significava nada. Senti que deveria ficar para vê-la. Como se meus olhos suplicassem por isso. E então ao vê-la no palco percebi que estava com medo de viver sem ela.



Passou-se as férias e nenhum sinal de Mari, ela me ignorava todos os dias. Decidi que deveria me afastar, pois a nossa amizade parecia ter se perdido em um momento do qual não consigo me lembrar.

Durante uma festa do meu melhor amigo Kenichi, Mari decidiu vir falar comigo, fiquei surpreso já que ela parecia muito determinada.

— Eu preciso falar com você — me intimou. Percebi que sentia falta de ouvir sua voz.

— Pode falar — falei assim que sentamos em um canto no corredor. O barulho da festa estava insuportável. E eu estava exalando álcool. Não aguentava mais a pressão a qual estava sendo submetido em casa. Tentei terminar com Ayume após a apresentação de balé de Mari, contudo, foi tudo em vão. Ela fez um escândalo perante nossos pais. Houve uma ameaça de terminar a sociedade entre nossas famílias e meu pai disse que se mataria sem sua empresa. Desta forma decidiram que iriam se mudar para a capital.

A única forma de esquecer tudo era conversar com Mari, mas ela havia me abandonado, até o presente momento.

Sem delongas ou qualquer fala antecessora. Ela disse algo que me pegou de surpresa.

— Eu gosto de você! — E antes mesmo que eu pudesse dizer qualquer coisa ou que alguma linha de raciocínio pairasse em minha mente, seus lábios vieram de encontro aos meus... Deixei meus lábios nos dela de maneira que nossa respiração e nossos gostos se misturaram. Senti o cheiro de sua pele, os cabelos macios em minhas mãos. E me esqueci de tudo que estava acontecendo em nossa volta, do caos, do medo e incertezas.

Senti a necessidade de ter um pouco mais desta sensação. A levei para cima, para um quarto que eu não sabia se pertencia a alguém ou se era de hóspedes.

Nossos rostos estavam tão próximos que eu comecei a me perder em suas feições. Passei a mão nos seus cabelos, no seu rosto, na sua testa com a ponta dos dedos, as lágrimas escorrendo por seu rosto, meu nariz encostado no dela e ela não parava de me olhar.

Caminhamos entre beijos até cair na cama.

Uma das suas mãos se dobrou ao redor do meu pescoço, e as minhas mãos pressionou-se em sua cintura, enquanto a outra dançou do seu cabelo para seu ombro e nesse vai e volta parou em seu quadril.

Eu podia sentir a forma pela qual ela me queria, e um gotejamento de ansiedade começou na minha coluna. Depois nosso beijo se tornou mais forte e mais rápido, me concentrei no roçar da sua língua contra a minha, nas alfinetadas de calor onde seus dedos pressionavam minha pele.

Passei minha mão por suas coxas e senti ela estremecer embaixo de mim, eu queria muito que ela fosse minha, mas tinha medo de que ela se entregasse, afinal, eu não podia lhe oferecer nada além de minha amizade. Podia sentir sua respiração ofegante contra meu rosto, ela sabia o que eu queria fazer e parecia receptiva a isso.

Vagarosamente subi seu vestido e acariciei a pele em torno de sua intimidade, ela emitia gemidos bem baixos, como se pedisse para que eu não parasse, tomei coragem e

tirei lentamente a peça íntima. Os minutos seguintes foram os mais arrebatadores da minha existência, a garota com quem eu sonhava todas as noites estava em meus braços entregue a uma paixão que eu nunca havia sentido antes. Eu ansiava que esse momento fosse eternizado e que Mari fosse para sempre minha.

Coloquei o braço dela em volta de mim, enrosquei braços e pernas de modo a ficarmos bem enlaçados. Peguei sua mão e entrelacei meus dedos, beijei o nó dos dedos quando apertaram os meus.

Seu perfume, suor e sentimentos se fundiram em minha pele.

Na manhã seguinte recobrei minha consciência. Eu deveria ter me controlado! Aquela situação estava fora de controle... Não podia ficar com Mari, eu tinha deveres com a minha família e prometi para o meu pai que iria ajudá-lo.

Eu precisava pará-la e me parar principalmente. Com um peso na alma, sussurrei:

— Eu não gosto de você... — Sussurrei. O suspiro que saiu de mim então foi longo e trêmulo.

Doeu ver lágrimas rolarem de sua face quase que instantaneamente.

Lutei-me para me afastar. Levantei vestindo rapidamente minhas roupas. Sentei-me novamente para colocar o tênis. E senti delicadas mãos de me segurarem. Nossos olhos se encontraram por um momento, como se seu olhar me pedisse parar ficar. Soltei a mão dela e me levantei, meio relutante, sentindo a brisa fria em minha pele e um vazio na alma.

Não virei para trás por um momento sequer.

As lágrimas saíam em silêncio e me diziam que mais alguma coisa estava me deixando.

Adeus...

E é nesse momento que percebo que nunca mais vou ter aquela sensação de estar além da minha paz. De estar completo novamente.



Meu irmão estava estranho no fim de semana e resolveu que deveríamos ter uma conversa entre irmãos.

— James. Feche a porta — disse quando entrei no seu quarto.

— Ok... O que você quer? — Indaguei sentando-me na poltrona.

— Lembra daquela garota, sua amiga? — Questionou. Por que ele estava me perguntando sobre a Mari? Eles se viram poucas vezes...

— O que tem ela?

— Eu a encontrei na rua esses dias. Engraçado ela ter se mudado para a mesma cidade que nós, pensei que você tivesse fechado a boca em relação a isso. Ninguém devia saber — falou sentando-se na cama.

— Eu não contei a ela.

— Você eram só amigos?

— Sim — limite-me a dizer.

— Então, me conta, por que faltou o jantar dos pais da sua namorada para ir na apresentação de balé dela?

— Novamente ele estava me importunando com isso.

— Porque eu não estava afim deste jantar. Que droga, já se passou um ano, porque está perguntando de novo?

— Eu sei que não gosta da Ayume, mas eu preciso que seja sincero comigo.

Você gostava da Mari?

— Eu não vejo o porquê de uma resposta.

— E eu não vejo o porquê da sua relutância.

— Não estou afim desta conversa — disse e levantei-me indo em direção a porta.

— Você dormiu com ela? — Steve indagou antes que eu abrisse a porta.

Fiquei surpreso e parei automaticamente. Como ele poderia saber? Ignorei seus questionamentos e saí do quarto.



Estava caminhando absorto em meus pensamentos pelo corredor quando aquela professora irritante me chamou.

— Bom dia Maeda — Nara disse —, vem aqui um minuto, quero falar com você... — gritou, porém, decidi ignorá-la, aquela professora estava pegando no meu pé ultimamente. Para minha má sorte poucos segundos depois ela apareceu do meu lado.

— Diga — falei.

— Você anda faltando muitas aulas.

— Tudo bem, vou comparecer as aulas — cedi esperando que isso a calasse.

— Mari, espere aí — falou de repente ignorando o que eu havia dito. Decidi que seria a hora de sair correndo, porém, um chorame chamou a atenção.

Mari estava segurando uma criança e parecia completamente abalada. Segui Nara naquele momento, parecia que algo estava me chamando para perto.

Meus olhos pousaram em Mari e respectivamente no bebê. Seus cabelos eram ralos e negros e repentinamente ela ficou em silêncio. Os olhos da criança encontram os meus. Eram verdes e expressivos.

— Os olhos dela ... — por um momento Nara parou pensativa — são idênticos aos seus Maeda! É claro que isto é só uma coincidência — disse logo após.

Percebi um certo espanto no olhar de Mari... E se aquela criança fosse minha? Não, não. Isto não é possível. Meus pensamentos logo foram interrompidos por ela

...

— A minha irmã não para quieta, preciso levá-la para minha mãe professora — Mari se apressou a dizer. Medo emitia de seus olhos. — Até mais — disse e saiu correndo.

— Bem, está na hora de ir para a aula certo? — Indagou Nara.

— Sim... — respondi ainda assustado com os acontecimentos recentes.

Por que a Mari estava tão assustada? E por que uma estranha sensação pairou em mim ao ver sua irmã? E desde quando a mãe da Mari ficou grávida? Nem marido ela tinha... Caminhei distraído com tantos questionamentos pairando em minha mente.

Borboleta

Atordoadada segui pelo corredor tentando acalmar Sora. Ela havia mamado pela manhã e eu troquei a fralda. Não sei o que havia de errado com ela.

— Querida, o que está fazendo? — Minha mãe questionou vindo em minha direção.

— Ela não se acalma, por nada — falei.

— Me dê — disse e pegou Sora do meu colo.

— Ela está com calor, olha, tem até mesmo bolinhas no seu pescoço. — Disse examinando suas dobrinhas. — Vou tirar esta blusa e colocar algo mais refrescante nela. Pode ir para sua aula, vou me virar — disse. Assenti e me despedi.

Cheguei na sala de aula um pouco atrasada e sentei-me de frente para Nara, já que era o único lugar vago. A professora era muito curiosa e não sabia se era apenas impressão minha, mas ela estava implicando comigo.

Quando a aula acabou, levantei-me apressadamente e corri para o banheiro. Por um instante achei que alguém estava me seguindo, mas logo vi Emi atrás de mim.

— Possa te fazer uma pergunta? Prometo não contar a ninguém.

— Sim.

— Você é virgem? — Ela questionou enquanto lavava as mãos.

— Este assunto é muito íntimo — respondi.

— Fala sério, Juro que não direi a ninguém — falou.

— Ok. Não, eu não sou virgem, mas acredito que é melhor esperar — falei.

— Se você não esperou, por que aconselha alguém a esperar?

— Vai por mim. É melhor.

— Doeu tanto assim? — Indagou. Devia estar se referindo a dor física. Mas só consigo me lembrar da emocional por sobrepor a outra.

— Com a pessoa errada, dói sim — limitei a responder.

— E como vou saber se é o cara certo? O Ichiro está me pedindo para ficar com ele. E eu realmente gosto dele. Por que não posso fazer com o cara que amo?

— Acho que isto diz respeito a você. Se realmente o ama, vá em frente — falei ainda acreditando que ela faria bobagem. — Só se lembre de usar preservativo.

— Por que, você não usou? — Encarou-me secando as mãos.

— É só um alerta.

— Ok. Te vejo depois — disse saindo do banheiro. Suspirei e segui para minha aula de matemática.



Busquei Sora na creche esperando não encontrar ninguém no caminho. Para minha sorte, Steve, nem James apareceu. Em um certo momento, esperava que James aparecesse questionado algo. Não queria que ele descobrisse sobre Sora, porém algo no fundo de mim, implorava para que ele tivesse descoberto.

Fiz a higiene e dei leite para Sora assim que chegamos em casa. Peguei o notebook para fazer o dever, enquanto a segurava no colo, já que ela decidiu que não queria dormir nesta tarde.

Comecei a digitar a minha dissertação sobre os significados por trás de coisas sem relevância. O professor deixou que escolhêssemos algo livre. Decidi fazer uma dissertação sobre o significado espiritual da borboleta, sabendo que ela representa o renascimento e a imortalidade e que ela também

está associada à mulher, a metamorfose de seu ovo para lagarta e depois para crisálida e borboleta. Indica as etapas da alma para a iluminação.

Como a lagarta, estou presa em um casulo de arrependimento e aflições. Não conseguia desprender de James. E esperava que ele viesse até a mim.

Sora pulava em meu colo, suas mãos queriam bater no teclado e ela ria toda vez que conseguia tocar no computador.

— Meu amor, coopere comigo — pedi. Porém, ela não estava a fim de cooperar e começou a simular um choro. Me levantei e andei com ela pela casa. A balancei pela cozinha, sala e quarto. Ela não parava de pular. Sentei-me na minha cama com Sora no colo.

Minha filha estava inquieta e eu não tinha a menor ideia do que fazer. Comecei a ficar nervosa. E chorei. Aquele choro desesperado. Em que a dor presa em seu corpo e alma transborda. Eu não me calo, é um choro alto. Eu respiro fundo para que passe, mas as lágrimas me traem e caem em um ato contínuo. Estas lágrimas, elas contam sua própria história. Eu me lembro de tudo, de cada dor e em como meu coração foi se partindo em tantos pedaços.

Fecho os olhos e imploro para que passe. E então me vem aquele maldito vazio. Aquela fraqueza. O que fiz comigo? Com Sora? Ela não merece viver assim. Eu não sei o que fazer de mim e não consigo cuidar dela.

Não tenho direção eu estou apenas rolando estrada abaixo esperando que alguém me tire deste poço... Pois estou afogada em meus arrependimentos.

A campainha toca. E eu espero que a pessoa desista, pois não estou a fim de encontrar qualquer pessoa. Toca seguidas vezes e Sora se inquieta ainda mais. Seco as lágrimas e corro para abrir a porta.

Nada poderia me preparar para aquele momento. Meu uniforme estava amassado e sujo de leite. Meu rosto deveria estar inchado e para minha sorte, Sora ficou quieta em

meu colo, meus olhos dão de encontro com a visita inesperada e simplesmente achei que não aguentaria.

Meu coração parou... Me perdi nas feições dele, seu rosto atenuado, olhos questionadores e por um momento não pude dizer nada.

— O que está fazendo aqui? — Consegui questionar.

— Peguei seu endereço com a professora Nara — James respondeu. Fiquei imóvel, meus pés não saíram do lugar e Sora começou a se balançar.

— Vá embora — Pedi. Porém ele continuou firmemente parado em minha direção.

— Me deixe entrar — Ele pediu. Respirei profundamente e pensei que talvez, somente talvez, algo bom aconteceria. Dei espaço para que ele passasse e tranquei a porta.

Eu não sei o que ele vai dizer, e não sei o que quero que ele diga. O chão parecia ter sumido dos meus pés. Sentei-me no sofá e sentei Sora em meu colo. Ela começou a brincar com seus pés e fiquei encarando antes de me dar conta que James nos olhava.

— Sente-se — pedi. Oferecendo a poltrona a minha frente. James assentiu e um breve silêncio se instalou no local.

— Eu vim lhe fazer uma pergunta e quero sua sinceridade perante isto — começou a dizer.

— Por que eu seria sincera, se você não é sincero comigo? Quem foi o idiota que me deixou? — Indaguei.

— Eu não quero tocar neste assunto — disse.

— Então não deveria ter vindo.

— Escute, eu só quero uma resposta. Na verdade, eu não preciso dela. Só quero que confirme o que vou dizer...

— Pegou fôlego para continuar. — Este bebê... — Por um momento James mordeu os lábios e reparou em Sora. — É minha filha? — Inquiriu.

Este era o momento em que repassei diversas vezes em minha mente. Um milhão de argumentos silenciosos se agitaram na minha cabeça. O que eu poderia dizer,

“Sim, Sora é sua filha”. “Não, ela é minha irmã”, “Sim, seu idiota! Não está na cara?”.

Eu não sei. Tudo que eu diga neste momento não fará diferença. Pois ele sabe.

Consigo ver em seus olhos pesados e insistentes.

— Sim — disse. Por fim, ele deu grande suspiro, quase um estremecer.

Seca, mas não morre

Por mais de um ano, remoícada segundo que passei com James e tentei entender o que eu havia feito de errado para ter sido descartada desta maneira.

Fui pega de surpresa em uma paixão que me tirou os sentidos. Que me fez perder a linha e entregar tudo que tinha a ele. Me machuquei cada dia mais. Cada lágrima que caia, mais eu me maltratava. Termina isto Menina! Pedi a mim mesma.

Termina isto Mari.

Termine com esta dor. Tente esquecer-lo.

Me olhava todos os dias no espelho, lágrimas caindo e meu semblante pedindo por socorro. Pentei meus cabelos duras vezes e me forceia olhar para mim mesma.

A mesma cena. E a dor cada vez mais profunda.

Dói. Dói. Dói.

Dóise entregar de corpo e alma a alguém de mente vazia.

Dói sorrir a cada gesto que se passou. Para você é tudo, para ele nada. Dói saber que aqueles minutos de atenção não fazem diferença para ele.

Termina isto. Termina.

Ele não se importa. Cheguei à conclusão. Ele está pouco se importando com a dor que me causou. Ele não liga para as malditas noites em que passei me sentindo enjoada, sozinha e com um buraco extremamente vazio no peito.

Comparado a uma flor. Este amor, seca., mas não morre.
Está bem.
Está bem.
Está bem.
Você vai ficar bem Mari.
Eu vou ficar bem...
Quantas vezes eu tive que repetir a mim mesma isto?
Esperava que chegasse a hora em que em suspirasse
profundamente e dissesse:
"Acabou. Finalmente acabou."

E então quando acho que está perto de um fim, aqui está ele na minha frente. Perdido... Encarando nossa filha, com um semblante vazio e pálido.
— Por que não me disse antes? — Ele indagou após aquele longo tempo de silêncio.
— Você desapareceu, o que queria que eu fizesse?
— Questionei.
— Eu... — James não conseguia encontrar palavras.
— Olha, eu não quero nada de você, por que não continua sua vida e esquece de nós, assim como fez todo este tempo.
— Eu não me esqueci de você — sussurrou e baixou os olhos para não me olhar.
— Eu não quero ouvir isto. Você sabe o que fez. Qual é sua explicação? — Indaguei esperando que, talvez, somente talvez, houvesse uma boa explicação para o desaparecimento dele e quem sabe este motivo levaria toda a minha dor embora.
— Não posso dizer o que aconteceu agora. Só peço que me espere. Eu vou resolver isto...
— Resolver o que James?
— A minha vida.
Silêncio. Pensei em dizer algo, mas eu não fazia ideia do que o James precisava tanto resolver.
— Posso? — disse fazendo menção de pegar Sora no colo.

Meu corpo fraquejou. E deixei Sora passar para o colo de James. As mãos dele se encaixaram nas costas dela e ele a pegou no colo. Apoiou Sora no joelho para que ela ficasse sentada de frente para mim.

Tentei ler sua expressão, mas ele ainda parecia perdido.

— Qual o nome dela? — James quebrou o silêncio.

— Sora. — Falei, acreditando que ele não se lembraria do porquê do nome.

— Eu gosto de olhar para o céu, parece que ele nos uni a pessoas distantes — disse. Relembrando sua frase.

Suspirei, tentando segurar as lágrimas presas há tanto tempo. O sentimento que guardei dolorosamente em minha alma, pareciam querer sair de dentro de mim, gritar, estremecer... Cada centímetro do meu corpo tremia.

Não conseguia tirar meus olhos, queria guardar cada centímetro e respirar daquele momento. Sora apertou o polegar de James em sua pequena mão enquanto ele observava. Um sorriso se formou nos lábios de James.

— Eu vou ter que ir embora agora..., mas posso voltar amanhã? — Pediu.

— Por que quer voltar? — Questionei.

— Eu descobri que tenho uma filha, quero vê-la — disse entregando Sora a mim.

— Você não a viu nascer, não a viu abrir os olhos pela primeira vez, seu primeiro mamar, seu primeiro banho... A primeira roupa. Você não viu nada. — Senti um nó enorme na garganta, e o engoli. Memórias passavam pela minha mente.

— Eu sei que não vi nada disto. Mas eu não sabia. — Suas palavras surgiram devagar, como se ele estivesse tendo muito cuidado.

— Você não quis saber. Você desapareceu droga! Sabe o que aconteceu comigo? Você não tem nem ideia da dor que me causou... — As palavras saíram de minha boca como pedras. Não conseguia mais guardar aquilo dentro de mim. Eu pensei tantas vezes em desistir de tudo.

James me fitou, nossos olhos se encontraram, não desviei, apenas encarei aquela expressão fria e olhos

perdidos. E então, ele se aproximou aos poucos, seus braços se aproximaram de mim e Sora, e nos envolveu em um abraço.

Ele estava rígido. Senti uma repentina onda de afeto. Foram poucos segundos até seus braços se afastarem novamente.

O olhar dele era obstinado. E ficou tenso conforme ele aguardava a minha reação. Era como se o muro que existia entre nós estivesse se quebrando. Uma sensação inefável tomou conta de mim.

Vi um milhão de coisas no jeito como me olhou: Medo. Receio. Indecisão. E até mesmo, alívio. Senti por um breve momento que o nosso destino ainda pudesse ser mudado.

Me senti aliviada. Como se tivesse exonerado de mim uma parte dolorosa e incômoda.

— Te vejo amanhã — disse por fim indo em direção a porta. Minha cabeça esvaziou. E, sem saber direito o que fazia o seguí até a porta.

Vi pela última vez sua expressão e sem dizer mais nada, ele virou-se e foi embora.



— Eu estou muito feliz! — Emi disse quando nos encontramos no intervalo.

— Sério? O que aconteceu de tão especial?

— O Ichirome chamou para ir na casa dele hoje, os pais deles vão sair por umas três horas... E então, finalmente vamos transar! — Ela disse extasiada.

— Nossa... Você tem certeza disso? — Questionei.

— É claro que eu tenho.

— Bem, espero que dê tudo certo — falei, esperando realmente que minhas palavras não soassem vazias.

— E então... Você conhece o James? — Mudou de assunto.

— Por que a pergunta?

— Porque vocês sempre se encaram as vezes, e no primeiro dia de aula, vi ele indo atrás de você.

— Nós estudamos juntos, só isto — falei.

— Mentirosa. Aposto que houve algo entre vocês.
— Não houve. Ele é só um conhecido... —
Suspirei e tentei pensar em algo para mudar de assunto. — Você comprou a camisinha? — Indaguei.
— Ele vai cuidar disto.
— E se ele se esquecer?
— Não vai. Isto é coisa dos homens certo? O máximo que devo me preocupar é que lingerie vou usar. Será que eu vou sangrar?
— Algumas meninas não sangram, e as vezes nem dói.
— Me conta sua experiência — ela pediu toda animada.
— Não tem o que contar.
— Claro que tem, foi bom? Você tinha planejado? Era seu namorado? — Jogou as perguntas. Sorte a minha que o sinal tocou naquele momento.
— Eu te conto depois, vou para a aula de Física.
— Falei e ela assentiu.
— Mari! — Ouvi Nara me chamar enquanto eu andava pelo corredor. Vire-me e parei para que ela me alcançasse.
— Sim professora.
— Posso conversar com você depois do horário?
— Pode — falei.
— Me encontra na sala dos professores. Até mais — disse entrou em uma sala.
O que ela queria comigo? Lembro que James disse que pegou o meu endereço com ela. O que será que ele disse para conseguir?
— Feche a porta e sente-se — Nara disse.
— Eu não posso demorar muito, preciso buscar minha irmã — disse ao me sentar.
— Sua filha... — Corrigiu. — Ninguém me contou, antes que se pergunte. Eu só juntei fatos.
— Sim, minha filha — tive que admitir.
— E como está lidando com tudo isso? — Indagou.
— Porque quer saber? Eu não estou fazendo nada de errado.

— Eu sei. Só quero que saiba que se precisar de ajuda, estou pronta para isto. — Falou e seus olhos pareciam se perder em algo. — Eu tenho um amigo, ele é psicólogo, entendo que é difícil sua situação, e se precisar de ajuda psicológica, ele pode lhe auxiliar — disse entregando-me um cartão.

— Certo. Obrigada então — senti-me constrangida com seu olhar de piedade.

— Você conversou com ele? — disse e pude deduzir que era de James que estávamos falando.

— Sim... Isto não é importante. Estamos muito bem sem ele.

— Suspirei.

— Tudo bem, tome cuidado. Se essa história se espalhar temo que sofra algum tipo de rejeição dos seus colegas.

— Eu sei.

— Precisando de apoio, estou aqui.

— Obrigada, mas preciso ir, tenho um horário para buscar Sora.

Por fim, Nara ainda quis me abraçar, como se ela tivesse realmente tocada com isto, sem nem ao menos conhecer minha história.



Sora estava muito mais calma quando chegamos em casa. Na noite anterior ela estava extremamente irritada com o calor e não conseguia pegar no sono profundo. Minha mãe me ajudou a dar banho nela e a fiquei balançando até ela ficar cansada e resolver dormir. Acho que era umas três da manhã quando isto aconteceu.

O dia estava mais fresco e consequentemente ela se acalmou.

Abri as janelas de casa e deixei Sora no cercadinho brincando com uma baleia de pelúcia e fui fazer sua mamadeira. Não esperava que James aparecesse, afinal, não o vi nem na escola.

A campainha toca e tento conter meu nervosismo.
Minhas mãos suam e meu coração não consegue se conter.
Abro a porta e vejo que é realmente ele.

— James...

— Mari...

Ficamos nos encarando por segundos constrangedores.

— Entre — falei por fim. — Não esperava que voltasse

— disse ao fechar a porta.

— Eu disse que voltaria...

— A Sora está no cercadinho... Pode se sentar no sofá, estou fazendo a mamadeira dela. — Disse e fui para a cozinha. Tentei normalizar minha respiração. Fiquei em direção a pia. Fechei meus olhos tentando entender o que estava acontecendo. Qual era o problema de James, por que ele não me contava? Por que ele se mudou e por que ele está aqui agora?

Coloquei a água para esquentar alguns segundos no micro-ondase logo após coloquei o pó. Mexi a mamadeira e experimentei na palma da mão. Estava bom.

Ao chegar na sala vi que James somente observava Sora. A peguei no colo e sentei-me no sofá. Inclinei Sora levemente no meu colo, coloquei o babador em seu pescoço e dei a mamadeira em suas mãos. Ela já sabia tomar sozinha.

— Ela tem sete meses? — James indagou enquanto continuava nos observando.

— Vai fazer sete na próxima semana.

— Ela já come algo?

— Sim, ela come papinha, alguns tipos de frutas e estiverem batidas. — Falei.

— Você precisa de ajuda financeira? — Indagou.

— Não. Quer saber mais alguma coisa?

— Você ainda gosta de mim? — Seus olhos procuraram os meus, mas eu não conseguia encará-lo.

Eu ri. Ri por desacreditar em tal pergunta.

— Eu não gosto de você — respondi. Exatamente como ele havia feito comigo.

— Eu menti naquela vez... — Disse e se levantou.
Parando de frente a mim.
— Então continue mentindo! — Exclamei.
— Eu não quero.
— Eu estou bem. Sora está bem. Nós não precisamos de você.
— Falei e aquela mentira parecia me corroer.
— Eu te amo... — sussurrou quase como se estivesse
dizendo isto para o vento.
Fez-se um curto silêncio.
Não consegui falar. Vi a mandíbula de James se
enrijecer por um momento.
— Me ama? Aonde que não vejo? — Embora eu ame
tudo nele, não consigo sentir o que ele diz, mesmo tendo
esperado tanto por este momento.
— Eu vou te mostrar. — Falou desta vez ajoelhando-se
para igualar nossos olhares.
— Quando? Agora? Se não for agora, eu não quero
mais. — Nossas feições pareciam se igualar. Abaixei os
olhos e ele fez o mesmo.
— Eu não posso, não agora. — Disse.
Antes que eu pudesse dizer algo. Antes que Sora chorasse
porque o leite acabou. A porta se abriu repentinamente e
minha mãe entrou.

Formiga e Cravo

Agora consigo entender o tempo que demorei para
aceitar a partida de James, porque ele nunca me
deixou. Embora meu coração tenha aceito sua partida,
minha alma ainda acreditava que ele voltaria.

Mesmo quando aqueles dois risquinhos do teste de
gravidez apareceram, eu não queria xingá-lo, só queria
que ele estivesse comigo e dissesse “vai ficar tudo bem”.

Resquícios de mim sentiam que embora estivesse longe,
no lugar que estivesse, ele voltaria para mim. Não sabia
quando e como seria, mas agora, agora que ele voltou,
não consigo mais pensar em nada.

— O que você está fazendo aqui? — Minha mãe disse
de imediato.

— Ele veio ver a Sora — respondi.
— Isso pode ficar doloroso, Mari.
— Ele simplesmente nos encontrou mãe.
— E eu pressuponho que você não tem intenção de criar a Sora — Minha mãe se dirigiu a James.
— Eu tenhoo direito de vê-la. — James se pronunciou. — As pessoas têm feito isso há muito tempo, certo? Nós podemos fazer isso.
— Vocês são crianças! Não sabem o que fazem.
— A Mari e eu podemos fazer dar certo. — ele acabou dizendo.
— Largar a escola? Desistir dos seus sonhos? Fazer isso em tempo integral? — Minha mãe despejou as palavras.
— Mãe, essa decisão não é sua. — Acabei dizendo. Ela parecia tão acusadora.
— Não é minha decisão, mas eu acho que sou parte da decisão — retrucou. — James, os seus pais sabem sobre isso? Você quer que eu converse com eles?
— Não... Eu preciso ir embora — James disse. Veio até a mim, beijou o Sora. E sussurrou “Eu vou voltar”. — Me desculpe senhora — disse por fim saindo pela porta.
— Você está ficando louca? — Minha mãe questionou quando James saiu.
— Eu não estou louca. Ele simplesmente apareceu — respondi. Deixei Sora engatinhando no chão, enquanto minha mãe surtava.
— Ele simplesmente apareceu? Como você conseguiu encontra-lo?
— Minha mãe me encarava desconfiada.
— Ele se mudou para cá. E está estudando junto comigo novamente... — respondi.
— Não acredito... Não quero ver ele por aqui... Nós nos mudamos para começar uma nova vida. E esse garoto irresponsável aparece de repente...

— Ele quer conhecer a Sora... — falei. Enquanto puxava Sora para perto de mim, ele já estava chegando até a cozinha.

— Eu não vou deixar — disse.

— Ele é o pai dela. Tem direito — acabei dizendo e me arrependi no mesmo instante ao ver a expressão zangada da minha mãe.

— Qual foi a nossa promessa? Preciso te lembrar?

— Não mãe... Não começa...

— Você deu à luz a Sora, e por isso, Mari, você é a mãe dela. Mas tem um monte de coisa mais que ser mãe representa. — Ela sentou-se no sofá e Sora foi engatinhando até ela.

— Eu estou tentando — falei.

— Só estou te lembrando que, a nossa promessa era que eu iria te ajudar. Iria fazer de tudo pela Sora quando decidimos que não iríamos dá-la para a adoção. Mas qual era a condição? Estudos em primeiro lugar? Entrar em uma faculdade, trabalhar... Crescer na vida.... Então me fale, o que esse rapaz vai lhe trazer? Eu não aguentava te ver caída no sofá com um barrigão enorme e chorando todos os dias.

— Isto já passou...

— Então não fantasie...

— Eu não estou fantasiando. Eu só disse a verdade. Que droga mãe, não jogue o que passou na minha cara! Quando eu tive a Sora, eu agonizei a respeito da coisa certa a se fazer. Devo dá-la à adoção? Devo voltar para a escola e deixar minha mãe criá-la? Devo arranjar um emprego e colocá-la em uma creche? Mas eu estou começando a perceber...que não é sobre o que é melhor para mim. É sobre o que é melhor para minha filha.



Aguardei o sermão da minha mãe durante a noite e a manhã seguinte.

— Se ele vier falar com você simplesmente o ignore. E avise-o que se ele quiser ver a Sora, somente perante o juiz — minha mãe advertiu antes que eu descesse do carro.

— Está bem — assenti.

Sai do carro. A única coisa que eu queria era alguns minutos de paz. Tempo para pensar e tempo para digerir tudo que James disse. Fazer dar certo? E ainda dizer que me ama? O que tinha acontecido com ele? Nem parece o garoto que me abandonou após transar comigo...

O que ele tinha que resolver?

Andei pelos corredores até dar de encontro com Emi.

— Está rolando boatos que você tem um filho — ela me advertiu.

Fiquei assustada, como descobriram?

— O que? Que filho? Quem está inventando isto? — Indaguei.

— Quem inventou eu não sei. Só sei que ouvi isto no vestiário — afirmou.

— Vamos para a aula — mudei de assunto.

Cheguei na sala e percebi que algo de errado estava acontecendo. Várias pessoas me encaravam e cheguei até a ouvir risadinhas.

Sentei-me na primeira carteira e tentei ignorar os comentários. Porém era impossível não perceber que todos estavam comentando de mim.

“É por isso que está atrasada na escola” ouvi um comentário.

“Vadia” outro sussurro.

“Ouvi dizer que ela nem sabe quem é o pai” Mais um murmúrio.

O que estava acontecendo? Como todo mundo de repente descobriu sobre minha filha? Peguei minha bolsa, eu não iria aguentar aquilo. Levantei-me e antes que eu pudesse sair, alguém segurou minha mão.

— Vamos sair daqui — James disse.

Fiquei surpresa, como todo mundo ficou. James me puxou para fora da sala e eu só pude assentir com isto.

— O que você está fazendo? Não podemos matar aula — falei.

— Não é a primeira vez que fazemos isto — disse e me puxou pelo corredor. Passamos correndo por Nara. E ignoramos qualquer palavra dela. O portão não havia se fechado ainda. Então foi possível sairmos sem precisar pulá-lo.

Foi uma corrida. Aposto que teríamos problemas no dia seguinte.

Só paramos para conversar quando estávamos há duas esquinas da escola.

— Por que fez isto? — Indaguei.

— Eu não iria aguentar ver as pessoas falando de você daquela maneira — disse enquanto caminhávamos.

— Como descobriram, eu não contei para ninguém... — falei.

— Eu não sei. Só sei que cheguei na escola e estavam todos comentando sobre a garota nova que tinha um filho — respondeu.

— E agora? Que droga! — falei. — Fugir não vai adiantar James. Mas já que estamos aqui... Vamos conversar por um momento — disse e paramos em um café.

— Dois cafés expressos, por favor — James pediu. Ele sabia que eu adorava café expresso. Sentamo-nos um de frente ao outro.

— Minha mãe não ficou nada feliz ao te ver em casa. E você só vai poderver a Sora se entrar na justiça — falei.

— Isto não é justo — ele disse.

— Justo? Sabe o que não é justo? Não me faça dizer tudo o que passou.

— Tudo bem... Eu vou dar um jeito... Você pensou no que eu te disse?

— Não tem o que pensar. — respondi enquanto a garçonete servia o nosso café.

— Eu... — ele suspirou antes de continuar. — Fui sincero. Sei que não posso concertar o que fiz com você. Mas eu queria pelo menos melhorar isto.

— Você pode ver a Sora. Só precisa falar com seus pais e pedir que eles entrem com uma ação. Fazer o teste de DNA e outras burocracias — respondi e tomei um gole do café. Amargo. Extremamente amargo.

— E quanto a nós? — Questionou.

— James! Por favor. Não existimos.

— Para Mari. Para de agir como se não se importasse — ele pediu.

— Eu não me importo James. Já deixe de me importar há muito tempo. Eu sou a formiga e você é o cravo... — falei.

— Que história é esta?

— O cravo espanta a formiga... Você é tóxico para mim.

James ficou em silêncio. Tomei o último gole de café rapidamente.

— Eu vou embora. Já que sei mais cedo, vou buscar a Sora — falei e me levantei.

— Espere... — ele pediu e eu o ignorei. Sai correndo pela rua. Mas James continuou me seguindo.

— Seja sincera comigo. Eu sei que você ainda me ama — disse. Virei-me para ele.

— E o que esse amor me trouxe? Dor? Raiva? Decepção? Eu não preciso desse amor. Então, por favor, me deixe em paz — pedi enquanto o encarava. James me fitou por um instante.

Ele se aproximou sem dizer nada. Me enlaçou pela cintura. E mesmo que eu tentasse fugir, minha alma pedia por ele. Seus olhos se fecharam gradativamente quando nossos lábios se encontraram. Sua boca parecia conhecer a minha tão bem...

Nossos gostos se mesclavam e nossa alma parecia clamar por esse momento. Senti cada centímetro do seu corpo meu.

Como se não fossemos mais nos desgrudar. Lágrimas pareciam se fundir em nossa pele. Sussurrando por isto.

Aos poucos nos afastamos.... Estávamos nos beijando no meio da rua. Isto era vergonhoso.

— Akai ito.... — Um velhinho que estava nos observando disse. Eu não havia reparado que ele estava sentado na calçada antes. — Só viveremos a experiência do verdadeiro amor com a pessoa que estiver na outra ponta do fio vermelho.

Você estão destinados... — disse se levantando.

Fiquei um pouco assustada com essa abordagem. Pensei em dizer algo, mas o velhinho começou a caminhar na nossa direção oposta.

Flor de Lótus

Na Odisseia de Homero, existe um episódio em que três homens são enviados para a ilha de forma a investigá-la. No entanto, por comerem as flores de lótus como os restantes habitantes, esquecem que têm que voltar para o barco. Mais tarde, Ulisses consegue resgatar os homens e teve mesmo que os amarrar ao navio para que eles não voltassem para a ilha.

Através desta história, Homero demonstra toda a sua criatividade e conhecimento a respeito do ser humano, porque a amnésia causada pela flor de lótus é uma coisa que muitas pessoas desejam: a possibilidade de começar de novo, de renascer e apagar o passado.



Não conseguia mais entender o que estava se passando na minha vida. Não entendia o que aconteceu com James e não podia acreditar no que ele estava dizendo. Como ele pode me deixar daquela forma e agora dizer que me ama? Como alguém que ama pode abandonar? Não posso lidar com isto.

Pedi que James conversasse com seus pais e marcasse uma reunião — como minha mãe havia sugerido. Passou-se duas semanas desde então e para piorar James não apareceu mais na escola.

— Você sabe onde o James mora? — Questionei a Emi quando estávamos na aula de química.

— Eu não sei, mas sei quem sabe. O Ichiro — me respondeu.

— Você pode me fazer o favor de pedir a ele? É muito importante — falei.

— Você é apaixonada por ele, não é? E mais, seu bebê... É filha dele, certo? — Ela começou novamente com essa história. Eu não havia negado, nem admitido que tivesse uma filha, mas Emi já havia tomado suas próprias conclusões.

— Emi, por favor — pedi.

— Tudo bem, vou pedir a ele — disse e cessamos a conversa.

Depois que rolou o boato de que James e eu tínhamos um filho, me importunaram durante uma semana, contudo, logo isto passou, veio à semana de provas e o pessoal tinha outros boatos para comentar. O meu maior problema com isto, foi que minhas notas foram as piores de toda a minha vida.

Assim que deu horário de ir embora, Emi me procurou.

— Aqui está — ela disse e me entregou um bilhete com o endereço de James.

— Muito obrigada — falei e a abracei. — A gente se vê amanhã. — Apesar de estar reclusa a amizade, Emi havia sido uma boa pessoa comigo durante o tempo que estou no colégio.

O Endereço ficava há duas quadras depois da escola. Fui a pé e alguns minutos depois eu já estava na casa de James.

Andei com passos curtos ao ouvir pessoas falando no jardim.

— Meu amor, já podemos marcar a data do nosso casamento! Papai me disse que vai colocar todos os investimentos dele na empresa. O seu pai está doente, não vamos adiar mais isto. — Uma garota disse.

— Tudo bem, vamos marcar a data — Aquela voz era de James? Escondi-me atrás de uma árvore quando vi uma garota sair. Ela tinha cabelos castanhos e pele branca e estava vestida com um vestido rosa chamativo.

— Até mais tarde, amor — A garota disse e se virou para beijar... James.

Minha respiração ficou tensa e minhas mãos começaram a suar. Aquela garota havia acabado de beijar James e iria se casar com ele? Como isto pode ser verdade? Eu não posso acreditar nisto.

Assim que a garota entrou no carro e foi embora, corri em direção a James que ainda está fora da casa.

— Desgraçado! — Gritei enquanto batia em seu peito. — O que é isto que eu vi? Casamento? Você está me enganando de novo. Mas que droga James! — urrei.

— Mari, eu posso explicar...

— Você não pode explicar. Que merda é essa James? O que há com você? Como pode mentir compulsivamente, imbecil.

— Meu pai está doente. Mari... Eu não posso abandonar minha família — disse com a voz embargada. Seus olhos estavam vermelhos, como se ele estivesse prestes a chorar.

— Vai se ferrar — falei andando em direção oposta.

— Mari, me escuta, por favor. Eu quero registrar a Sora. Quero ficar mais próximo da minha filha — disse correndo para parar na minha frente. O maxilar dele estava rígido, a expressão estranhamente furiosa.

— Escuta aqui. Você vai fazer um favor para mim. Não vai chegar perto nunca mais de mim e da minha filha. Não quero explicações, nem droga nenhuma de você. E me deixa em paz! — falei. James tentou se aproximar de novo de mim, segurando meus braços quando tentei bater nele.

— Mari, eu só preciso de um tempo para resolver isto.

— Não. Eu não vou dar tempo nenhum. Agora me solta, ou eu vou gritar muito! — falei. Sua face enrijeceu e ele me soltou. Eu tive vontade de chorar, mas eu tinha absoluta certeza de que não podia ficar perto dele.

— Eu vou dar um jeito nisso, tenta me perdoar...

— Vai para o inferno! — falei e comecei a correr para longe dele.

As lágrimas nublavam meus olhos.

James... Como ele pode me enganar? Como ele pode dizer que me amava? Por um momento eu cheguei a acreditar que ficaríamos bem...

— Está tudo bem. Eu vou ficar bem — fiz uma promessa a mim mesma.



Pensei que as coisas não podiam ficar piores, mas me enganei ao chegar a minha casa. Dei de mamar para Sora e minha mãe chegou bem mais cedo do que de costume.

— Precisamos conversar... — disse me encarando firmemente.

— Está bem — falei enquanto ninava Sora em meu colo.

— Perdi meu emprego na corretora. Não era a melhor empresa para se trabalhar, na verdade é uma droga! Era meta atrás de meta, eu estava tão preocupada com você e Sora que não dei conta... — disse enquanto sentava-se ao meu lado no sofá.

— Tudo bem mãe. Só fique calma.

— Nós não temos muito dinheiro guardado. O seu pai anda atrasando com sua pensão. É uma merda mesmo.

— O que podemos fazer mãe?

— Primeiro você precisa melhorar na escola, Mari eu fiz um investimento, você iria estudar.

— Desculpa, mas eu não estive bem.

— Outra coisa, o que aquele garoto disse é loucura, vocês não podem cuidar da Sora sozinhos.

— Esquece isso. Vou estudar ser uma boa filha, ok — falei. Minha mãe não precisava saber nada sobre James.

— Ele quer registrar a Sora? — minha mãe questionou.

— Eu não quero mãe.

— Ele não falou com os pais dele?

— Mãe, vamos esquecer isto. Vamos fingir que eu nunca o reencontrei.

— Está bem. Vou procurar um emprego. E você, pelo amor de Deus. Foque nos estudos. Nós fizemos um acordo! — disse.

— Ok. — Fiquei triste por perceber o quanto o meu erro estava nos custando. Se eu não tivesse sido tão idiota no passado, nós não estaríamos passando por essa situação.

Deitei em minha cama assim que Sora dormiu. Eu não fazia ideia do que fazer. Não tinha perspectiva do futuro e nem ao menos do presente. Não queria pedir ajuda a James ainda mais depois de descobrir o quanto ele era mentiroso. Eu queria poder começar de novo, renascer e apagar o passado.



No dia seguinte minha mãe disse que ficaria com Sora para economizar e não precisar pagar a creche. Iriamos viver por enquanto com o dinheiro que sobrou da venda da nossa antiga casa — já que estávamos pagando aluguel da nova morada. Minha mãe não quis firmar uma moradia nesta cidade, pois ainda não tinha certeza se era o melhor lugar para morarmos.

O dinheiro da casa ficou como garantia para comprar outra quando possível, mas era para emergências. Ainda havia o dinheiro da pensão do meu pai e o salário que minha mãe recebeu da empresa. Não tínhamos muitas garantias, mas não havia muito que fazer.

Fui para a escola e logo quando cheguei fui abordada pela professora Nara.

— Vamos conversar — disse. Assenti e fomos para a sala dela, Nara além de dar aula de educação moral, era orientadora, como se fosse uma psicóloga dos alunos.

Fechei a porta e Nara indicou para que eu me sentasse a sua frente.

— Você precisa de ajuda. Não presta atenção nas aulas, te peguei fugindo da aula com James. Sei sobre os boatos e Mari... Eu sinto que você é uma boa garota, mas, você precisa me dizer o que acontece na sua vida.

— Professora, você quer mesmo saber o que acontece na minha vida? Pois bem. Tenho dezessete anos e uma filha de sete meses. O garoto que me engravidou, que, aliás, é o James, sumiu da minha vida e só agora que o reencontrei. Minha mãe perdeu o emprego e eu sou uma droga como mãe, eu não faço nada direito! — desabafei. A expressão de Nara, quando olhou para mim, era quase de desculpas.

— Ser mãe na adolescência não é para ser uma tarefa fácil. Aliás, ser mãe em qualquer idade não é fácil, mas você precisa conversar com ele, o pai da sua filha. Você não deve carregar esse peso sozinha. Sei que sua mãe a está ajudando, mas você sabe que este não é o trabalho dela, e sim de vocês dois. — Ela estava tentando me dar um conselho, mas não era o melhor conselho para mim.

— Eu simplesmente sinto que não posso fazer isto, entende? Estou desgastada. Eu não tenho condições psicológicas para lidar com tudo que está acontecendo. Só estou vivendo um dia de cada vez — Ao falar isso, senti lágrimas brotarem nos meus olhos.

— Você considerou a adoção? — ela questionou.

— Você acabou de me dizer que cuidar da minha filha é meu trabalho.

— E é seu trabalho, mas se você não tem condições para isto, o que vai ser desta criança quando crescer? Quando perguntar sobre o pai? Ou quando perceber o quanto você é infeliz?

— Eu não sei que drogavai acontecer na minha vida — levantei-me para tentar conter as lágrimas. — Eu não consigo, eu não sei mais... Eu... Estou desesperada.

— Mari, tudo bem, se acalme — Nara se aproximou de mim. — Eu querote ajudar...
— Não, não preciso, eu vou dar um jeito...
— Eu posso falar com James, chamar os pais dele para uma conversa.
— Não! Por favor, não. Eu não quero nada do James. Não se intrometa nisso. Não é o seu trabalho! — Exclamei caminhado até a porta.
— Ok. Mas meu trabalho é orientar os alunos, você está indo de mal a pior na escola.
— Eu vou melhorar. Obrigada pela preocupação — falei e sai correndo o mais rápido possível para que Nara não me parasse.
É engraçado como as pessoas tem essa mania de querer nos dar conselho, mas não fazem nada para nos ajudar verdadeiramente. O que adiantava conversar? A minha vida não iria mudar, James não deixaria de ser um babaca. Essa é a realidade.



Fui andando até minha casa e por um momento eu peguei o caminho da creche para buscar Sora, mas acabei me lembrando de que minha mãe estava com ela em casa. Acabei tendo que voltar.

No meio dessa caminhada encontrei James me seguindo de carro.
— Mari, precisamos conversar — ele pediu.
— Eu não quero ver você e muito menos conversar — falei andando mais rápido.
— Eu tenho direito de me explicar.
— Você não tem direito de nada, agora some! — Exclamei. Porém ele parecia irredutível. Parou o carro e saiu vindo em minha direção.

James parou de frente a mim, seus olhos pareciam pedir piedade e ao mesmo tempo pareciam pedir socorro.

— Por favor, me escute — sua voz estava embargada.

— Fale rápido — falei ajeitando minha saia que estava amassada.

— Meu pai está doente. O sócio dele tem oitenta por cento da empresa. E com isto nossa família praticamente perdeu o negócio. Não temos o que fazer... — James parou de falar por um instante para analisar minha face. Porém eu não tive reação alguma e ele continuou a falar. — A filha deste sócio é tão mimada e egoísta e está fazendo de tudo para se casar comigo. E este foi o pedido do meu pai... Ele quer que eu me case com ela.

— Isto é um absurdo. Você só tem dezoito anos, não é obrigado a se casar. — Peguei fôlego para continuar, se eu não dissesse logo tudo o que eu sentia, não diria nunca mais. — James, por que você aceita o que a sua família quer? Você não é obrigado a nada. E por mais que me peça eu não posso e não vou te perdoar por isto. Você pode querer fazendo isto por sua família. Mas e a Sora? Aposto que nem falou dela para seus pais.

— Eu te disse que quero registrá-la, eu quero cuidar da minha filha. — Sua voz é abafada por um caminhão que passa.

— Você quer cuidar da sua filha? Ah é mesmo, engraçado dizer isto, por que você não cuida nem de você mesmo, não tem autonomia para nada, se seus pais disserem para você não ser o pai dela, o que você vai fazer? Acatar a ordem dos seus pais? Aposto que sim. — Falei me recuando um pouco de James que parecia se inclinar cada vez mais para perto de mim.

— Você não consegue entender, a única coisa que eu queria era a possibilidade de começar de novo, com você e a Sora. Mas... O que eu posso fazer? — Sua expressão se enrijeceu.

— Você sabe muito bem o que deve fazer. E quando souber me procure, se eu ainda estiver disposta a te ouvir.

— Eu... Eu... — James passou a mão pela sua testa, e fez menção de se aproximar novamente de mim e eu recuei. — Está bem.

— Você tem uma semana. Agora eu vou embora, faça o favor de não me seguir — Falei, me esquivando dele para ir embora.

— Eu vou te procurar — ele disse. Por um momento eu virei para ver sua face, sua expressão se entristeceu como se suplicasse por algo. Virei novamente para frente, com lágrimas nos olhos. Talvez, somente talvez, nós poderíamos começar de novo.



— Recebi uma ligação do meu antigo emprego — minha mãe disse assim que cheguei a nossa casa.

— Ah é, e o que disseram? — perguntei enquanto fui dar um beijo na Sora que estava em um cercadinho.

— Eles perguntaram se não estou disposta a voltar a trabalhar para eles...

— O que? Isto nos faria voltar para nossa cidade antiga? Isto é for dos seus planos, era para recomeçarmos, não é? — Quase surtei qual a possibilidade de voltar para aquela cidade. Todos os olhares me julgando... Não, eu não quero.

— Nós não voltaríamos. Eles querem que eu trabalhe na sede, que fica nos Estados Unidos — minha mãe jogou esta bomba.

— Não, não. Isto é um absurdo. Mãe, nós não podemos, e se eles te demitirem, após, sei lá, três meses? O que seria de nós? — Falei sentando no sofá.

— Eles ofereceram um contrato de cinco anos. Isto resolveria nossa vida. — Falou se sentando ao meu lado. — Nós não temos nada a perder. Vamos ter um apartamento. Eles vão conseguir uma vaga para você na escola e vai ter uma creche para Sora, já que é convenio da empresa.

— Isto é um absurdo. Não quero mais falar sobre isto. Não quero ter que refazer minha vida novamente. Isto é fora de cogitação — falei e levantei-me para ir por meu quarto.

— Vamos pensar sobre isto, eles me deram esta semana para decidir — minha mãe disse por fim.

Eu queria me agarrar na esperança de que James iria fazer algo por nós, havia um fio de esperança em mim. Se ele se resolvesse, se não tivesse tantos medos e receios, tudo ficaria bem, e eu teria motivos para ficar.



Quatro dias se passaram desde que eu falei com James. Minha mãe ainda estava tentando me convencer sobre a proposta de emprego, mas eu pedi que ela fosse até a empresa e solicitasse um cargo para ela na cidade.

Sora estava um pouco irritada, tinha tido febre na noite anterior, fiz o leite e a acalentei em meu colo até que ela conseguiu dormir.

Sentei na sala para ver televisão e acabei dormindo também. Só acordei com a campainha. Não deveria ser minha mãe, pois ela chegaria só à noite. Aquela pontada de esperança no meu coração surgiu e ficou mais forte quando abri a porta e vi James.

— Você veio — falei, abrindo espaço para que ele entrasse.

— Eu já me decidi — disse parando ao meu lado.

— Então diga... — falei, mal podendo conter o meu nervosismo. Minhas mãos suavam e eu não sabia como conseguia ficar em pé, pois minhas pernas estavam tremendo tanto.

— Eu quero poder olhar para você todos os dias, poder tocar a sua face e encarar esses olhos que querem dizer tanto a mim. Eu não posso te deixar de novo. Eu não posso deixar a Sora. Eu quero isto — disse encostando seus lábios nos meus,

eu mal pude dizer algo, quando senti a leveza de sua boca na minha.

James passou a mão pela minha face e logo após isto eu pulei nele. Envolvendo meus braços em sua nuca. Beije toda sua face.

— Vamos sentar — falei quando dei conta que estávamos prestes a quebrar o vaso que estava na entrada.

James sentou-se ao meu lado e pegou em minha mão.

— Eu não quero que esta seja uma promessa inválida. Eu quero que você acredite no que te digo.

— Eu quero que isto seja realmente verdade, eu estou cansada de te perder. E por isto é a última vez que te dou uma chance. Estou pronta para te perdoar, mas esquecer é uma batalha mais árdua — Falei.

— Eu não vou precisar de mais chances. Eu prometo. Você não tem que sentir medo. — Aninhei-me de lado para encarar James, ele virou-se para mim tão perto que nossos narizes se tocaram. Senti seu cheiro. Sua boca macia e toda a sua essência.

Nossos lábios se tocaram. Um beijo silencioso, mas que transmitia tanto amor. Sua boca se abriu pedindo maior contato com a minha. Sua língua passou pela minha, nossos lábios não queriam mais se desgrudar. James passou a mão pelo meu queixo, desceu para meu braço e pegou firmemente em minha cintura.

Ficarmos juntos parecia tão certo, embora eu ainda pudesse sentir que algo estava errado.

Mudei minha posição, ficando sentada em minhas pernas no sofá e pudesse rodear meu braço em James, nossos corpos ficaram mais próximos e voltamos a nos beijar com mais intensidade. James passou a mão pelo meu quadril e meu coração mal pode se conter. Aquilo era surreal e eu não pude não me lembrar da nossa primeira vez. Meu braço começou a tremer, tamanho o nervosismo.

— Você está tremendo — ele disse afastando meus lábios dos seus.

— Acho que a posição não me ajudou muito. —
Falei recuando e sorrindo desajeitadamente. Levantei e James também, logo em seguida entrelaçou seu corpo ao meu me abraçando fortemente.

— Você falou com seus pais? — Questionei.

— Eu conversei com minha mãe e pretendo falar com meu pai quando ele sair do hospital no domingo. —
Disse.

— O que o seu pai teve? — Indaguei. Afastando-me um pouco para encará-lo.

— Ele teve um começo de infarto, muito estresse por conta do trabalho. Por isto quero falar com ele, assim que sair do hospital. No domingo eu venho te buscar, você e a Sora. — Falou.

— Eu espero que seu pai fique bem. — falei. Passando a mão pelo seu rosto preocupado.

— Ele está bem melhor, só precisa descansar mais.

— Eu entendo. Mas, eu realmente espero que sua promessa seja verdadeira.

— É verdade, eu prometo. Eu prometo que vou aparecer aqui no domingo e tudo vai se resolver.

— James ficou olhando para mim, sua expressão mais indecifrável do que nunca.

— Todo o meu amor anseia por isto — falei e o beijei novamente. James me abraçou com intensidade e logo após beijou minha testa.

— Posso ver a Sora? — Ele perguntou.

— Pode, mas ela está dormindo, teve uma febre a noite, melhor não a acordar.

Fomos até o quarto e James disse:

— Ela dorme com um anjo.

Após longos segundo de silêncio ele continua:

— Eu sinto muito.

— Tudo bem, você vai ter tempo de se retratar —
beijei sua face.

— Eu queria ficar mais, mas não queria deixar meu pai sozinho no hospital. Steve e minha mãe estão na empresa tentando segurar as pontas por lá — disse virando-se para mim.

— Tudo bem, nós nos vemos no domingo, certo?

— Sim, com toda a certeza. — Falou e caminhou atrás de mim até a sala. — Se cuide — despediu-se e beijou suavemente minha testa e meus lábios.

Abri a porta e o vi sair esperando que fosse a última vez que ele me deixasse sem ter a certeza que ia voltar.



Minha mãe voltou com a notícia de que não havia outra proposta. E que eles haviam dado até o final de semana para ela se decidir. Embora eu não quisesse ver minha mãe chateada, eu sabia que ela ia encontrar outro trabalho em breve e eu esperava ficar com James. Porém só resolvi que iria falar com ela quando James viesse me buscar no domingo. Assim todos ficariam sabendo de uma vez.

Quando domingo chegou mal pude conter minha excitação. Arrumei o cabelo, coloquei um vestido novo de renda azul e arrumei Sora, colocando nela um vestido rosa parecido com o meu, e fiquei aguardando. Disse para minha mãe que levaria Sora para passear, não quis adiantar nada para que ela não começasse a discutir.

E então eu esperei a tarde toda. Quando a noite chegou e Sora já estava chorando por não querer ficar com o vestido, eu a troquei. Talvez tivesse acontecido algum imprevisto. Dei leite para Sora e a fiz dormir, minha mãe ficou sem entender o que aconteceu e para despistá-la, fingi uma dor de cabeça, fiquei deitada em meu quarto segurando o último fio de esperança que eu tinha.

Acordei na manhã de segunda-feira com tanta raiva que mal pude me conter. Aonde James havia se metido? Ele prometeu. Droga! Ele havia prometido.

Decidi ir até a casa de James para saber o que tinha acontecido, talvez o pai dele tivesse passado mal, ou qualquer outra coisa grave que o tenha feito quebrar a promessa.

Falei para minha mãe que iria à padaria e corri o mais rápido possível até a casa de James. Demorei certo tempo, mas dei passos curtos quando avistei a casa dele. Logo vi que ele estava fora da sua casa e estava novamente conversando com aquela garota, não pude ouvir, mas pude vê-la o abraçando.

Aquilo era o verdadeiro fim. Sai completamente cega de ódio e de lágrimas. Corri até minha casa e quando cheguei peguei minhas malas e comecei a socar todas as minhas roupas nela. Sai do quarto e fui procurar por minha mãe.

— Mãe! Mãe! — Falei quando a vi na cozinha.

— O que foi querida? — Seus olhos ainda estavam inchados de sono.

— Vamos embora...

— Embora para onde?

— Para os Estados Unidos, aceite o emprego.

— Porque você decidiu isto do nada? Eu nem sei se isto é realmente bom para nós. Querida, eu fui impulsiva, eu vou arrumar algo logo, não precisamos nos mudar de novo.

— Não mãe, por favor, faz isto por mim. Vamos embora, o mais rápido possível, eu não quero ficar aqui — falei aos prantos. Agarrei minhas mãos no pijama da minha mãe e chorei enquanto ela me abraçava.

— Eu estou sofrendo demais. Por favor, me ajuda. — Pedi.

— Oh meu amor, isto é culpa dele, não é? — ela se referiu a James.

— Não quero falar sobre isto. Só vamos embora daqui, ligue para eles, confirme logo — pedi.

— Tudo bem, você tem certeza? Mari, eu não posso mudar isto depois. — Disse me encarando.

— Sim, por favor — pedi e ouvi o choro de Sora. —
Eu vou vê-la.
Peguei Sora no colo e chorei junto com ela enquanto
tentava acalmar nós duas.



— Você está se mudando? — Nara questionou quando fui
procura-la na coordenação.
— Sim, minha mãe recebeu uma boa proposta de
emprego. Vai ser melhor para nós.
— E quanto ao James?
— Eu não quero saber dele, fez tudo de errado, me
magoou e mentiu para mim. Eu te agradeço por querer
me ajudar, mas isto é o melhor que posso fazer —
falei e lhe dei um abraço de despedida.
— Espero que saiba o que está fazendo. Se cuide —
disse.
Eu não gostava de despedidas, mas falei brevemente com
Emi. Ela era uma boa garota. Não disse para onde eu ia,
pois ela poderia contar para James.
Minha mãe assinou os papéis e pegou meu breve
histórico escolar. A viagem ficou agendada para a sexta
feira. Ela foi para a empresa novamente para firmar o
contrato com o Recursos Humanos da empresa e logo
de noite estava de volta. Tudo tinha que ser resolvido
rapidamente.
Esperei que James ainda aparecesse, mas quando chegou a
sexta-feira de manhã, acabei desistindo totalmente.
Acabamos de fechar a porta da casa e entrar
no carro. Toda a minha esperança havia ido embora.
Respirei profundamente quando minha mãe deu marcha
no carro. Meus olhos lacrimejaram, tentei segurar esta dor. Mas,
não havia mais o que fazer.
Era hora de dizer Adeus.

Miosótis

(não-me-esqueças)

Sete anos depois...

— Mamãe, quando vou poder conhecer o papai? —
Essa era a pergunta constante de Sora.

Ela havia crescido tanto e quando se deu conta que eu não havia falado sobre seu pai, começou a questionar dia após dia. Fiz a promessa de que quando voltássemos para o Japão iria levá-la para conhecer o pai.

Nesse tempo que me mudei, consegui uma bolsa para estudar São Francisco e consequentemente prolongar meu visto. Eu tinha tantas inseguranças na adolescência que havia desistido completamente do balé, contudo, para conseguir manter minha mente ocupada, minha mãe havia me inscrito novamente em uma academia de danças.

Embora eu tenha entrado no balé obrigada por minha mãe, aquilo realmente foi bom para mim e me fez imaginar que eu podia muito mais. Quando Sora fez três anos eu a levei para frequentar o balé junto comigo. Ela me acompanhava e se divertia.

Quando terminei o ensino médio, decidi seguir a carreira em Dança na faculdade de Artes. Por sorte consegui uma bolsa e com isto a permanência no país por mais alguns anos. Pois além da faculdade, consegui um estágio na academia de danças.

Ao terminar a faculdade consegui um emprego integral na academia de danças, ministrava aulas de Educação Artística para o ensino formal e atuava como instrutora.

Tudo estava bem, Sora estava com sete anos e meio e mesmo que questionasse sobre o pai, ela tinha receio de me pedir para ver ele.

— Papai é mau, mamãe? — ela já chegou a me questionar.

— Não meu bem, ele só não deu certo com a mamãe. E tivemos que nos mudar com a vovó, você sabe. — Tentava explicar da melhor forma possível.

— E por que não deu certo?

— Ah meu bebê, tem coisas na vida que não dão certo, quando você crescer, vai entender, mas eu prometo que vou te levar para conhecer seu pai — falei. Não era uma promessa em vão. Sora estava crescendo e precisa conhecer o pai. Era o direito dela.

Sinceramente eu não sabia mais o que sentia por James, havia se passado tanto tempo, foram tantas mágoas que, eu não podia mais pensar nele, embora todas as vezes que olhasse para Sora, sentia sua presença. No entanto, eu me acostumei com isto, me acostumei a não pensar mais na dor que ele me causou. Era passado.

Quando voltássemos para o Japão, seria somente para cumprir a promessa que fiz para minha filha. Não queria conversa alguma com James, não havia mais nada a dizer. Crescemos e os sentimentos mudaram.

Cheguei a imaginar que nunca mais ficaria com alguém, entretanto acabei me envolvendo com um rapaz na faculdade. Poderia ter dado certo, ele era uma boa pessoa e parecia gostar de mim, eu tentei. Tentei muito fazer com que as coisas dessem certo, porém algo me bloqueava, parecia que não era certo e acabei terminando com ele após alguns meses.



Pela tarde, durante o horário do almoço, sai da academia de dança e fui até a esquina principal do centro para comprar o almoço. Prefiri fazer uma caminhada rápida, pois não era muito longe.

— Akai ito — ouvi uma voz. Olhei para meu lado direito e vi que um senhor com aparência serena. Ele era careca e possuía uma barbalonga. Parecia estar vestido como buda, e

claramente parecia chinês. Um déjà vu se passou pela minha cabeça, parecia que eu já havia o visto antes.

— Com licença, o senhor falou comigo? — Indagou.

— Minha jovem, aproxime-se, por favor — ele pediu. Era estranho, mas eu queria entender o que esse senhor queria.

— O senhor precisa de ajuda? — perguntei.

— Quero lhe dar uma benção — falou e estendeu sua mão para que eu a apertasse. Retribui o gesto e apertei a mão do senhor.

Em segundos tirei minha mão da dele quando percebi algo aparecer.

— O que é isto? — Indaguei. Um fio vermelho estava amarrado em meu dedo mindinho e quando me dei conta, ele estava percorrendo toda a rua, parecia não ter fim, como isto é possível?

— Oh! Você está muito longe do seu destino — ele se manifestou.

— O senhor amarrou isto no meu dedo? Como?

— Akai Ito.

Franzi o cenho e me recordei de uma lenda que minha mãe contava quando era criança.

"Um fio invisível conecta os que estão destinados a conhecer-se, Independentemente do tempo, lugar ou circunstância. O fio pode esticar ou emaranhar-se, mas nunca irá partir."

— Isto não é real — falei olhando para minha mão.

— Você encontrou o seu destino, todavia, está muito longe dele., Mas advirto que não importando o tempo que leve a distância jamais vai separá-los por estarem unidos por algo mais forte, que nunca se parte. A cada um está reservado apenas um destino...

— Não, isto só pode ser uma brincadeira, um sonho — falei e fechei os olhos para que acordasse desse sonho maluco. Balancei a cabeça e quando abri os olhos vi que o senhor já não estava mais lá.

Meu Deus, eu estava tendo alucinações? Olhei para minhas mãos, e aquele fio vermelho não estava mais lá. Eu deveria estar ficando louca. Talvez estivesse trabalhando demais.



Pela tarde busquei Sora na escola e a encontrei sorridente segurando uma flor.
Era um raminho com pequenas flores azuis.
— Oi meu amor, aonde arrumou esta flor? — Questionei a abraçando.
— A professora me deu. Hoje era o dia de contar lendas. Quer ouvir, mamãe?
— Claro minha querida, assim que chegarmos em casa — falei.
Assim que chegamos a nossa casa, Sora abriu sua mochila rapidamente e pegou seu caderno.
— Leia para mim mamãe — ela pediu.
Peguei o caderno e comecei a ler:
— Alenda da flor Miosótis; Em um belo dia de primavera, dois jovens apaixonados se encontravam à margem de um rio. Nas águas turbulentas, a jovem avistou um ramo de miosótis flutuando e ficou maravilhada pela beleza da flor. O seu amado, mergulhou então para apanhar as flores e ofereceu-las à sua namorada. No entanto, quando tentou voltar para a margem, foi arrastado pela forte correnteza. Antes de desaparecer ele gritou para a sua amada: "Não me esqueça, me ame para sempre!". A partir desse dia, a flor miosótis passou a crescer nas margens dos rios, para que mais ninguém tivesse que morrer por sua causa.
Sora sorriu quando terminei a história.
— Mamãe. Você amava o papai? — Sora questionou.
— Muito — respondi.

— Então, você nunca vai esquecê-lo, não é? — Sora me fitou.

— Eu não vou esquecê-lo meu amor, porque ele me deu o meu maior presente — falei e a abracei. — Agora, hora de levantar, tomar banho, fazer o dever, a mamãe vai preparar o jantar, está bem? — falei. Sora assentiu e foi até o seu guarda roupa, pegar algo para vestir. Nós havíamos combinado que ela iria se vestir sozinha em casa.

Quando minha mãe se casou novamente eu decidique deveria morar sozinha com Sora. Era hora de nos separarmos. Ela encontrou um amor há três anos e se casou um ano depois.

Meu telefone começou a tocar e eu fui atender.

“Alô, Mari?” — ouvi uma voz feminina.

“Oi, sou eu.” — falei.

“É a Yumi. Meu Deus! estou tão feliz de poder falar com você!”
— A Yumi foi mina melhor amiga na escola. A última vez que soube dela foi quando ela se casou com Kenichi, o garoto que ela sempre amou, desde a época da escola.

Consegui fuçar em sua rede social.

“Nossa, Yumi, que felicidade poder falar com você.”

“Foi tão difícil encontrá-la, espero que não fique chateada por eu estar entrando em contato”.

“Claro que não, como estão as coisas?”

“Bem, eu casei com o Kenichi... Mudamos para capital para que ele trabalhasse com o... — ela hesitou em falar, tinha certeza que ela iria dizer James. —... Enfim, e vamos ter nosso primeiro filho” — ela disse. Mal pude conter minha felicidade.

“Uau! Fico muito feliz em saber disso, eu torci muito por vocês!”

“Obrigada... Mari, eu queria muito pedir para vir nos visitar, eu sinto tanto sua falta... Eu sei de tudo que aconteceu, no entanto, é só uma visita...”.

“Eu também sinto sua falta, mas foram tantos problemas, eu praticamente fugi, não sei se tenho coragem de voltar.”

“Pense sobre isto, seria muito bom revê-la. Kenichi e eu sentimos muito sua falta”.

“... Verei se é possível, se quiser me deixar seu telefone...” — pedi. Yumi passou o telefone e pediu mais uma vez que os visitasse.

Tudo me pareceu tão estranho. O senhor que me barrou na rua, a história que Sora pediu que eu lesse a ligação de Yumi, era tudo tão esquisito. Parecia que algo queria me trazer de volta ao passado, me empurrando de volta a aquelas lembranças.

Passaram-se sete anos, eu não podia voltar. Não depois do que ele havia feito. Eu entendo que Sora precisa conhecer o pai, mas eu estava assustada, pois foi tão difícil me habituar, viver e deixar tudo para trás...

Decidi fazer o jantar para desanuviar os pensamentos.

Fiz o jantar e assisti um pouco de televisão com Sora. Organizei meu quarto e pedi que minha filha arrumasse seus brinquedos antes de dormir. Foi difícil pegar no sono depois de deitei. Fiquei horas de um lado para o outro na cama, até conseguir dormir.

Levantei com o toque do meu celular e dei de cara com a flor que Sora trouxe da escola, estava do meu lado na cama. Minha cabeça estava latejando e foi muito estranho que aquela flor aparecesse ali, do nada...

“Não-me-esqueças”

Tem algo estranho acontecendo na minha vida. Algo que por mais que eu quisesse, não podia ignorar.

— Meu amor, hoje é seu último dia de aula, certo?

— Questionei a Sora enquanto tomávamos café.

— Sim, mamãe, vamos passar as férias na casa da vovó, não é? — Sora perguntou. Havíamos combinado que quando ela estivesse de férias eu iria pegar as minhas também, e passaríamos um tempo na casa da minha mãe.

— Estava querendo mudar os nossos planos e ir para o Japão — falei. O olhar de Sora se iluminou e ela gritou de felicidade.

— Para o Japão mamãe, eu vou poder ver o papai, eu vou poder conhecê-lo?

— ela indagou extasiada.

— Sim, vamos no final de semana — falei.

Sora me abraçou, estava muito feliz. Ela sempre quis conhecer o Japão, e obviamente o seu pai. Ela sabia falar japonês, pois eu sempre fiz questão que soubesse, falávamos em casa frequentemente, porém ela engasgava em algumas palavras.

— Eu vou contar para os meus amigos, para professora... E para todo mundo! — Sora exclamou. Eu não sabia o que estava fazendo. Mas eu tinha que voltar... Como se fosse o meu destino.



Minhas mãos suavam e eu não conseguia parar quieta na poltrona do avião. Sora estava fascinada, quis ficar na janela e deu um gritinho de alegria quando sentiu o avião decolar. Meu estômago se contorceu de medo.

Quando a aeromoça ofereceu salgadinhos para comer, Sora pegou todos que podia. Não pude comer nada. Bebi uma xícara de café puro. E a mais tarde tive que comer algo para não passar mal. Não conseguia conter o meu nervosismo.

Passaram-se sete anos... Sora já não era mais um bebê e tornou-se minha companheira. Dançávamos juntas, líamos histórias, íamos ao cinema, ríamos, vivíamos... Juntas. Ela era o amor da minha vida.

Quando penso que quase desisti dela, sinto-me culpada, pois não importa o quanto tenha sido difícil, valeu a pena...

O avião aterrisou às onze e meia da manhã. Atrasou somente quinze minutos. Avisei a Yumi o horário que

chegaríamos e ela foi nos buscar. Sora e eu fomos até o desembarque para pegar nossas malas, assim que conseguimos pegar as duas malas gigantes que trouxemos, fomos até a entrada principal procurar por Yumi. Coloquei as malas no carrinho e não demoramos muito para avistá-la.

Yumi continuava com seus longos cabelos negros e seu rosto era sereno. Seus olhos castanhos brilharam ao nos ver e logo vi seu barrigão. Ela estava de cinco meses.

— Mari! Ai meu Deus, como você está linda! — veio direto me abraçar.

— Você que está linda, muito linda! — falei.

— E essa é a princesa Sora? — Yumi abaixou-se para abraçá-la. — Ela é linda demais Mari. Kenichi está no trabalho, ele queria muito estar aqui, mas podemos ir almoçar com ele, se você quiser. Não sei se está cansada e quer descansar. — Yumi ponderou.

— Ah claro, quero muito revê-lo.

— Ótimo, vamos deixar as malas em casa e ir almoçar — Yumi disse por fim. Sora foi saltitante até o carro e logo chegamos na casa de Yumi. Não deu muito tempo de ver a casa, mas pude ver que ela muito bem arrumada e decorada, com tons bege e azuis.

Sora e eu nos trocamos, já que estávamos de moleto. Olhei o vestido verde claro que escolhi e fiquei pensando se era apropriado. Sora escolheu um vestido azul com desenhos de borboletas. Em poucos minutos estamos prontas.

— Yumi, ele sabe que nós íamos vir? — questionei a caminho do restaurante. Ela sabia a quem estávamos nos referindo.

Ela anuiu.

— Ele não vai estar nesse restaurante, certo? Por que eu preciso planejar isto, não estou pronta.

— Fica tranquila. Eu sei que você precisa se preparar. Pedi para o Kenichi sair do escritório sozinho.

— O que aconteceu com ele Yumi, está casado? Tem filhos?

— Eu acho que você precisa descobrir isso sozinha. Quero que fale com ele. É a melhor forma de resolver isto.

— Eu preciso saber, ele casou com aquela garota, não é?

— Mari, calma. Você vai descobrir tudo. Mas acalme-se.

— Yumi pediu. Assenti. Eu não quis saber de nada durante anos, mas voltarme deixou louca para descobrir tudo que aconteceu.

Logo mais, chegamos a um restaurante, paramos na frente dele, pois Yumi disse que Kenichi já estava vindo.

Em poucos minutos um carro parou na frente do restaurante e Kenichi desceu dele. Ele parecia ter amadurecido muito, embora ainda tivesse a mesma expressão marota. Sorri ao vê-lo, mas o meu sorriso se desmanchou em segundos quando vi outra pessoa descer do carro.

Cabelos negros, olhos verdes, semblante tenso, ele parecia mais velho, porém não havia mudado muito. Engoli em seco. Ele me olhou fixamente e seus olhos logo se perderam ao ver Sora.

— Minha filha... — James disse com lágrimas nos olhos. — Minha filha...

— Papai? — Sora questionou, ela havia visto uma foto dele.

James foi em direção a ela e a puxou rapidamente para os seus braços a abraçando e afagando seus cabelos.

— Você é meu céu — sussurrou.

Senti que não aguentaria. Sinceramente eu não sabia se poderia suportar o encontro de James com nossa filha. Seu corpo estremeceu com soluços.

Uma lágrima rolou pela minha face, atrapalhando minha visão. Respirei fundo tentando não chorar mais. Olhei para o céu azul-claro, tantas memórias, tanta dor... E aqui estávamos novamente.

Girassol

Na mitologia grega, Clície, era uma ninfa que estava apaixonada por Hélios, o deus do Sol. Quando este a trocou por Leucotéia, Clície começou a enfraquecer. Ela ficava sentada no chão frio, sem comer e sem beber, se alimentando apenas das suas próprias lágrimas.

Enquanto o Sol estava no céu, Clície não desviava seu olhar dele nem por um segundo, mas durante a noite, o seu rosto se virava para o chão, continuando então a chorar. Com o passar do tempo, os seus pés ganharam raízes e a sua face se transformou em uma flor, e continuou seguindo o sol. A Mitologia grega conta que assim nasceu o primeiro girassol.



Conheço meus erros e sei que pequei ao deixar Sora separada do pai por tanto tempo. Mas, eu simplesmente não conseguia, não conseguiria suportar a ideia de ver James novamente. E sei que no fundo, levar Sora embora foi uma espécie de punição para ele, por ter nos abandonado. James nos abandonou e não pensou por um minuto que ele tinha um dever não só com sua família, mas também com Sora.

Assim que James começou a se aproximar de mim, senti que embora os anos tivessem passado, eu ainda não estava preparada para este momento. Acho que nunca estaria, afinal.

Ele me lançou um olhar que cortou meu coração. Ver a tristeza nos seus olhos fez com que eu sentisse algo como culpa surgir dentro de mim.

— Mari... — disse com voz embargada.

— James... — sussurrei. Dei um passo para trás quando vi que ele estava se aproximando demais.

Ele suspirou.

— Mari que saudade! — Kenichi veio e me abraçou cortando o clima ruim. — E olha só que coisa mais linda... — disse dando um beijo em Sora.

— James... Vem aqui um pouco — Kenichi o chamou. Eles cochicharam enquanto ainda estávamos em silêncio.

— Estamos loucos para saber o que aconteceu, mas acho que vocês precisam conversar... — Yumi disse.

— Sora, este restaurante tem umas sobremesas deliciosas, vamos lá escolher? Depois você fica mais tempo com seu pai — Kenichi abaixou-se para falar com ela.

— Sobremesas com morangos? — ela indagou. Morango era a fruta preferida dela.

— Sim, com calda de chocolate, vamos? — Kenichi indagou.

— Oba! — Rapidinho Sora pegou na mão de Kenichi para entrar no restaurante. Yumi se aproximou de mim e murmurou:

— Este era o único jeito de vocês se falarem logo, me desculpe — piscou para mim e então se foi.

Encarei James que estava um pouco longe de mim. Estávamos ambos tensos. Ninguém parecia querer falar.

— Vamos caminhar? É desconfortável ficar aqui a porta — James perguntou quando o silêncio ficou insuportável e eu assenti.

Caminhamos até a praça e sentamos em um banco.

— Deixou o cabelo crescer? — James perguntou. Olhou-me firmemente, com o mais leve dos sorrisos tremulando em seu rosto.

— É, está mais comprido do que eu gostaria — respondi. Estávamos em um impasse. Ninguém queria começar o discurso. Era tanta mágoa pesando que era difícil dizer.

— Eu gostei... — disse. Fiquei encarando os girassóis do jardim. Não queria olhar para ele. Tinha tantas perguntas para fazer. Porém estávamos todas presas em minha garganta.

— Mari... Eu não sei por onde começar. Porra foram sete anos! Eu fiquei tão desesperado, mas ninguém sabia me dizer aonde você estava. Não sabia se estava viva...

— Eu não queria ser encontrada James. Isto era evidente.

— Foi errado. Foi errado você partir e não deixar qualquer recado.

— Agoravamos começar a dizer o que foi errado? James, por favor. Você abandonou a mim e a Sora. Você nos abandonou primeiro. Não fui eu quem fugiu! Existia uma promessa, era sua última chance, pelo amor de Deus!

— Não consegui aparecer naquele domingo. Embora eu tenha uma razão para isto, não adianta mais me justificar. Foram sete anos que não podem ser apagados. Você tem os seus ressentimentos, mas eu também tenho os meus. — A expressão, quando olhou para mim, era quase de escusas.

— Ok. Por mim, você não precisa se justificar. Estou morando em outro país, a Sora sempre quis te conhecer. Podemos resolver esta questão. Talvez, ela possa passar as férias escolares com você. Temos que negociar isto... — Ele analisou o meu rosto.

— Não é tão simples. Eu perdi sete anos da vida dela.

— Ah é mesmo? Você perdeu sete anos da vida da sua filha? Se tivesse tão preocupado teria procurado. Chamado a polícia, feito um escândalo. Não venha jogar toda a culpa sobre mim. Eu sei que errei, mas se formos jogar as culpas, alguém vai sair pior dessa história.

— Meu pai morreu naquele domingo...

Engoli em seco, com esforço.

— Eu... Sinto muito por isto — Minha voz saiu trêmula.

— Eu perdi o meu chão. Não consegui sair de casa, eu queria ter ido te encontrar, mas depois... Aconteceram tantos problemas. — Então, suas feições se desanuviaram.

— Pode parecer insensível da minha parte, mas você podia ter dado um jeito de me avisar. Têm coisas que não se justificam. A questão é que não tem o que explicar

mais. Passou... — suspirei — Vamos seguir
nossas vidas. E cuidar do nosso único laço...Sora.

James

assentiu calado.

Nossos olhos encontraram-se e então eu soube que era o
nosso fim. Definitivamente não foi há sete anos, afinal, não
trocamos nenhum Adeus. Mas agora, com toda esta mágoa e
arrependimentos eu tinha certeza que não tinha como mudar,
era irreparável. O passado neste momento pareceu tão sem
importância.

Não

tive coragem de perguntar a James se ele estava
com aquela garota. Eu estava certa de que ele havia se
casado com ela. Saber que ele me trocou por ela era
horrível demais para se pensar.



Caminhamos de volta até o restaurante calados e Sora
correu para abraçar James assim que o viu novamente.

— Já fizemos o pedido, se vocês não se importarem
— Yumi disse.

— Por mim, está bom — falei sentando ao lado dela.

James sentou ao lado de Sora e ela passou a
contar tudo o que fazia no dia a dia para ele.

— Papai, eu danço balé igual à mamãe, a
mamãe é a melhor professora de São Francisco! —
Sora contava entusiasmada.

— Você está bem? — Yumi questionou baixo só para que eu
ouvisse.

— Sinceramente? Estou... — respondi.

— Você pode recomeçar aqui, Mari. Não tem como fugir da dor
se ela está dentro de você — disse.

— Agora eu entendo. Mas recomeçar aqui não é uma opção.
Eu já recomecei em outro lugar e estou muito bem lá.

Não me leve a mal, eu amo vocês, só que aqui não é mais o meu lugar.

— Tudo bem...

— Hey! Estou me sentindo excluído — Kenichi chamou nossa atenção. Rimos e passamos o almoço conversando, Sora contava tudo para o pai e Kenichi começou a falar de projeto dele de fazer um quarto para o filho. De acordo com ele, iria projetar o quarto sozinho. Fiquei com medo do desastre que seria.

Após comermos, chegou a hora da despedida. Sora não queria mais largar o pai.

— Este é o meu endereço — James me deu um cartão. — Se você puder levar a Sora lá para passar um tempo comigo... Talvez conversar com mais calma. Eu agradeço — disse.

— Ok. Amanhã eu a levo — falei. James se despediu de Sora e foi embora com Kenichi.



Demorou para Sora dormir à noite. Não sei se era o tanto de chocolate que Kenichi deu para ela ou se foi às emoções que passou. Assim que ela dormiu fui até a cozinha onde o casal estava.

— Desculpa por ter trazido o James sem avisar — Kenichi disse enquanto eu me sentava.

— Não, tudo bem. Eu achei bom, tudo foi resolvido logo de uma vez. — Yumi serviu uma xícara de café para mim.

— E como você se sente? — Ela questionou.

— Estou bem. Foram sete anos, me senti um pouco estranha, mas James tem sua vida, eu tenho a minha. A razão para eu ter vindo é a Sora. Ela é o meu único laço com James, e ela tem todo direito de conhecê-lo e conviver com ele — falei.

— Sim, ela precisava disso — Yumi falou.

— Partiu meu coração vê-la tão feliz ao conhecer o pai. Me sinto mal por privá-la disso. Porém, o que eu posso fazer?

É passado... Não posso reparar. Vou fazer o certo agora, com ela. Por ela...

— Fico feliz de saber disso e me desculpe pelo que vou perguntar agora..., Mas, você ainda sente algo pelo James?

— Yumi questionou com cautela. Kenichi a olhou como se advertisse para que não perguntasse isto.

Antes de responde-la, suspirei e pensei com calma. Acho que tive muito tempo para pensar nesse assunto. Afinal, foram sete anos.

— O sentimento que eu já tive por James passou. Não era para ser, só o que nos resta são lembranças — pude responder rapidamente.

— Entendo. James já te contou sobre o... — Yumi parou de falar ao cruzar o olhar com o de seu marido.

— Sobre o pai dele? Já sim. É muito triste isto — adivinhei.

— Ah é, sobre o pai dele. Foi muito difícil para o James se reerguer — Kenichi falou.

Passamos a noite falando sobre o que fiz em Nova Iorque e Kenichi contou um pouco sobre como estava à empresa de James. Aparentemente ele havia conseguido oitenta por cento da empresa de volta. Era óbvio que ele conseguiu isto se casando, mas Kenichi não entrou em detalhes e eu não quis perguntar.

Pelo cansaço peguei no sono rapidamente ao deitar.

Na manhã seguinte Sora acordou eufórica com a ideia de visitar o pai. Pediu-me para que eu fizesse uma trança no cabelo e começou a arrumar sua mochila.

— Papai me prometeu levar no parque hoje e vai me apresentar um amigo — Sora disse.

— Amigo? Que amigo? — Questionei.

— Ele não disse — Sora respondeu.

Fiquei desconfiada. James não havia me dito nada. Como Sora ia ao parque peguei um short azul e uma blusa com o desenho da Sailor Moon que ela adorava.

Vesti uma calça jeans e uma blusa branca simples. Eu só ia leva-la. Não estava a fim de ficar e ter outra conversa com James.

Yumi me emprestou seu carro e me disse como chegar até a casa de James. Não pude deixar de me assustar ao descer do carro e dar de cara com aquela mansão. Realmente ele estava com a vida ganha. Toquei a campainha e logo James atendeu.

— Oi meu amor — O moreno disse e Sora pulou para abraçá-lo.

— Tudo bem Mari? — James questionou e pediu para que entrássemos.

— Ótima — respondi. Limitando-me a ficar na entrada da casa.

— Nós vamos ao parque hoje, gostaria que fosse junto.

— É mamãe. Vamos juntos, por favor! Com uma família

— Sora pediu. Não tinha como negar ao pedido da minha filha, estava encurralada. Antes que eu respondesse vi uma criança correndo até nós.

— Papai! — um menino exclamou. Ele possuía cabelos castanhos, pele branca e olhos cor de âmbar, parecia ter quase idade de sora. Eu escutei certo? James teve outro filho?

Dente de leão

Narrado por James

Sete anos atrás...

“Eu quero poder olhar para você todos os dias, poder tocar a sua face e encarar esses olhos que querem dizer tanto a mim. Eu não posso te deixar de novo. Eu não posso deixar a Sora. Eu quero isto...”

Eu prometi a Mari que voltaria por ela e por nossa filha, aquela não seria uma promessa inválida, eu precisava encarar a minha família e dizer que agora tinha duas pessoas que precisavam de mim, muito mais do que eles.

Primeiro eu resolvi falar com meu pai que era a pessoa mais difícil de lidar, logo após eu contaria para minha mãe, Steve já sabia e já havia feito o discurso dele. Não fazia ideia de como contar para meu pai que eu havia tido uma filha e iria desistir da sociedade para ficar com a mulher que eu amava. Provavelmente meu pai daria risada da minha cara. Para ele eu era apenas uma criança, não havia esta história de amor.

Tentando fazer com que minhas mãos parassem de tremer, soltei o freio de mão do carro e dirigi devagar pelo caminho até o hospital.

Quando cheguei ao hospital, percorri o estacionamento três vezes, apavorado demais. Então, finalmente estacionei e decidi entrar.

Fui até a recepção e avisei que era visita. Logo me deram um crachá com meu nome e fui até o quarto. Bati na porta e entrei.

Meu pai estava deitado olhando para a janela.

— Pensei que não ia vir mais hoje — resmungou. Sua voz estava rouca, como se eu o tivesse acordado.

— Queria conversar sério com você — falei indo em direção à cadeira que estava do lado da cama dele.

— Eu também. No domingo vamos ter um almoço com os Matsuo — meu pai começou com o discurso. Tudo na nossa vida se resumia aos Matsuo.

— Ótimo, o nosso assunto está relacionado. Quero que cancele o almoço com eles — falei sentando-me na cadeira.

— Não vai começar com essa criança agora! — Exclamou se sentando na cama.

— Não é criança pai! E pela primeira vez eu quero que você me escute, de verdade!

— Já que você quer tanto falar, então fale, não aguento mais essas suas crises.

— Ele deu de ombros, como se essas coisas não tivessem jeito.

Respirei fundo.

— Eu tenho uma filha...

— Meu Deus — exclamou ele —, na situação em que estou você vem brincar comigo?

— Não estou brincando pai... Eu tive um caso e esse caso me resultou uma filha. Antes de nos mudarmos, descobri recentemente — falei.

— Você é idiota? Como pode ser tão ingênuo e deixar uma golpista te enganar? — meu pai estapeou minha cabeça e quase caiu da cama ao fazer isto. Ele começou a tossir em seguida.

— Pai! Dá para você se acalmar e me ouvir? Que droga! — me levantei para ficar um pouco mais longe dele. — Ela não é nenhuma golpista! Eu a amo...

— Amor? Você não sabe o que é isto — ele gargalhou. — Meu filho, você foi enganado por esta garota. Tenta raciocinar, esse filho nem deve ser eu, e se for, não passou de um golpe! Garota desprezível! — Meu pai só não levantou da cama, pois estava com soro nas veias.

— Pai, não tem conversa. Eu só estou comunicando. Se a sociedade com os Matsuo depende exclusivamente de eu ficar com a Ayume, então, acabou. Vai ter que arrumar outra forma de conseguir a empresa de volta. — falei.

Meu pai não tinha controle, no começo tínhamos cinquenta por cento das ações e se nos esforçássemos conseguiríamos reerguer a empresa. Mas ele confiou tanto nessa parceria com os Matsuo que vendeu mais trinta por cento, somente para pagar uma casa no campo.

— Você não pode fazer isto! James, eu estou ordenando! — disse.

— Não pai, você não manda mais em mim — falei querendo sair daquele quarto. Fui em direção à porta.

— Quando estiver melhor, conversamos — completei.

— Se sair por esta porta, não te considero mais meu filho — esbravejou.

Fiz silêncio. Não tinha como dialogar com meu pai naquele momento. Abri a porta e sai enquanto o ouvia gritar pelo meu nome.



Minha mãe ficou extremamente calma ao me ouvir contar os fatos.

— Meu amor, eu nunca fui a favor dessa parceria, baseada na sua infelicidade. Seu pai é irredutível. E lembre-se do que eu te disse, você só deveria seguir o que ele diz se for sua vontade. Você tem duas pessoas para cuidar agora..., Mas ainda é uma criança — disse e eu quis protestar. — Desculpa, mas é a verdade. Vai precisar de ajuda, e eu vou ficar feliz em te ajudar — preferiu e me abraçou.

— E quanto ao papai? — questionei.

— Quando ele sair do hospital vou falar com ele.



No domingo à tarde uma notícia abalou toda minha família, meu pai teve um ataque cardíaco e faleceu.

Naquela noite deitado em minha cama, com a cabeça pressionada contra o travesseiro, eu chorei.

O enterro havia me deixado entorpecido.

Eu não sabia como aguentar essa dor. Meu corpo doía, minha alma suplicava por um conforto.

Não sei quanto tempo fiquei em meu quarto. Só sei que na segunda-feira de manhã minha mãe pediu para que eu falasse com as visitas. Sinceramente eu estava pouco me importando com elas, mas lembrei de que tinha que ir ver a Mari, afinal, ela não sabia de nada.

Juntei toda a coragem que tinha e me arrumei para sair. Passei por algumas pessoas que estavam na minha casa e acabei sendo parado por Ayume na porta da minha casa.

— James, eu sinto muito pelo que aconteceu — ela disse.

— Obrigada...

— Eu sei que não é uma boa hora, mas preciso muito falar com você — disse. — Tenho algo urgente para resolver.

— James, por favor, me escuta! — ela pediu e me abraçou. Suspirei a afastando.

— Seja rápida — falei.

— Estou grávida — ela disse.

Fiquei sem reação. Grávida? Como era possível ela estar grávida?

— Ayume, você não pode brincar com algo assim. Olha a situação em que estou! Pelo amor de Deus, você sabe que não tem como! — Exclamei. Ayume e eu nunca tivemos relação sexual, nem nada.

— Mas eu estou grávida e não sei em que momento aconteceu.

— Como não? Você se drogou?

— Eu não me lembro. E você é meu namorado.

— Nós nunca transamos Ayume, eu posso garantir.

— Você precisa me ajudar então, até o bebê nascer. Depois faremos o exame de DNA.

— Ayume, eu não posso e você sabe o porquê. Eu já te contei que tenho uma filha, não tem como eu te ajudar nisso.

— Você tem que me ajudar! Ou eu vou dizer para o meu pai que você me enganou e abusou de mim...

— ela estava enlouquecendo.

— Ridículo, isto que você está fazendo é ridículo. Você fez a merda e eu sou obrigado a te ajudar?

— Eu estou pedindo, se você recusar eu vou obrigá-lo!

— Quer saber? Vai para o inferno. — Falei voltando a entrar na casa.

Decidi que era melhor falar com a Mari outro dia. Estava irritado, com raiva e triste. Se eu fosse atrás dela, com certeza Ayume me seguiria e contaria um monte de mentiras. Era melhor esperar os ânimos se acalmarem e conversar com minha mãe.

— Quer garota desprezível — minha mãe disse quando contei sobre o que Ayume havia dito.

— O que eu faço?

— Vamos esperar até o senhor Matsuo voltar de viagem, ele viajou hoje pela manhã, mas volta na sexta-feira, vamos conversar com ele.

— Eu preciso falar com a Mari, ela deve estar muito chateada...

— É melhor você esperar resolver esse problema com a Ayume — minha mãe ponderou. Ela estava certa, a Ayume poderia trazer muita confusão.



Mal pude levantar da cama nos dias que se sucederam. Eu queria tanto voltar no passado a. Não queria ter brigado, não queria que as coisas tivessem chegado ao ponto de ele não querer mais que eu fosse seu filho. Meu pai era cabeça dura demais...

Na sexta feira minha mãe conversou com o pai de Ayume e logo após me chamou para que eu conversasse com ele também.

— Garoto, eu não acho que a minha filha mintadessa forma. Você é um desgraçado que além de enganar a minha princesa, se esconde embaixo da barra da saia de sua mãe! — ele esbravejou.

— O senhor pode falar o que quiser, mas eu não fiz nada com a sua filha! E vou poder provar a verdade quando essa criança nascer. — objetei.

— Eu só não vou fazer nada por enquanto em respeito à memória do seu pai! — ele disse chegando perto de mim. Desviei.

— Ok. Com licença — ponderei e sai da minha casa. Era hora de falar com Mari, esperei tempo demais.

O senhor Matsuo era completamente cego de adoração pela filha. Não tinha como mudar o pensamento dele, somente com um teste de DNA.

Peguei o carro e fui até a casa de Mari. Dirigi rapidamente e tive que conferir várias vezes se aquela era a casa correta, pois estava com uma placa de “alugase”. Fiquei assustado e resolvi perguntar a um vizinho.

— A vizinha se mudou? — indaguei ao homem que estava cortando a grama.

— Ah sim, elas se mudaram.

— Não disseram para onde?

— Eu ouvi dizer que era para o exterior, mas não sei onde — disse.

— Ok, obrigado — pude dizer antes de surtar.

Quando retornei para o carro, fiquei perdido e sem ar. A Mari havia ido embora? Para onde? Peguei o carro e fui direto para a escola, alguém saberia para onde ela foi! Alguém tinha que saber!

Mas minhas buscas se mostraram nulas quando não tive respostas positivas. Vi-me sem saída. Sem rumo. Ninguém sabia para onde a Mari foi. Eu a havia perdido... Perdi a minha filha, perdi meu pai... Perdi tudo.



Alguns meses se passaram. Me vi no pior momento da minha vida. Tentei segurar as pontas na empresa do meu pai junto com Steve, no entanto, Hiro Matsuo não me deixava em paz com a ideia de que eu havia engravidado a filha dele, mas não quis assumir. Ele queria acabar comigo e com minha família.

Foi agendada a Cesária da Ayume e eu acabei comparecendo, ou seria assassinado. Senti-me estranho quando anunciaram que a criança havia nascido... Era um menino... Lembrei-me da minha filha e senti um aperto no coração.

Fui ao berçário junto com Hiro para ver a criança. O garoto tinha cabelos ralos e castanhos e olhos cor de âmbar, bem clarinho.

Hiro olhou assustado. Fitou-me. Estava óbvio que aquele bebê não era meu, mas parecia que ele não queria acreditar o quanto a filha era mentirosa.

— Essa é minha última proposta para você. Você casa com a minha filha, e eu te devolvo cinquenta por cento das ações que seu pai vendeu.

— Me desculpe senhor, mas ele não é meu filho e podemos provar isto em um exame de DNA — fui direto.

— É o que vamos ver, e quando for provado que você é um desgraçado eu vou tirar tudo que sua família tem! — vociferou e saiu de perto de mim.

Não tinha medo do que poderia acontecer. Eu podia provar que aquela criança não era minha, que ele não era meu filho.



Antes de pedir o exame de DNA fui visitar Ayume para que ela tivesse a chance de contar a verdade

para o pai dela antes de ser desmascarada. Fazia apenas dois meses que o bebê havia nascido e tudo estava um verdadeiro caos. Fui à tarde a casa dela para encontrá-la a sós. Bati na porta algumas vezes até alguém atender.

Ayume atendeu e eu fiquei bastante assustado ao ver sua aparência. Os cabelos castanhos estavam presos em um coque com aspecto que não lavava há dias. Suas roupas eram um pijama de moletom e ela estava aparentando não dormir há muito tempo.

— Tudo bem? — Indaguei assim que a vi.

— Está tudo uma droga! — ela exclamou me dando espaço para entrar. Imaginava que a Ayume teria diversos empregados para ajudá-la com a criança.

— Não tem ninguém para te ajudar? — Questionei.

— Com o castigo meus pais decidiram que eu iria cuidar do bebê sozinha — respondeu.

— Caramba... — falei encontrando um lugar no sofá para sentar. Havia fraldas jogadas, mamadeira, estava tudo uma bagunça. — Eu vou ser rápido, seu pai quer um exame de DNA, e com isto será provado que eu não sou o pai da criança, achei mais fácil negociarmos. Você diz que eu não sou o pai do bebê agora, para não passar vergonha com sua família. — fui objetivo.

— Ok — ela disse sentando-se ao meu lado. Ela estava fácil de convencer, estranhei. Logo após começou a chorar.

— Eu não sei o que fazer, eu odeio essa criança. Não quero. Não quero. — ela começou a surtar.

— Não fale besteiras Ayume! É seu filho!

— Tenho vontade de mata-lo de madrugada... Ele me irrita demais... Cada vez que ele chora, minha vontade de mata-lo aumenta... Eu... Eu não sei o que fazer... — fiquei assustado. Ela estava completamente louca.

— Cadê o bebê? — Indaguei, visto que ele não estava na sala. Onde estava os empregados? — Cadê seus empregados Ayume? Sua mãe?

— Minha mãe está passeando, viajando para Paris, como de costume. Eu dispensei os empregados porque eles são uns desgraçados que me ignoram quando eu peço ajuda, só porque meu pai pediu para eles não me ajudarem... Mandei todo mundo para o inferno!

— Você está surtando! — Levantei e fui procurar pela criança. Não precisei me esforçar muito para achar, pois ouvi um choro.

Fiquei assustado com a calamidade da situação. O bebê tão pequeno estava amarrado em uma manta completamente suja, o cheiro era insuportável.

Peguei o bebê e comecei a desenrolar a manta dele. O levei diretamente para o banheiro, enquanto ele berrava. Retirei a fralda encharcada e tentei limpá-lo com o chuveirinho. Ele era tão pequeno, senti um peso no meu coração. Quando consegui tirar o excesso de sujeira, peguei uma banheira que estava jogada no banheiro e a enchi de água.

Quando descobri que tinha uma filha, fiquei semanas pesquisando na internet como cuidar de um bebê. Não tinha habilidade nenhuma, mas quis fazer o meu melhor para essa criança.

Segurei a cabeça dele enquanto jogava água em seu corpo. Assim que dei banho, o enrolei na toalha e fui procurar uma roupa limpa e fralda. Quando consegui achar tudo e deixar o bebê limpo e arrumado. Desci com ele para confrontar Ayume.

Ela estava sentada em posição fetal na sala. Meu Deus! Aquilo estava fora de controle. Peguei o celular e liguei para o pai dela.

— A situação é urgente, estou na sua casa, venha para cá — falei. Hiro não protestou e assentiu.

— Ayume, Ayume! — Gritei quando vi que ela não se mexia para nada.

— Me deixa em paz, me deixa em paz! — ela gritou.

— Para! Dá para você parar? Está ficando louca.

O bebê começou a chorar em meu colo.

— Faça ele parar, faça ele parar! — ela começou a repetir incessantemente. A deixei sozinha e fui até a cozinha para ver se achava algo para o bebê.

Eu havia lido que bebês não tomavam leite comum, mas sim um especial. Com certeza Ayume não estava dando de mamar. Fiquei feliz ao me deparar com uma latinha de leite na pia. Estava escrito “De zero a seis meses”. Li as instruções do rótulo enquanto tentava acalmar o bebê. Coloquei água para esquentar no micro-ondas e logo após coloquei o pozinho. Misturei e experimentei para ver se estava na temperatura certa. Aninhei o bebê em meu colo e dei para ele sugar. Ele sugava com tanta vontade... Tive pena.

Em poucos minutos ele tomou tudo e dormiu. Subi de volta e o deixei no berço. Quando desci vi que Hiro havia chegado.

— O que você fez com a minha filha? — Hiro partiu para cima de mim.

— Eu não fiz nada! Ela enlouqueceu, olha para ela. Veja — falei parando as mãos dele. Hiro ficou em choque e foi até Ayume.

— Minha filha... O que aconteceu com você?

— Eu odeio essa criança papai! Quero que ele morra... — começou a dizer.

— Isto tudo é culpa dele, não é? — Hiro não conseguia enxergar o problema de sua filha e jogava a culpa em mim.

— Ele não tem nada a ver com isso, ele nem é o pai — disse finalmente a verdade.

— E quem é o pai? — ele indagou.

— Eu não sei... — ela respondeu se fechando na posição fetal com as mãos.

— Ayume, Ayume, pare com isto já — Hiro tentava desamarrar os braços dela e do nada ouvi novamente o chorado bebê.

— Eu vou matá-lo! — Ayume subitamente levantou querendo ir até o quarto. Hiro a segurou.

— Ligue para uma ambulância! — ele pediu.

— Eu vou cortar ele em pedacinhos... Tão pequenos e insignificantes quanto ele! — Ayume continuou a dizer e logo após desmanchou em chorar.

Quando a ambulância chegou. Hiro foi junto com Ayume enquanto eu fiquei com o bebê. Estava assustado com toda a situação. Ayume sempre foi descontrolada, mas aquilo? Aquilo era aterrorizante.

Com todo aquele barulho, o pequeno ser que dormia no berço acordou. E naquele momento pensei, farei por ele o que não pude fazer por Sora. Serei um bom pai, e farei o que for possível para a felicidade desse pequeno menino que se encontra agora em meus braços. Por ele... Por Sora.

Quando Hiro voltou sua expressão me deixou assustado.

— Eles a internaram. Vão investigar o que está acontecendo com ela. Eu não sei, quando vi os olhos da minha filha, senti que a havia perdido — Hiro disse sentando-se ao meu lado no sofá.

— Talvez ela esteja com depressão pós-parto...

— Não, é pior do que isto. Vou esperar um parecer dos médicos. — Suspirou. — Me desculpa por te ameaçar James, não sabia do que minha filha é capaz.

— ele disse.

— Entendo. Eu coloquei o bebê para dormir. E queria te pedir uma coisa...

— Diga.

— Eu quero cuidar do bebê, quero ser o pai dele — falei.

— Que ideia é essa? Já sei que não é o pai do meu neto.

— Eu sei. Mas eu quero cuidar dele — disse.

— Está querendo ficar com a herança dele, é isto? — Indagou, Hiro era sempre desconfiado.

— Eu não me importo com a herança. Esta criança precisa de alguém que cuide e o ame. E perdão pelas palavras, mas ele não vai ter isso aqui!

— Você fala demais...

— Não, não falo demais. Você sabe que uma criança sem pai e agora com o surto da Ayume, as pessoas vão falar, isto vai acabar com a reputação da sua família...
— tente convencê-lo pelo seu ponto fraco.
— Está certo... Se é o que você quer, mas vou ficar de olho em você — disse por fim.



Três anos depois...

Fiz um acordo com Hiro de ter cinquenta por cento da empresa de volta, em meu nome. Porém, eu só cuidaria do pequeno escritório que ficava no centro de Tóquio. O negócio continuaria sendo comandado por ele com a ajuda do meu irmão.

Ayume foi diagnosticada com psicose pós-parto. Ficou alguns anos internada, achei que ela nunca fosse melhorar. Porém no último ano os médicos disseram que ela teve uma melhora súbita e estava pronta para sair da clínica psiquiátrica.

Desde que conheci Ayume e tivemos um namoro forçado, eu não conseguia entendê-la, a garota oscilava de personalidade como se fosse pessoas distintas. E depois que teve o surto, eu jamais confiaria nela.

Arrumei Satoshi que agora era meu filho e um Maeda. Iriamos buscar a mãe dele no hospital. Estava morrendo de medo de deixar Ayume se aproximar, mas eu não podia deixá-lo longe da mãe, afinal, sabia o quanto viver longe do filho era dolorido...

Ficamos do lado de fora da clínica e quase não reconheci Ayume quando a vi saindo pelo portão.

Seus cabelos longos e castanhos estavam um pouco acimados ombros. Sem maquiagem, os olhos azuis pareciam apagados. Ela estava usando um vestido azul florido até o pé, algo que ela sempre disse odiar. Quando nos viu deu um sorriso largo.

Veio correndo e me abraçou, logo após abaixou-se e abraçou Satoshi.

— Meu bebê... — ela murmurou.

— Você está bem? — Indaguei a Ayume. Ela parecia outra pessoa.

— Oh, estou! Nunca me senti tão bem... —sorriu.

— Pai, é a mamãe? — Satoshi questionou.

— Sim, é a sua mamãe... — respondi. Satoshi então sorriu lindamente e se agarrou a mãe dele.

Tentei não questionar muito a Ayume sobre tudo que aconteceu nesses últimos anos. Ela brincou com Satoshi e ouviu tudo o que ele tinha a dizer. Ele queria conversar sobre tudo que fazia. Quando finalmente dormiu, Ayume veio conversar comigo.

— James, eu quero agradecer por tudo o que fez por ele, eu não sei como retribuir isso.

— Fique tranquila. Não precisa me agradecer... A única coisa que eu peço é cuidado... Quero que tome cuidado com o Satoshi, sei que o que te aconteceu ficou no passado, mas, cuidado — adverti.

— Eu entendo. E te agradeço mesmo — ela começou a chorar.

— Hey... Fique calma.

— Eu fui horrível, não é? Eu estava tão fora de mim... Vou fazer o possível para reparar o dano.

— Tudo bem, vá com calma...

— Eu posso ficar aqui? Só até eu me reestabelecer, para ficar mais perto do meu filho.

— E a sua família?

— Meus pais só viajam. Nem vieram me buscar hoje...

— Seu pai foi tentar recuperar um cliente na Suíça, mas volta na próxima semana — justifiquei.

— Eu posso ficar até ele voltar, por favor? — pediu.

Após lembrar-me do sorriso de Satoshi ao conhecer a mãe dele, não pude dizer não como resposta.



Já fazia três meses que deixei Ayume morar conosco. Fiquei receoso de manda-la ir embora, já que Satoshi estava radiante de ter a mãe dele conosco. E nesse meio tempo, apesar de Ayume agir como se estivesse bem, algo parecia estranho com ela, as personalidades distintas que um dia eu conheci, ainda estavam nela. Era como se Ayume fosse duas pessoas.

Embora eu tenha essa desconfiança, não tinha como provar. E havia outros questionamentos em minha mente.

Consegui contratar um investigador para descobrir o que havia acontecido com Mari. Pedi para que ele me encontrasse em minha casa, pois havia me dito que conseguiu informações. Fiquei louco de felicidade e corri para casa.

Ao chegar a minha casa, estranhei vê-lo conversando com Ayume.

— Hey James! Que legal saber o Takashi o está ajudando a encontrar sua filha — Ayume disse.

— Você o conhece? — Indaguei.

— Ah sim, conheço, é amigo do meu pai — ela disse.

— Entendo, qual é a notícia urgente Takashi?

— Quis logo saber.

— É... — ele vacilou por um momento. — As minhas buscas se mostram nulas... Não foi possível encontrá-las

— aquilo foi um golpe em meu coração.

— Eu pensei que você fosse encontrá-las, se mostrou tão positivo nesse caso — falei.

— Desculpe James, vou continuar procurando.

— Talvez você precise de ajuda, posso contratar outro investigador para ajudá-lo — tentei encontrar esperanças.

— Não! — Ayume entrevistou. — Quer dizer, Takashi é o melhor investigador do Japão, vamos esperar, ele vai encontrá-las.

— Está certo, estou contando com você Takashi — disse.

Agarrei-me nas últimas esperanças de reencontrar Mari e
minha filha.



Quatro anos depois...

Com seis anos Satoshi adorava fazer perguntas.

- Por que você e a mamãe não se casam, papai?
- ele questionou ao voltar da escola.
- Porque somos bons amigos — respondi. Ayume se mudou para um apartamento depois de ter ficado seis meses em minha casa. Ela se mostrava uma boa mãe e dividíamos a guarda de Satoshi.
- A mamãe disse que você não quer ficar com ela — disse.
- É que o papai gosta de outra pessoa — tentei responder.
- E quem é esta pessoa? — continuou perguntando.
- Alguém que sumiu há muito tempo.
- Então você pode se casar com a mamãe! — Satoshi vibrou.

Após tantos anos eu havia perdido as esperanças de reencontrar Mari. E talvez as pessoas tivessem razão, eu tinha que recomeçar minha vida.

— É melhor lavar as mãos para comermos — corteia conversa. — Hoje tem sobremesa — o encorajei e rapidamente Satoshi foi se lavar.

Depois que comemos fomos até o jardim cuidar da horta que fizemos em casa.

— Olha papai, um dente-de-leão! — ele se animou ao ver vários dentes-de-leão ao redor da horta.

— Estou vendo.

— Vou fazer um pedido — ele disse e arrancou um dente de leão, a mãe dele sempre contava essas histórias.

Logo após o assoprou. — Papai, faça um também
— ele disse estendendoum para mim.

— Ah não...

— É sério papai, faça um pedido — ele insistiu. E
então eu aceitei. Sabia que seria um pedido inválido. Mas
no fundo eu queria ter a esperança que esse desejo se
realizasse.

Soprei as pétalas e aquelas acabaram voltando para
mim.

— Papai! O seu desejo vai se realizar... — Satoshi
vibrou batendo palmas.

— Como assim?

— Se o vento trouxer de volta é sinal de que o
desejo será realizado.

Sorri, queria acreditar tanto quanto meu filho, mas não
obtive qualquer notícia nesses últimos sete anos. Eu
tentava me lembrar do rosto de Mari todos os dias,
contudo a lembrança dela parecia estar cada vez mais
longe...

Meus olhos se encheram de lágrimas ao perceber que
não vi minha filha crescer e para piorar não sabia
se estavam vivas... Eu me culpo todos os dias pelos meus
erros, mas eu não merecia viver naquela angústia.

Ri ao pensar que minha última esperança era um
dente de leão.

Flor de Cactus

Senti um peso em minha alma. Era difícil imaginar que James tenha tido um filho com outra pessoa, e me doía ainda mais pensar que ele poderia estar casado.

— Você tem um filho? — Indaguei após a surpresa.

— Sim, esse é o Satoshi — James apresentou o menino que estava agarrado na pernadele. Lembrei-me da garota que James namorava no passado. Definitivamente aquele menino era filho dela.

Quando fui embora, não pude deixar e me sentir trocada. Sabia que James havia escolhido sua família e principalmente essa garota. Segurei minhas frustrações e decidi agir normalmente.

— Oh, que garoto lindo! Vamos Sora, cumprimente seu irmão! — Falei a Sora que estava escondida atrás de mim.

— Não! — exclamou. Ela estava definitivamente com ciúmes.

— Sora, não seja malcriada, ande, fale com ele agora — dei o ultimato. Sora começou a sair vagarosamente de trás de mim. Enquanto Satoshi a olhava admirado. James o empurrou para falar com Sora.

— Satoshi Maeda — o menino se apresentou para Sora.

— Sora Okamoto — minha filha disse, ambos com as mãos atrás das costas, constrangidos.

— Essa é a mãe da Sora — James me apresentou. Satoshi sorriu para mim e eu lhe dei um beijo, ele parecia ser um bom menino.

— Agora que estamos apresentados, podemos ir ao parque — James disse e todos concordaram. Porém não pude deixar de notar a frustração de Sora. O parque era perto da casa de James e decidimos ir a pé.

Ali, no lugar onde a estrada de terra se encontrava com o jardim viçoso, havia um cacto grande e intrincado. Tinha o tronco marrom e coberto de cicatrizes, como se tivesse sido ferido várias vezes por seus próprios espinhos. Cada ramo era

estruturado como uma série de mãos espalmadas, que cresciam uma a partir da outra: direita, depois esquerda, então direita outra vez. Assim, cada um deles mantinha equilíbrio suficiente para manter-se reto e alto.

— Uau, que cacto gigantesco! — Exclamei.

— É muito bonito — James disse.

— É perigoso encostar-se nele, não cheguem perto crianças — alertei.

Havia alguns balanços, escorregadores e muita areia em volta para as crianças fazerem uma bagunça. Satoshi puxou Sora para ir até o balanço, ela cedeu ainda um pouco emburrada.

Sentei-me no banco de frente a eles e James fez o mesmo. Eu queria entender o que aconteceu nesses sete anos e estava disposta a ouvir, mesmo que doesse.

— Você se casou? — Indaguei logo que ele mencionou falar algo.

— Não, mas estou noivo — disse. Inspirei fundo, meus pulmões se enchendo de decepção.

— Ah... Quantos anos Satoshi têm? — Indaguei, não pude deixar de notar que o menino parecia ter quase a mesma idade que Sora.

— Seis anos — ele respondeu. Aquilo era um golpe para mim. Ele havia engravidado a garota bem na época que eu fui embora.

— Nossa... — foi o que pude dizer. James me encarou e vi que ele entendeu o quanto eu estava frustrada e decepcionada. Eu sabia que ele não tinha parado a vida dele quando fui embora, mas ter um filho logo após isto era um absurdo para mim.

— Satoshi não é meu filho, não de sangue — James disse.

Não sabia o que dizer ou pensar, mas ele ter assumido o filho de outro homem me parecia dizer o quanto ele amava aquela garota. E de certa forma me senti mais leve.

— A Ayume teve sérios problemas psicológicos depois da gravidez e então eu decidi assumir Satoshi como meu filho — James completou e depois ficou esperando uma resposta minha.

Aquilo parecia a maior prova de amor que eu já havia visto na vida e me deixava com raiva. Raiva por ele ter assumido o filho de outra mulher, raiva por ele não ter nos procurado e ter refeito a vida dele com outra família.

— Entendo. Que bom para o menino ter um pai — falei com evidente irritação.

— Mãe, mamãe — ouvi Sora me chamando.

— O que foi querida? — Indaguei indo até ela.

— Me balance! — ela pediu. Então eu comecei a empurrar o balanço, meus pensamentos viajaram tentando amenizar minha frustração.

— Você quer que eu te balance também? — Questionei a Satoshi que estava sentado no balanço, quieto e cabisbaixo. Ele olhou para mim e abriu um sorriso lentamente, tímido e assentiu.

Vi que James ficou um momento apenas nos olhando e logo após, veio até nós. Ficamos brincando com as crianças e quando deu o horário do almoço, decidimos voltar.

Parecia que James estava com medo de falar comigo, quando decidi que era hora de ir embora, ele sorriu para mim e disse:

— Até breve.



— Você pode me dizer como é essa Ayume? — Indaguei a Yumi enquanto tomávamos um café.

— Eu não a conheço muito bem. Na verdade, ela tenta ser minha amiga, porém eu não confio. A Ayume teve um surto psicótico depois da gravidez, e James decidiu adotar o Satoshi como filho dele, ela saiu do hospital faz quatro anos... Desde então diz ser outra pessoa, melhor e totalmente mudada — Yumi resumiu.

— Nossa, deve ter sido complicado. Mas sei lá, o fato do James ter assumido o filho dela, não me convence. Tem certeza que o filho não é dele? — Indaguei.

— A própria Ayume confirmou... — respirei um pouco mais aliviada, apesar de que eu não tinha mais nada a ver com James.

— Certo, isto mostra claramente o quanto ele gosta dela — deduzi.

— Não, isto mostra claramente o quanto ele gosta da criança! Não tente deduzir tudo Mari... Passou-se sete anos e o Satoshi foi uma verdadeira alegria para James. Ele estava tão triste e o menino foi à salvação dele. Uma completa válvula de escape para a tristeza!

— Entendo... — Eu sentia medo, medo de saber que James amava outra pessoa. — Mas ele está noivo, vai se casar com ela!

— Porque ele pensou que você nunca ia voltar. Mas Mari, ainda dá tempo, dá tempo de vocês se entenderem, ele não casou com ela, não ainda!

— Eu não quero voltar com ele.

— Eu sei que você quer, consigo ver em seus olhos.

— Não Yumi... Eu não quero.

— Poxa, Mari.

— Ele me deixou Yumi! Eu não posso ignorar isto.

— Ele não te deixou, se você o deixar explicar tudo que aconteceu... Mari, você precisa esquecer o passado. — ri disso.

— É um pouco difícil esquecer algo que te machucou tanto.

— Ok, então fique sentada vendo o único homem que você amouse casando com outra! Simplesmente porque você é cabeça dura demais para admitir o que sente.

— Se é o que ele quer, eu não posso fazer nada. —
Falei por fim.

Quando Kenichi chegou, ele veio até a mim com um vaso de cacto em sua mão.

— Encontrei na porta de casa, está endereçada a você — Kenichi disse. Diferente do cacto que eu havia visto no parque, este era pequeno e possuía duas belas flores rosa. Peguei o bilhete que havia um pequeno recado escrito.

“Cacto significa amor ardente. Encontre-me no endereço abaixo para que eu te fale mais sobre amor”.

Fiquei pasma com o bilhete, não era algo que eu esperava e só havia uma pessoa que poderia ter me mandado isto: James.



Pensei diversas vezes em não ir, mas então eu já estava dentro do carro e pouco depois havia chegado ao lugar. Era uma cabana, totalmente afastada da cidade, fiquei com medo de sair do carro, porém vi James saindo da casa e então decidi descer do carro.

— O que significa isto? — Indaguei.

— Eu quero conversar com você a sós, e com as crianças fica um pouco difícil, e você também não facilita — disse se aproximando.

— Eu acho melhor ir embora — falei virando-me de volta para o carro.

— Mari, por favor. Só fique comigo, somente hoje e eu prometo não te importunar, nunca mais! — disse. Eu não tinha forças o suficiente para lutar contra o pedido dele, parecia ser tão sincero.

— Tudo bem, eu vou ficar. Mas só dessa vez! — aceitei, dando um suspiro. E ele assentiu.

— Meu pai comprava muitas propriedades, nós vendemos quase tudo após a morte dele, porém, ficamos com essa cabana, porque ele a amava.

O sol estava se pondo atrás dos morros mais adiante. As nuvens carregadas que se aproximavam, traziam uma promessa nervosa de chuva.

— É muito bonito — falei. Por fora parecia um lugar pequeno, tinha dois andares e um telhado pontiagudo, uma varanda envidraçada e cortinas de renda nas janelas. — O que você está planejando, James? Por que me chamou aqui? — Indaguei ao entrar na casa.

— Eu só quero passar um dia com você. Sem ressentimentos, quero ouvir e quero que você também me ouça. — Disse e fez menção para que eu o seguisse e conhecesse a casa.

A sala de estar cabia apenas um sofá de dois lugares de veludo azul e uma estante de livros que ia do chão ao teto. Não havia televisão nem aparelho de som. Não vi nem mesmo um telefone.

— É um lugar bem acolhedor — falei.

— Não mudamos nada. Os móveis são antigos, mas eu gosto.

— É um lugar silencioso.

— É assim que eu gosto. Consigo me esquecer de onde estou, entende?

— Eu entendo.

— Fiz algo para comermos — ele disse.

Ele foi até o balcão e serviu duas tigelas de Miso.

— Não precisava disso, James — falei. Começamos a comer. Estava muito mais gostoso do que eu esperava.

— Me conte sobre sua vida, por favor. — pediu.

— Certo, minha mãe recebeu uma proposta para trabalhar nos Estados Unidos, e eu refiz minha vida lá. Terminei a escola, consegui uma bolsa de estudos na academia de dança, logo após consegui um estágio e um tempo depois, comecei a dar aula... É mais ou menos isto o resumo — falei.

— Você voltou a dançar? Você era muito boa mesmo.

— Me reencontrei na dança. A Sora também gosta bastante.

— Eu fico feliz — ele sorriu. — E você encontrou alguém?

Fiquei na dúvida se deveria falar ou não sobre o único cara que sai durante esses sete anos.

— Eu conheci uma pessoa na faculdade. Ficamos juntos alguns meses... Ele era japonês também, estava lá por uma bolsa de estudos, como eu e isto meio que nos aproximou.

Ele me analisou como se quisesse saber mais, porém não me estendi no assunto. Do lado de fora, caía uma chuva torrencial.

— E por que terminou? — ele indagou. Pensei no que poderia responder. A resposta era bem simples, porque eu não o amava.

— Não era para ser — falei.

— E você não está com mais ninguém agora? — ele continuou questionando.

— Por que essas perguntas James?

— Porquê tenhociúmes.

— Você está noivo.

— Estou, mas não é o que eu queria — justificou.

— Besteira, você não foi obrigado. Não minta para mim.

— Não estou mentindo, você pode não entender, porém, eu fiz isso porque achei que devesse recomeçar.

— Está certo. É a sua vida, vamos parar com essa conversa, por aqui — falei tomando todo suco. — Foi legal termos uma conversa, mas por mim já deu. Eu preciso ir, obrigada. — Me levantei.

— Eu te pedi para ficar aqui e você aceitou, por favor, fica. — James se levantou também.

— Eu não posso. Não consigo James... — falei e corri até a porta disposta a encarar a chuva até o carro.

Abri a porta e comecei a correr enquanto ouvia os gritos de James querendo me parar, pensei que ele não estivesse atrás de mim, porém senti suas mãos me segurando no meio do caminho.

— Por que não podemos esquecer o passado e recomeçar?

— Porque não é fácil como parece...

— Mesmo que você negue, mesmo que lute com todas as suas forças para me esquecer, eu sei... Eu sei o que você sente! Porque é igual ao o que eu sinto. Eu te amo, amo tudo em você...

— Amor, muitas vezes, não é o suficiente para que um relacionamento funcione.

— Por que você não tenta?

— Eu já tentei.

— Tentou quando erámos adolescentes? Por favor, Mari, é diferente agora.

Minha experiência com o amor me ensinara os perigos de mergulhar de cabeça em algo e se arriscar a um colapso.

— Por que é diferente agora? Nós estamos bem, você vai ter a sua família, e eu logo vou me encontrar... Não posso fazer isso, não posso mudar o que já está feito. Você vai ser feliz, e eu também...

— Não, Não vai. Vai sentir minha falta. — Insistiu — Do que você tem medo? — indagou ele, depois de eu ficar um bom tempo calada. Refleti sobre sua pergunta. Sabia que ele tinha razão, que era o medo que nos mantinha afastados. Mas o que exatamente eu temia?

— Me abraça? — Pedi não contendo as lágrimas.

Ficamos abraçados um bom tempo, sem falar, apenas respirando enquanto a chuva caía sobre nós.

As mãos de James pousaram sobre mim. Eu as apertei em meu rosto, e ele acariciou com a pontado polegar. Fechei os olhos e nossos lábios se tocaram. Ele prendeu a respiração e eu o beijei com mais intensidade. Meu desejo era de estar mais perto de James, de beijá-lo com mais força, por mais tempo, de mostrar o quanto tinha sentido sua falta.

Cravo de amor

Eu sabia o que estava fazendo quando decidi voltar para a cabana e mesmo sabendo que era errado, eu não pestanejei. Estávamos encharcados e deixamos os sapatos fora da casa. A lama estava cobrindo um tanto da minha perna, e vi que James estava igual a mim.

— Eu vou buscar uma toalha para você, não fuja, por favor — James pediu e eu fiquei parada tentando não pensar muito e quando James voltou, estava com uma toalha no ombro e outra ele deu a mim.

— Obrigada — sussurrei.

— Você quer tomar banho? Vai pegar uma gripe assim...

— ele sugeriu, aparentemente sem jeito.

— Eu aceito, mas e a roupa? — Indaguei.

— Eu vou pegar uma para você — disse e eu assenti.

Ambos não queríamos dar o primeiro passo de falar algo. Então James me deu um moletom grande, que parecia ser dele e eu fui até o banheiro.

Deixei a água cair sobre meu corpo enquanto lutava contra minhas emoções, assim que a chuva parasse, eu teria que ir embora, se não iria acabar cedendo aos sentimentos. Após minha pele ficar enrugada de tanto tempo que demorei no banho, resolvi sair. Sem muito que vestir, ao me secar, coloquei o moletom e deixei minhas roupas penduradas no box.

Quando sai do banheiro, vi James saindo do outro cômodo enxugando o cabelo, ele estava somente com uma toalha envolvendo a parte de baixo do corpo. Isso disparou todas as formas desesperadas de desejo em mim.

Ele foi se aproximando, seu olhar foi me tirando às palavras.

— Eu... err — as palavras não queriam sair da minha boca.

— Você pode dormir aqui, a chuva vai demorar a passar

— ele disse e entrou em um dos quartos e eu acabei o seguindo.

— Não, assim que a chuva parou vou para casa — falei.

— Não, você vai dormir aqui.

— James, eu vou para casa!

— Não, você não vai — disse me pegando no colo.

— Pare, me solte! — tentei lutar.

— Você dorme aqui — sussurra, me deitando na cama dele. Sinto-o deitar atrás de mim e sou puxada ao encontro do seu peito. Estou dividida entre a necessidade de estar com ele e entra a razão de ir embora.

— James, precisamos conversar — digo em voz baixa, enquanto ele beija meu pescoço e se ajeita à minha orelha. Tento manter a sanidade. Olho pelo quarto, tentando manter minha consciência. Vejo que na cômoda tem um pequeno vaso de flor de folhas lineares e ramos floríferos muito finos com numerosas e pequenas flores brancas.

— Que flor é esta? — Indago a James, tentando tirar a atenção dele da minha face.

— É um cravo de amor, significa amor eterno — respondeu.

— Uau, você está cultivando plantas então? — continuo questionando.

— Sim, pretendo abrir uma floricultura em alguns anos — James respondeu passando a mão levemente pela minha cintura por baixo da blusa que eu usava.

— Nossa, eu adoro flores — tento prolongar o assunto. Porém, James não quis continuar conversando.

— Eu preciso de você — ele sussurra, encontrando a minha boca e a possuindo com carinho.

— James, por favor, precisamos conversar. — Digo ofegante. Minha voz é quase inaudível, e, de alguma forma, consigo me desvencilhar.

— Mari, é assim que precisamos conversar — ele segura a minha nuca e me puxa mais para perto. Meu corpo vence e eu me rendo a ele. James passa o braço pela base da minha coluna e me deita na cama, selando nossos lábios no processo, todo o meu ser voltando à vida.

quando sua língua quente e úmida atravessa meus lábios
gentilmente e desliza em minha boca.

Ele tira a única peça que eu vestia, antes de se
inclinarmos e beijar o meio do meu peito, passando a
língua delicadamente em um círculo que vai até meu
pescoço. Fico tensa, estava morrendo de medo. Meu
coração acelerado não ajuda em nada para acalmar minha
respiração entrecortada.

— Você e eu — ele sussurra no meu ouvido,
deslizando uma das mãos pelo meu corpo, direto para o
meu sexo.

E então me dou conta que estou perdida nele outra vez e
sinto que nunca mais queria voltar à sanidade.

Passando os dedos por seus cabelos, me deleito com a
fricção de seu rosto em minha pele. Ele afasta a boca e
enterra o rosto no meu cabelo, ao mesmo tempo em
que toca meu íntimo.

— Eu estava com saudade — ele murmura no meu
pescoço. — Estava com tanta saudade de você.

— Eu também senti tanto a sua falta. — Não pude
deixar de dizer o que sentia. Seguro a cabeça dele
bem perto de mim. Estava arrebatada por sentimentos intensos
que me preenchiam, desejo, amor, indecisão e temor.

Já fazia muito tempo que nossos corpos desejavam estar
juntos.

Nossos olhos dizem mais do que qualquer palavra
poderia significar. Tiro as mãos da nuca dele e pouso
uma palma de cada lado do seu rosto.

— Obrigado por voltar para mim — ele diz com
suavidade enquanto eu o observo.

“Obrigada por me esperar...” Eu queria ter dito, mas
não conseguia falar, apenas sentir.

Os minutos que se passaram foram de puro deleite e
amor. E embora eu lutasse para não me perder em meus
sentimentos, não quis deixar de aproveitar a sensação de
nossos corpos unidos. Não era só sexo depois de
um reencontro dolorido. Era duas pessoas que sempre se
amaram e que estavam se descobrindo novamente.

— Eu amo você — disse bem baixinho enquanto me olha, ofegante. Ele pousa os lábios nos meus. É tão intenso... Tomando conta da minha boca, ele me beija profundamente, e eu o abraço com força, unindo-me a ele, sugando cada partícula daquele homem que eu amava. Eu poderia ficar aqui para sempre, completamente envolta de James...

— Eu já tinha desistido de te encontrar novamente... E isto parece realmente um sonho — James disse e cai do meu lado na cama com a mão envolta na minha barriga.

— Não pensei que isto fosse acontecer de novo — falei. James e eu só havíamos ficado juntos uma vez, e foi memorável, pois nos prendemos a um laço eterno desde então, nossa filha Sora.

— Nós fizemos algo por impulso... Você sabe que é errado — tive que dizer o que pensava.

— Não, não foi errado, porque eu só quero você, quantas vezes eu vou ter que te dizer isto? — James me encara e passa a mão pelos meus cabelos, fecho os olhos e tento conter as lágrimas, mas é em vão porque elas percorrem minha face sem controle.

— Por que está chorando? — James indaga querendo enxugar minhas lágrimas com suas mãos.

— Porque isto é tão difícil.

James fecha os olhos, encostando sua face na minha.

— Desculpe... Eu sinto tanto, mas tanto. Não mereço, mas, por favor, me dê uma chance — ele me aperta em seus braços, me puxando para colocar-me no colo e me apertar contra o peito. Choro sem parar abraçada a ele. — Eu preciso de mais uma chance.

O silêncio se instala entre nós, meu coração se aperta no peito, e sinto certo alívio misturado à dúvida. Milhões de palavras surgiram na minha mente há dias, mas agora não conseguia pensar em nenhuma além da verdade.

— Mesmo depois de todos esses anos eu te amo e sempre vou te amar... — quase me sufoco com as últimas palavras, elas estavam presas há tanto tempo.

— Nossos laços serão eternos. — ele fez a promessa.
Eu tinha medo de suas promessas, mas eu queria acreditar.
— Agora, me dá um sorriso? — Ele enxuga uma
lágrima furtiva.
Faço um maneio com a cabeça e enxugo as
lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Sorrio com toda a
felicidade e amor que sentia e James retribuiu da
mesma forma, um sorriso inebriante. Selando assim a nossa
promessa de amor eterno.

Flox

Acordo com o mesmo pensamento em que dormi.
Vejo que James está com a mão em minha cintura.
Começo a tirar lentamente seus braços do meu corpo.
Acordei sem o menor sinal de remorso ou vergonha.

Sinto seus braços me prenderem, vejo que acordou.

— Nem pensem isso, Mari — a voz rouca de sono.

— Preciso usar o banheiro.

— Tudo bem... — Ele suspira. — Não desapareça.

— Já volto — murmuro.

Uso o banheiro, lavo as mãos e paro alguns minutos para me olhar no espelho.

Acho que os anos que se passaram foram bons comigo. Deixei os cabelos castanhos escuros tradicionais e pinte de castanho claro, meus olhos tipicamente orientais esboçavam vivacidade, a pele do rosto ainda firme, porém denunciava que eu amadureci. Sorrio, convicta de que algo dentro de mim mudou. Eu não era mais uma garota insegura e apaixonada. Eu era uma mulher que sabia que amava um só homem.

Saio do banheiro e encontro James já vestido. Ele beija minha testa e me abraça com carinho.

— Recebi uma ligação da Ayume, Satoshi passou a noite com febre... Vou ver com ele está — James disse.

— Ah, claro. Vou me vestir e vamos — assenti. Vi que minha roupa estava fria, mas não encharcada como na noite anterior. Vesti ainda amarrotada.

— O que vamos fazer agora? — James indagou.

— Vou para a casa da Yumi... — respondi.

— Não isto, estou querendo dizer do nosso futuro. Quero que fique, quero nossa família unida — passou a mão pelos meus ombros.

— Você está noivo.

— Sim, mas não é o que eu quero.

— Eu prometo esquecer o passado, porém, você precisa conversar com ela, é a Ayume sua noiva, certo?

— Sim... — murmurou.

— Então, ela nos atrapalha desde que nos conhecemos. Eu quero que dê um basta nisto, de uma vez por todas, só assim poderemos ficar juntos.

— E eu vou. — me abraçou e senti que desta vez ele não voltaria atrás. — Nunca mais vou deixar você ir embora — ele me avisa entre beijos.

— Não quero que me deixe ir.

— Nunca mais — Ele respirou fundo, liberando a tensão em suas sobranceiras. E caminhamos para fora da casa.

— Esse jardim, foi você que plantou? — Indaguei quando vi as flores azuis cercando a casa. Com o temporal estava tudo encharcado.

— Este foi o meu pai. Porém o jardim da minha casa e a do Kenichi foi eu que plantei. Eles escolheram as flores.

— Ah, eu vi pequenos botões de flores roxas no jardim deles.

— Sim, são flores Flox.

— E qual é o significado? — Indaguei.

— Nossas almas estão unidas — disse.

— Uau, é um belo significado. As flores têm uma linguagem própria, não é?

— Sim, a linguagem das flores é incontestável. Em algum momento isso vai ser importante para você — disse depositando um beijo em meus lábios.

— Não comece com segredos.

— No momento certo.

— Está bem, não insistirei.

— Vou buscar vocês para o almoço. — Ele beija minha têmpora e cheira meus cabelos.

— Está bem, até mais tarde. — suspirei e entrei no carro.



Quando cheguei à casa dos meus amigos me senti muito mais leve. Ainda era cedo e tinha certeza que Sora ainda estava dormindo. Quando entrei na casa vi Yumi sentada na sala com alguém que eu não via há muito tempo.

— Akira? — Indaguei e ele se levantou, ele não havia mudado nada desde que nos vimos pela última vez.

Seus cabelos castanhos perfeitamente alinhados, os olhos cor de âmbar que agora me pareciam extremamente familiar...

— Mari — ele veio me abraçar.

— O que faz aqui? — Questionei não conseguindo ser cordial.

— Vou deixá-los a sós — Yumi disse se levantando do sofá.

— Eu perguntei a sua mãe, desde que terminou comigo, eu não pensei em outra coisa, além de ter você de volta — disse muito próximo e eu me afastei.

— Ah, nossa, pare com isto. Nós não nos amávamos, isto era evidente. E foi de comum acordo, lembra?

— Sim, e vejo que fui um idiota por não insistir em nós...

— Pare. Que loucura foi esta de vir atrás de mim?

— Eu também pretendo ficar aqui.

— Ok. Mas o que tivemos ficou no passado e não vai voltar. — Fui determinante.

— Eu não posso te reconquistar?

— Não. Akira, por favor. — falei quando ele tentou se aproximar.

— Tudo bem... Eu vou estar hospedado aqui perto.

— É melhor não perder o seu tempo. — falei indo até a porta e a abrindo.

Queria que ele entendesse que era a indireta para ele ir embora.

— Não desisti — disse e saiu pela porta.

Fechei a porta e suspirei. O Akira aparecer de repente era muito, muito estranho. Logo após Yumi apareceu.

— Não sabia que você tinha namorado o Akira — Yumi disse.

— Você o conhece?

— Sim, ele era amigo do meu primo. Depois não tive mais notícias dele, soube que ele havia se mudado...

— Ah entendo. Namorei-o quando entrei na faculdade. Mas não foi nada demais. Ambos não estávamos apaixonados, e eu realmente não consigo entender o porquê de ele estar atrás de mim.

— Talvez ele tenha percebido que te amava, mas isto não é importante. Dona Mari, você passou a noite fora de casa... Quer dizer então que rolou? — Yumi indagou sentando-se no sofá e eu me sentei ao lado dela, extremamente corada.

Acho que a convivência com o Kenichi está fazendo-a ficar mais safada.

— Sim, nós ficamos juntos — falei ligeiramente constrangida.

— Ah eu fico tão feliz — ela me abraçou com dificuldade por conta da sua barriga.

— Eu também estou feliz. Sinto que finalmente vamos ficar juntos. Não sei como tudo aconteceu tão rápido, me sinto angustiada, mas tenho certeza que o melhor é aceitar que o passado não se pode mudar e viver o presente.

— É claro, é exatamente isto que você precisava perceber. Tenho certeza que serão muito felizes. — Sorrimos. Eu não poderia estar mais esperançosa.



— Nós vamos almoçar com o papai? — Sora indagou quando peguei uma roupa para ela vestir. Eu já estava arrumada, tinha colocado um vestido verde um pouco acima do joelho com um cinto marrom claro. Deixei os cabelos soltos e uma maquiagem leve.

— Vamos, temos muito que conversar.

— O Satoshi também vai? — questionou colocando a sapatilha.

— Não sei. Porque você quer que ele vá? — perguntei. Ela parecia estar implicada com ele.

— Não — disse ficando emburrada.

— Mari, pode descer, tem visita para você — ouvi a voz de Yumi. Pensei que fosse Akira de novo, porém quando desci encontrei Ayume. Parecia muito mais madura do que eu me lembrava, cabelos curtos, pouca maquiagem, e seu vestido marfim, não combinava com sua idade.

— Olá — falei quando a vi.

— Me desculpe aparecer sem avisar, mas gostaria de falar com você — disse e eu assenti. Já estava preparada para ouvir coisas ruins, tinha certeza que ela tentaria nos separar.

— Você não quer sentar?

— Não precisa, serei rápida. James e eu estávamos noivos até você aparecer — disse de imediato.

— É, fique sabendo — disse enquanto ela me encarava.

— Sei da história de vocês e prezo muito pelo James, eu o amo. E é por isto que vou deixar o caminho livre para vocês.

Fiquei surpresa, não era algo que esperava ouvir da pessoa que mais atrapalhou minha vida.

— É sério? — Indaguei desacreditando. Deveria haver algo por trás.

— Sim, e vim dizer pessoalmente para que não haja problemas entre nós no futuro.

— Eu agradeço — falei. Ela sorri, mesmo assim, não consigo me convencer.

— É só isto que tenho para dizer, agora preciso ir — Ela mexe nos cabelos e os joga para trás dos ombros.

— Oh, você não quer conversar mais sobre isto... Não sei o que falar... Foi tão repentino — falei. Queria ser educada.

— Não precisa falar. Espero que sejam felizes. Boa sorte
— disse e senti um frio na espinha. Não conseguia acreditar em nada do que ela dizia.

E então eu pensei em perguntar algo para ela.

— Você conhece o Akira Takeuchi? — Inquiri. E a vi congelar por um instante. Suas sobrancelhas perfeitamente desenhadasse levantaram.

— Não conheço, por quê? — ela respondeu ligeiramente nervosa e neste momento tive a certeza que ela o conhecia. Agora estou mesmo confusa, e isso se traduz no meu rosto.

— Nada, acho que fiz confusão — falei e ela me olhou desconfiada. Fiquei olhando Ayume entrar no carro e vi James andando em direção a mim.

Tudo aconteceu em uma sequência de tempo que eu mal pude acompanhar, Ayume fechando a porta do carro e James sorrindo para mim e então antes que ele entrasse na varanda da casa ouvi um barulho e algo acertou James nas costas fazendo-o cair no jardim em cima das flores Flox.

Quase engasgo e meu coração bate forte.

— Alguém me ajude! — grito, correndo até seu corpo sem vida, desabando ao lado dele. Seguro seus ombros para tentar virá-lo. Não sei de onde surge a força, mas consigo tirá-lo da posição em que o encontrei e deito sua cabeça no meu colo. Passo as mãos desesperadamente por seu rosto barbado.

— F-Flox... — James murmura antes de apagar.

Ayume corre em nossa direção.

— James, acorde. Por favor, acorde — imploro, me tornando histérica enquanto olho para o homem que amo inconsciente e inerte, deitado no meu colo. As lágrimas escorrem dos meus olhos e caem no dele. — James, por favor, fica comigo — Corro as mãos por seu rosto, seu peito, seus cabelos.

— Vou ligar para uma ambulância — Ayume diz. E vejo que tem diversas pessoas estranhas olhando para nós.

— É melhor manter-se afastada do corpo — alguém disse.
— Cheque a respiração dele — outra pessoa fala.
— Não sei se ele está respirando — soluço. Mais lágrimas escorrem sem controle dos meus olhos, e tudo parece ficar em câmera lenta.

Lírio

Duas semanas depois...

Estava perto da data da minha partida, porém, eu não queria e não deveria ir embora. Passei alguns dias sem entender o que havia acontecido. Todos os dias eu ia para o hospital, na esperança que ele acordasse e me dissesse o que havia acontecido. Não havia qualquer pista sobre quem havia atirado em James, e para piorar ele estava sendo investigado pelo FBI.

No jornal, ele era o assunto principal.

“A empresa Maeda está sendo investigada há anos por sonegação de impostos, e tráfico de drogas. James Maeda, um dos herdeiros, recentemente foi baleado. Ainda sem evidências, a polícia investiga os suspeitos. Hiro Matsuo o sócio, garantiu em entrevistas recentes que não sabia de nada e que foi enganado por seu genro, James Maeda... [...]”.

Comecei a chorar de imediato. A soluçar incontrolavelmente. Solucei daquele jeito durante quase uma semana, sem trégua.

— Esse jornal é completamente tendencioso — Yumi desligou a televisão.

— O que o Kenichi está fazendo? Ele sabe realmente o que aconteceu? — Indaguei a Yumi. Kenichi havia sido preso na semana passada por ser um dos empregados de confiança de James.

— Ele não me diz nada, foi interrogada pela polícia diversas vezes e após pagarmos sua fiança ele não quer falar mais nada. Isto é perigoso Mari, tem muita gente poderosa envolvida.

— Entendo, mas estou pirando sem saber a verdade. Será que o James está mesmo envolvido com tráfico? Isto é absurdo!

— Ele não faria isto, porém há muitas provas contra ele. Pedi para Kenichi não se envolver, pois recebemos ameaças... Mari, preste atenção no que vou te dizer... Não se envolva nisto. Eu apoiei e sempre vou apoiar o seu amor por James, porém você tem uma filha e tem que pensar nela agora... É melhor você ir embora. — Yumi disse pesarosa.

— Ir embora? Eu não posso abandoná-lo. Eu o amo demais... — disse, meus olhos se encherem de lágrimas. A campainha tocou eu fui atender.

— Mari Okamoto? — o homem indagou e acenei que sim com a cabeça. — Sou o agente especial Hiroshi Yamaguchi, do FBI — continuou o homem. — Este é o agente especial Inoue Senju. — Os dois ostentavam distintivos reluzentes.

— Importa-se de nos acompanhar para responder algumas perguntas? — Indagaram. Eu não podia negar.

— Sim, só um minuto — falei e fui falar com Yumi para ficar com Sora até eu voltar.

— Yumi, eles querem que eu responda algumas perguntas, você pode ficar com Sora até eu voltar? — Perguntei.

— Tudo bem, mas cuidado — ela sussurrou.

— Obrigada — falei e peguei o meu casaco.

Inoue abriu a porta traseira do carro para mim enquanto eu tentava não surtar com os acontecimentos.

Sentei-me no banco traseiro do carro. Yamaguchi se acomodou ao volante. O percurso levou uns vinte minutos. Fomos

parar no centro. Ao entrar no prédio, tenho a sensação de estar em cara lenta.

Inoue se arrastou até um dos cantos da sala e ficou de pé ali. Yamaguchi, ainda tomando a iniciativa, sentou-se à cabeceira da mesa e girou a cadeira para ficar de frente para mim.

— O que você poderia nos dizer sobre James Maeda?

— perguntou Yamaguchi. Eu não sabia o que responder. Tentei analisar a situação, mas estava totalmente confusa. Olhei para ele.

— Nós namoramos no colegial e tivemos uma filha. Nosso relacionamento não deu certo e me mudei para os EUA aos dezessete anos e foi onde morei por sete anos. Porém, voltei para a cidade recentemente, de férias. Revi alguns amigos e apresentar a minha filha ao pai dela — Resumi e fui a mais sincera possível.

— Temos evidências que comprovam que a senhorita e o senhor Maeda são amantes. O que pode nos dizer sobre isto?

— Não somos amantes. Ele terminou com a noiva dele, e o que isto tem a ver com a investigação de vocês?

— Averigüei irritada.

— Ele pode ter lhe dito algo sobre a empresa e o tráfico que ele comandava — inquiriu.

— Essas acusações são totalmente sem fundamento! — Exclamei. Estava cansada de ouvir mentiras sobre James.

— A senhorita acredita muito nele. — Yamaguchi lançou-me um olhar ameaçador.

— Não tenho motivos para não acreditar.

— A senhorita quer motivos?

— Não estou gostando de sua atitude — falei.

— Desculpe senhorita, foi mal. — Olhou ao redor como se estivesse pensando no que dizer em seguida. Esperei.

— Dez de Julho de dois mil e nove. Nobu Maeda foi internado por insuficiência cardíaca. Houve uma melhora e Nobu estava fora de perigo, sendo liberado no dia dezessete, porém, neste dia, ele faleceu.

— Sim, eu soube — não sabia o que ele queria dizer com isto.

— A esposa dele, Agatha, pediu um laudo investigando a morte. Aparentemente Agatha deu um sumiço com o laudo e nunca houve investigação, o laudo chegou a nossas mãos recentemente. Causada morte: Envenenamento por Estricnina. O envenenamento causa convulsões, espasmos musculares e morte por asfixia.

Fiquei assustada. Era algo absurdo de se ouvir.

— Nobu só teve uma visita neste meio tempo, de James Maeda.

— Espera, vocês estão querendo dizer que James matou o próprio pai?

Meu coração parou. Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia raciocinar. Alguém bateu na porta e em seguida entrou.

— Não deveriam ter começado o interrogatório sem mim — Uma loira disse. Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo e uma franjacaia sobre sua face. Ela me pareceu estranhamente familiar.

— Okamoto Mari. Sou a agente especial Emi Tamura.

— disse. E eu me lembrei que era a Emi, a minha antiga colega de escola. Naquela época eu tinha medo de criar laços e não queria amigos, porém ela era muito insistente e conversávamos bastante.

Fiquei muda. Embora eu a conhecesse, era melhor não dizer nada.

— Posso conversar com ela a sós, rapazes? Acho que estão sendo muito invasivos e o chefe pediu para que tivéssemos uma conversa amigável com ela — Emi lançou um olhar para os rapazes, que para minha surpresa, atenderam ao pedido dela e saíram fechando a porta.

Emi tomou o lugar de Yamaguchi e sorriu para mim.

— Há quanto tempo Mari — disse e sorriu.

— Que bom vê-la, Emi — falei enquanto secava as lágrimas.

— Peço desculpas pelo Yamaguchi, ele é muito rude. Não imaginava que iríamos nos reencontrar nessa situação.

— Tudo bem, só que isto parece uma loucura. Do nada apareceram mil acusações sobre o James. Isto parece um monte de mentiras, eu tenho certeza que armaram para ele — falei.

— Eu te entendo. Contudo, todas as provas levam a crer que James planejou a morte do pai, além do fato de ter coagido com Hiro Matsuo, afinal, ele tem a maior porcentagem da empresa.

— Hiro Matsuo deve ter armado para ele, eu tenho certeza!

— Eram cúmplices. Hiro foi preso na quarta-feira, porém já pagou fiança. Quando James acordar, será levado e vai haver um julgamento. Não são poucas as acusações. Homicídio, tráfico de drogas e sonegação de impostos. Então, eu preciso que você colabore com que sabe, para amenizar a situação para ele.

— Mas eu não sei nada, não faz nem um mês que voltei para a cidade.

— Sabemos que existe um pen drive com todas as informações sobre a empresa Maeda. Este pen drive estava nas mãos de James. Nosso agente infiltrado na empresa, descobriu... Imaginamos que ele possa ter lhe dito algo sobre isto.

— Sobre um pen drive? Ele nunca falou sobre isto. Sinto muito, mas não há nada que eu possa ajudar nesta investigação.

— Tudo bem. Mas tente se lembrar de algo, alguma mensagem subliminar que ele tenha lhe dito. Isto vai ajudar muito, principalmente a ele. Afinal, se descobrirmos que há mais pessoas envolvidas a acusação será menor.

— Ok. Vou tentar me lembrar de algo.

— Se cuide e se precisar de algo, ligue para mim — disse entregando um cartão.



Fui até o hospital ver como James estava. Há duas semanas foi constatado que a bala havia acertado a lombar de James, foi realizado três cirurgias para a extração da bala. Porém a queda causou traumatismo craniano e consequentemente ele estava em coma.

Sentei na cadeira ao lado da cama dele. O médico dizia que tinham boas expectativas sobre o caso e que ele acordaria em breve. Porém, eu estava com medo. Medo do que poderia acontecer com James, além do fato das acusações que surgirão. Dois policiais vigiavam a porta do quarto dele. E depois do que eu soube sobre o que aconteceu com Nobu fiquei com medo de que alguém fizesse mal para James.

— James, meu amor, você pode me ouvir? — Indaguei segurando sua mão. — Há muitas pessoas dizendo coisas ruins sobre você. Mas, como provado meu amor eu vou provar sua inocência. Pois eu acredito completamente em você — lágrimas rolaram sobre minha face. — Eu tenho esperanças que quando isto acabar vamos comemorar com nossa família...

Meu telefone tocou e vi que era Yumi.

“Mari, o que aconteceu? Faz tempo que você sumiu”.

“Desculpe-me Yumi, eu já estou indo pra aí, já te conto tudo que aconteceu” falei.

“Ok, a Agatha, mãe do James foi presa junto com Steve, à situação está muito, muito feia, venha logo” disse e suspirei cansada. Estava com medo, querendo acreditar que a situação que estávamos passando era um pesadelo.

Quando cheguei à casa de Yumi e a encontrei conversando com Kenichi. Sora estava na cozinha comendo. Ela estava cheia de perguntas sobre o pai, sentei ao lado dela na cozinha.

— Mãe, o papai vai morrer?

— Não, meu amor. Vai ficar tudo bem com ele — falei.

— Não mente para mim mãe. Eu acabei de conhecer o meu pai e ele vai morrer! Por quê?

— Sora, preste atenção no que vou te dizer. Às vezes as coisas acontecem e não temos o controle da situação.

O que aconteceu com ele é um trágico acontecimento da vida. Mas ele vai ficar bem! Eu não quero mentir para você, porque eu acredito que seu pai vai melhorar. Vamos orar juntas — falei abraçando.

— O Satoshi está bem? — ela indagou.

— Ele está bem, com a mãe dele — respondi.

— A mãe dele é má.

— Quem te disse isso?

— O Satoshi.

— Querida, não invente coisas — falei.

— É verdade mamãe. Ele me disse que ela o castiga sempre que está com raiva e que ela disse que ele é um peso e que só vai amá-lo se ele convencesse o papai a casar com ela.

— Sora, por favor. É melhor não dizer esse tipo de coisas por aí — pedi.

Mesmo sabendo que uma criança não teria inventado tudo isto.

— Ele não conta para o papai, pois ela iria ficar muito, muito brava.

— Tudo bem querida, não fique pensando nisto. Eu vou resolver — falei beijando sua testa.

— Mari, que bom que chegou — Yumi disse e então fomos para a sala. Conteí para ela e Kenichi tudo o que os agentes me disseram.

— É melhor manter-se afastada dessa investigação — Kenichi disse.

— Você não sabe nada sobre esse pen drive?

— Não, não sei — Kenichi disse e pegou uma caderneta e começou a escrever algo. Logo após entregou para mim.

“Suspeito que há escutas nesta casa, não posso falar nada” dizia no bilhete. Assenti com a cabeça para Kenichi. Estava com muito medo.



Chequei meus e-mails e vi uma mensagem de Agatha, ela havia enviado pela tarde.

“Mari, não tenho muito tempo e provavelmente vão prender meu filho e eu em breve. Por favor, encontre o pen drive... Não posso falar mais nada, pois estou sendo monitorada, nos ajude...”.

Fitei a mensagem, lendo-a repetidas vezes na esperança de descobrir um sentido mais profundo. Não encontrei. Afinal Agatha não podia dizer muita coisa. Suspirei deitando na minha cama, tentando lembrar-me de tudo que James já me disse.

Pela manhã despertei muito cedo. Eram cinco horas da manhã, porém sensações dolorosas não me deixavam dormir. Eu tinha certeza que Hiro Matsuo era o culpado por tudo, afinal, pelo que eu sabia, Ayume ficou três anos internada e parecia ter outra vida depois que saiu da clínica. Porém ainda me pesava as palavras que Sora ouviu de Satoshi. Será que Ayume poderia ser tão ruim, com seu próprio filho? E se ela era capaz de maltratar o próprio filho, poderia muito bem ser uma criminosa...

Tudo isto aconteceu logo depois que Akira voltou, seria apenas uma coincidência, contudo, Satoshi ser tão parecido com ele era muito, muito estranho. Tudo parecia tão absurdo e eu estava presa a essa rede de farsas.

Pela minha filha eu tinha medo de que aconteceria.

Vesti um jeans e uma blusa rapidamente, deixei um recado para Yumi e corri até a cabana de James. A polícia já havia feito uma vistoria pela casa, porém eu poderia encontrar algo que me ajudasse a entender tudo.

James me disse que escondia a chave dentro da casa dentro de um vaso de flor que ficava na varanda. Quando cheguei constatei que a chave realmente estava dentro do vaso de Lírio.

Entrei na casa e comecei a vasculhar em tudo, gavetas, debaixo do sofá, tapete... Tudo que poderia

esconder algo. No entanto algo me dizia que James nunca esconderia algo dentro de casa.

“A linguagem das flores é incontestável” A fala de James se passou em minha cabeça, se ele estivesse escondendo algo, ele nunca deixaria isto óbvio. Flores... Ele sempre falava sobre flores, o que as flores tinham para me dizer naquele momento?

Passei pela porta dos fundos e encontrei o jardim. Era muito belo. Havia todo tipo de flores e em uma mesinha de canto tinha um enorme livro com o título “O dicionário das flores”. Abri o livro e quando folheei as páginas encontrei algo assustador. Havia muitas fotos da Ayume, porém, ela parecia completamente diferente. Estava com cabelos longos vermelhos e nas fotos ela se encontrava com várias pessoas. Olhei o verso da foto e vi coisas escritas.

“Ayume Matsuo, conhecida pelo tráfico como Kazue.”

Fiquei chocada com que eu havia encontrado e muito assustada. Coloquei o dicionário na minha bolsa e decidi que deveria ir embora, seria muito ruim se alguém me encontrasse na casa. Dirigi rapidamente com muito medo de estar sendo seguida. Quando abri a porta dei de cara com Yumi.

— Que susto! — disse, levando a mão ao peito. Reparei que ela estava pálida, como se soubesse de algo que eu não soubesse. — Yumi, você está bem? O que houve? — Perguntei pensando ser algo com James.

— Hiro... Hiro Matsuo foi assassinado — ela disse com voz fraca.

— O que? Quando?

— Ele foi encontrado morto hoje pela manhã — ela disse com a voz um pouco rouca.

— Meu Deus! Não estamos seguros! — entrei em pânico. Se não era Hiro, só poderia ser Ayume, ou devo dizer, Kazue.

Verbena

Eu estava sendo seguida. Não tinha certeza de quem poderia ser, todavia, imaginava que seria alguém a mando de Ayume ou até mesmo alguém da polícia. Tentava desesperadamente evitar o pânico, entretanto, minhas últimas noites vinham sendo preenchidas com pesadelos, e todas as manhãs eu despertava com uma sensação de ameaça iminente.

Pensei em ligar para Emi, talvez ela pudesse me ajudar... Porém a ideia de que um dos outros agentes aparecessem para se intrometer me arrepiava. Tinha certeza que Yamaguchi queria motivos para culpar James, e eu preferia encontrar as provas para inocentá-lo antes de qualquer coisa.

Corri e entrei na casa de Yumi enquanto ofegava. Parei na sala e respirei fundo até conseguir me acalmar, logo após fui até a cozinha encontrar Yumi e a encontrei preparando o almoço.

— Encontrei um apartamento na redondeza — falei e decidindo citar a perseguição que tive ao sair de casa, ela estava grávida e não queria assustá-la, poderia fazer mal ao bebê.

— Mari, fique conosco, até esta situação se resolver. Eu posso ficar com a Sora enquanto você tenta bancar a detetive — ela sussurrou ao dizer a última palavra.

— Mas, eu aqui só vou atrapalhar a vida de vocês, vocês têm um bebê a caminho, não posso...

— Por favor, pelo menos até o James acordar — Yumi pediu.

— Ah Yumi, eu agradeço, no entanto eu quero que pense na sua família.

— Você é minha amiga e James é o melhor amigo de Kenichi, não vou te abandonar agora — disse.

— Obrigada — falei e meus olhos vagaram pela cozinha enquanto minha mente buscava soluções... Respostas... — Saiu alguma notícia sobre a morte do Hiro Matsuo? — Indaguei.

— A polícia acredita que seja alguém do tráfico...
— respondeu sentando-se à mesa e me entregando uma xicara de café.
— Meu Deus, todo mundo foi preso e eles não desconfiam da Ayume? Que merda a polícia está pensando?
— Kenichi me disse que ela também foi levada para o interrogatório, porém não encontraram nada que a incriminasse, ela não trabalhava na empresa, não há nada que a ligue no caso...
— Deve ter algo — falei e pensei na possibilidade de entregar a foto dela como Kazue para a polícia. Mas a foto não dizia nada! Eu precisava de outra pista... — Vou visitar a Ayume... — falei.
— Mari, por favor, não pira.
— Eu vou conversar, somente conversar...
— E se ela fizer algo contra você?
— Ah ela não vai fazer, é uma garota esperta. Ela sabe que se fizer vai chamar atenção. — falei e estava decidida a confrontar Ayume Matsuo.



Acordei suando e sentindo calafrio por toda minha pele. Era estranho, pois não me lembrava de como havia parado na cama. A última coisa que me lembro era que eu estava tomando café com Yumi e planejando falar com Ayume... Olhei no meu celular... Era duas da tarde, mas já se havia passado um dia... Eu estava com algum problema de memória.

— Mamãe! — Sora gritou ao abrir a porta do quarto.
— Filha, o que foi? — falei tapando os olhos quando Sora acendeu a luz do quarto.
— A polícia... A polícia... — ela disse. Me Deus, o que havia acontecido?
— O que tem a polícia?
— Vem, mamãe, vem — ela disse e me puxou para fora do quarto. Quando cheguei até a sala, Emi estava

sentada no sofá junto com Yamaguchi e Yumi estava
sentada de frente a ela.

— O que está acontecendo? — Indaguei.

— Sente-se Mari, é um assunto delicado — Emidisse.

— Vou levar a Sora para o quarto — Yumi articulou e
eu me sentei no lugar dela.

— O corpode James Maeda sumiu do hospital

— Yamaguchi disse sem rodeios.

— O que? Sumiu? Como é possível? — Questionei. A
apreensão tomando conta do meu corpo.

— Sumiu ontem às vinte e três horas. A
senhorita pode nos dizer o que sabe sobre isto?

— O que eu sei? O que eu sei? Você está brincando
comigo? Eu não sei nada do que está acontecendo! —
Exclamei, estava irritada com medo, e se alguém a
mando de Ayume sumiu com ele? E se ele
estivesse morto? Meu Deus. Tentei manter a calma, porém
comecei a ter um ataque de pânico. Senti-me
sufocada, meu peito doía e tive a sensação que pudesse
desmaiar a qualquer instante.

— Onde estava quando ele desapareceu?

— Onde eu estava? Aqui, eu estava aqui, dormindo.
Deixem-me em paz, por favor — pedi.

— Por hora é melhor deixarmos a senhorita Okamoto
em paz, Yamaguchi — Emi interviu.

— Você está sabendo de alguma coisa e não quer nos
dizer, se descobrimos que a senhorita tem alguma ligação
com o desaparecimento de James, vai ser presa como
cúmplice — Ele estava me ameaçando.

— Ok — respondi.

Preciso de um tempo para pensar para entender o
que aconteceu. Como eu pude apagar por quase um dia? E
James... Talvez alguém o ajudou. Ou até mesmo ele
possa ter acordado. Eu queria cultivar a esperança
de que ele estaria bem.

— Por hora, não temos o que fazer aqui, vamos
Detetive Yamaguchi? — Emi levantou-se.

Yamaguchi pigarreou e deu uma última olhadela na sala. Acompanhei-os até a porta e vi entrarem no carro enquanto prestava atenção na rua. Olhei na varanda e vi um vaso de flor novo. As flores eram pequenas, tubulares reunidas em inflorescências na pontados ramos de cor vermelho escuras.

Peguei a planta e vi que tinha um cartão:

De: Laços Eternos.

Para: Mari.

“Verbena, para ajudar no controle da ansiedade”.

Era James, só podia ser ele, era a única pessoa que poderia dizer algo por intermédio das flores.

A esperança, aquele pássaro engaiolado que nunca morre, se libertou. Relaxei. Lágrimas jorravam dos meus olhos, mas, pela primeira vez em muitotempo, consegui sorrir de verdade.

Entrei na casa e vi Yumi indo para a cozinha e a segui. Eu tinha certeza que ela sabia de algo, mas não queria me dizer. Além do fato de que eu apaguei logo após ela me dar um café, havia algo de muito errado nisto, porém, eu sabia que não podia falar nada na casa.

— Yumi, você pode ficar com a Sora enquanto eu vou até a farmácia? Estou com uma dor de cabeça horrível — falei me escorando na cadeira.

— Ah claro, você está bem? — ela estreitou os olhos.

— Estou... É muita coisa para processar, mas estou bem, já volto — falei.

Sai da casa e peguei o carro, definitivamente eu iria confrontar Ayume. Peguei o endereço há algum tempo com Agatha. Foi a única vez que realmente conversei com ela. James estava em coma no hospital e ela veio conversar comigo.

“Mari, meu filho sempre amou e confiou em você e querote pedir que confie nele também”.

Somente isto ela me disse, logo após pediu um contato meu, telefone, e-mail e eu pedi o endereço de Ayume caso eu necessitasse falar com ela em algum momento.

Parei o carro uma esquina antes do apartamento de Ayume, vi alguns carros passando pela rua e me abaixei

em frente a um carro estacionado quando vi uma pessoa ligeiramente conhecida, cabelos castanhos, casaco preto, óculos escuros. Ela estava a pé andando com um homem de meia idade. Consegui escuta-los quando passaram pela calçada à direita do carro.

— Azume, precisamos destruir todas as provas... Não podemos deixar que aquele... — consegui escutar, mas logo os sons de buzinas e carros que transitavam ali dificultaram para que eu escutasse o restante da conversa, sem contar que eles estavam caminhando. Esperei um tempo para me levantar e sair daquela esquina.

Não era possível. Azume, Ayume, Kazue... Eram todas a mesma pessoa! Quantas identidades essa mulher possuía?



Voltei para casa e encontrei Kenichi bebendo chá com Yumi.

— Fiquei sabendo do que aconteceu com James — Kenichi disse.

— Sim, você tem algo a ver com isto? Sabe de algo que não sei? — Indaguei, mesmo sabendo que se ele tivesse algo com o desaparecimento, não me contaria no momento.

— Mari, como eu saberia? A polícia estava me vigiando vinte e quatro horas. Eu mal posso ir à padaria sem ter alguém no meu encalço. — respondeu e logo após bebericou um pouco do chá.

— O que você está escondendo de mim?

— O que a faz pensar que estou escondendo alguma coisa?

Kenichi ficou olhando para Yumi.

— Eu sei que estão me escondendo algo e quero que me digam até amanhã, se não eu vou embora daqui, pois não posso confiar em vocês — falei. Kenichi suspirou e assentiu com a cabeça.

— Mamãe. Quero ver o Satoshi — Sora disse aparecendo atrás de mim.

— Querida, o Satoshi está com a mãe dele — respondi me virando para falar com ela.

— Estou com medo.

— Medo do que querida? Está preocupada com ele?

— Ele está em perigo, a mãe dele é má, por favor, mamãe, cuide dele — Sora suplicou. Abaixei e a abracei.

— Querida, a situação em que estamos é muito complicada, não sei se posso interferir nisto.

— Por favor. — Sora pediu com olhos marejados. E eu assenti, a realidade era que Ayume não era uma pessoa confiável e estava envolvida em uma rede de mentirase corrupção.

A melhor coisa a fazer era ligar para Emi, talvez ela pudesse fazer algo. Disquei o número, pedi para que ela me encontrasse no Café e decidique deveriam mostrar a foto que encontrei de Ayume.

Mantive a calma e tentei não pensar no que a próxima hora poderia trazer. A opressão no meu peito aumentou. Nunca me sentira tão assustada em toda a minha vida.

Às cinco da tarde encontrei com Emi no Café.

— Que bom que me ligou Mari, eu realmente quero te ajudar — ela disse se sentando. Eu havia pedido um Cappuccino, mas ainda não conseguia tomar, estava muito nervosa.

— Emi, Ayume Matsuo é uma mulher perigosa, estou preocupada com o filho dela, Satoshi.

— Nós não encontramos nada que possa ligá-la aos crimes — disse.

— Como não?

— Bem, não é algo que eu possa estar dizendo, mas estamos procurando por Kazue, e sabemos que James tinha uma ligação com ela.

— Kazue? Kazue? Mas é ela, é a Ayume! — falei.

— Você está me dizendo que Kazuee Ayume são a mesma pessoa?

— Sim! É a mesma pessoa, ouça, eu tenho uma prova... — falei, merda! Eu havia deixado a foto guardada em baixo do colchão da cama que eu dormia.

— Há dois anos estamos procurando o comandante do tráfico, não tínhamos evidências ou qualquer outra coisa que nos dissesse quem é, apenas um codinome: Kazue. Se há alguma prova de quem ela é, eu quero ver.

— Ok, eu posso te mostrar. Agora mesmo! — disse. O telefone de Emi começou a tocar.

— Sim... Estou indo para aí agora. — disse e desligou.

— Mari, me desculpe. Preciso ir embora. Mas me traga a prova amanhã, pode ser as oito? Neste mesmo café? — Ela indagou.

— Sim, tudo bem — falei. Pelo menos eu tinha algo contra Ayume, talvez tudo pudesse ser resolvido se ela finalmente fosse pega. Com o não havia mais nada que eu pudesse fazer, decidi ir embora.



Passei a noite acordada, Sora dormiu comigo com medo da tempestade. Eu sabia que Kenichi e Yumi estavam envolvidos de alguma forma com o desaparecimento de James, porém eles não iriam me contar. Sabia que Ayume tinha identidades diferentes e que James estava envolvido de alguma forma com tudo isto. Não acreditava que ele fosse culpado, mas ele sabia demais. Como trabalhou anos em uma empresa tão fraudulenta? É claro que ele sabia do que estava acontecendo, contudo, não fez nada e até mesmo estava noivo de Ayume. E se ele realmente fosse cúmplice dela?

Merda! Minha cabeça não parava de girar. Tantos pensamentos, medos e incertezas. No entanto, eu queria acreditar que James era inocente.

Fechei os olhos e pouco depois o despertador tocou. Seis da manhã, liguei a televisão para acompanhar o

noticiário. Afinal, todo dia tinha algo no noticiário falando sobre James. Passaram-se algumas notícias sobre os estragos que a tempestade causou na madrugada e logo após algo que me fez arrepiar.

"Carro Desaba no barranco: Uma morte. Causa desconhecida, ontem, por volta das três da madrugada, um Nissan conduzido por Ayume Matsuo, caiu de uma ponte em Arakawa. A pista estava escorregadia por causa de uma tempestade, mas as autoridades ainda não descobriram a causa do acidente. A única testemunha ocorrido, Natsuum motorista de caminhão..."

Parei de assistir. Isto era impossível, como Ayume poderia estar morta? Logo depois da morte do seu pai? Não, está notícia não era verdadeira. Não podia ser! Seria Ayume capaz de forjar a própria morte?

Eu estava esmagada. Sentia-me exausta, à beira de um ataque de nervos. No entanto, fazia muito tempo que eu não me sentia tão forte. Não sabia o porquê. Mas sabia que não desistiria.

Cisne Negro

Acordei com suor escorrendo pelas minhas costas. Olhei ao redor e vi que já estava claro. Percebi um envelope em cima da escrivaninha que estranhamente não estava ali na noite anterior. Não havia nada escrito na parte de trás do envelope, então eu o abri e comecei a ler:

A verdade sobre os Maeda's e Matsuo's.

Desde que foi formada a sociedade entre os Maeda's e Matsuo's, os Maeda's perceberam o estranho comportamento de Hiro Matsuo. Um novo galpão foi construído dentro da empresa, onde operações denominadas por Hiro de

“Salvação” começaram a ser realizadas, ele iria reerguer a empresa, mas somente revelou o método a Nobu Maeda.

Após a morte de Nobu, e o nascimento de seu neto, Hiro deixou incumbido a James um pequeno negócio para que ele não descobrisse suas operações ilícitas. Até que James, desconfiado das operações bancárias, descobre que há operações ilícitas na empresa, determinado a revelar toda a verdade ele confronta Hiro Matsuo. Porém, Hiro decide calar James. Se James revelasse o segredo, Hiro iria denunciar Steve Maeda, seu cúmplice. Mantendo as operações em segredo e planejando contar tudo a polícia, assim que conseguisse convencer Steve, James continuou com Ayume — filha de Hiro Matsuo a fim de descobrir mais segredos.

Todas as operações ilícitas e registros bancários foram guardados por James em um pen drive, porém não se sabe o paradeiro até então.

Terminei de ler e fiquei em choque. Aquilo era realmente a verdade? Ou alguém colocou ali para me enganar? A letra parecia muito com a de Yumi. Ela era jornalista e eu já havia lido muitos textos dela. Levantei da cama e me arrumei para sair. Se tudo isso era verdade eu precisava encontrar esse pen drive.

Deixei um recado para Yumi, pedindo para ficar com Sora e fui até a cabana de James. O escritório estava fechado. Ou seja, a minha única saída era encontrar esse pen drive na cabana.

Peguei o carro e dirigi. Todas as palavras de James mesclavam em minha cabeça. Será que havia algum enigma que eu não havia descoberto? Pense Mari!

“A linguagem das flores é incontestável”

Sim, ele sempre me mandou mensagem através das flores, então só poderia ser algo relacionado a isso. Parei o carro, peguei a chave da cabana e fiquei assustada ao ver o caos. Estava tudo revirado, corri até o quarto de James. As cobertas estavam no chão, o colchão foi mexido. Eu tinha que ir embora rápido, procurar mais. Porém

ao colocar o pé para fora da cabana vi uma figura conhecida. Meu coração pulou, eu quis correr, ou talvez voltar para a Cabana para encontrar uma saída, mas ela sacou uma arma.

— Fique parada ou eu vou atirar — Fiquei imóvel perante ameaça. Temendo por minha própria vida eu fiquei inerte quando ela se aproximou. — Entre na cabana, vamos bater um papo — falou e logo após eu andei em linha reta até ela me empurrar para sentar no sofá. — Nenhum movimento brusco ou eu meto uma bala na sua cabeça! — ela ficou parada em minha frente.

— Quem é você? — Sibilei. Seria Ayume e Azume pessoas distintas? Ou talvez gêmeas?

— Parece que você já está sabendo algo, mas vou fazer as honras. Sou Azume Matsuo, a verdadeira mãe de Satoshi.

— Verda... deira? Como assim?

— Não seja ingênua, querida. Ambas sabemos como os bebês nascem.

— Você desprezou seu próprio filho? Como pode?

— Não que seja de seu interesse, mas a criança era um empecilho para meus planos, um estorvo. Igual a você. Só que diferente dele, ninguém vai me impedir de dar um fim na sua insignificante vida. Mas somente depois que eu tiver o que quero de você.

— O que quer de mim? O que vai fazer comigo?

— Com você, nada, por enquanto. Mas sua pequena filha e amigos poderiam ser uma ótima fonte de distração. — rui com escárnio enquanto eu lhe olhava com pavor — vou fazê-la sofrer, lenta e dolorosamente. Isso seria melhor que te matar. — rui novamente.

Fitei seu rosto com o pânico estampado no meu. Meu mundo sumiu quando vi que ela me tinha em mãos, como uma marionete.

— O que você quer? — disse com a voz falha.

— Quero as provas que sei que James deixou com você, ou melhor, quero saber onde ele está.

— Eu não sei! E mesmo se soubesse jamais diria a você — digo veemente, Azume se enfurece e me dá um tapa no rosto.

— Oras, sua vadia! Você vai aprender a agir como eu mando! — Azume começa a tatear em meu corpo até achar o meu celular — Vou ligar para Kenichi, e você falará com ele. Peça para que diga onde está James.

— Não o coloque nessa história, por favor. Eu vou te dizer onde o pen drive está! — digo. Eu estava blefando. Queria ganhar tempo, esperando que talvez um milagre aconteça.

— Então a vadia realmente sabe! Então diga logo, antes que eu meta uma bala na sua cabeça.

— Só eu posso encontrá-lo, porque só eu posso abrir a caixa — inventei.

— Então é biométrico? Esperto o James. Ok, vamos até o local. Onde está?

— No escritório dele. Eu posso pegar e trazer para você — digo. E então Azume começa a rir.

— Está brincando comigo? Acha que sou idiota? Você pode ir até o local e pegar o pen drive, mas a única garantia que irá trazer para mim é sua filha.

— Minha filha? Do que está falando? Onde está a Sora?!

— começo a me desesperar.

— Está com o Akira. — ela responde e dá um largo sorriso.

— Sua psicopata louca, me devolve minha filha — levanto querendo atacar Azume e então ela dispara. Assustada eu paro e vejo que ela acertou o sofá.

— Se não ficar quieta dá próxima vez eu não vou errar!

Suor escorre pelo meu pescoço. Eu tinha que ser muito cautelosa.

— Pegue o pen drive e o traga de volta para mim. Você tem uma hora. Não ouse falar com a polícia, pois sabe muito bem o que vai acontecer com sua filha.

— Ok. Farei o que você manda — sibilei.

— Anda, vai logo. E não se esqueça de voltar até o pôr do sol. Não queremos ver a pequena Sora machucada, não é mesmo? — Azume se enfureceu e ameaçou. Levanto-me com a arma ainda apontada para mim e vou até a entrada da casa.

— Não penseem me enganar. — Azume deu o aviso.
— Se não estiver aqui no horário marcado, pode dizer adeus à vida da sua filha. — engulo em seco e Azume continua me seguindo até meu carro.

Entro no carro ainda suando, fecho a porta e dou a partida enquanto vejo Azume me encarar do lado de fora. Eu tinha ganhado tempo, contudo se não achasse a drogado pen drive a vida da minha filha correria risco. Pego meu celular e ligo para Kenichi.

— Kenichi, onde está a Sora? — questiono assim que ele atende.

— No parque com Yumi e Satoshi. Estou indo buscá-los agora. — diz.

— Kenichi, por favor, se certifique que ela está bem — começo a chorar, mas ainda acreditando que Azume poderia estar blefando.

— Estou estacionando. Só um minuto — aquele minuto pareceu interminável.

Ouçoo as vozes de Kenichi e Yumi abafados até que ele retorna ao telefone.

— Mari, me prometa que vai ficar calma.

— Kenichi, diz logo onde está minha filha — exclamo enfurecida.

— Eles estavam brincando no parquinho e a Yumi estava os procurando até agora. Os dois desapareceram.

Pânico se faz presente e penso que vou desmaiar naquele momento. paro no sinal e tento achar alguma saída. Se entregar o pen drive para Azume era a solução, eu iria revirar todos os lugares até encontrá-lo.

— Continue procurando eles, por favor.

— Mari, onde você está? Preciso te falar algo. Urgente.

— Não posso falar mais. Por favor, encontre as crianças. —
digo e desligo o celular. Quando o sinal abre, acelero
determinada.

Ao chegar ao escritório percebo que há várias faixas da
polícia indicando para não entrar. Dou a volta e
percebo uma entrada pelos fundos, estaciono o carro e saio.
Consigo empurrar o portão. Vejo que tudo está escuro,
ligo a lanterna do meu celular e subo as escadas,
percebo que é onde fica o escritório principal.

Empurro a porta e percebo que tudo está revirado,
documento no chão, cadeiras viradas, era como se alguém
além da polícia tivesse mexido. Vasculho em todo o
canto. Mas era como procurar agulha em um palheiro.
Subo a lanterna para ver as paredes e vejo alguns
quadros pendurados.

Tento pensar em alguma mensagem de James, algo
que ele pudesse ter dito. Mas nada vinha a minha mente.
Vejo alguns quadros pendurados e tento afastar a
escrivania para conseguir ver se tinha algo em baixo.
Contudo foi em vão. Não tinha nada.

Começo a entrar em desespero, já havia se passado
meia hora e nada!

Novamente tento pensar em alguma pista. Pense Mari, pense!
Antes de desmaiar James disse “Flox”, será que havia
alguma coisa sobre essa flor no escritório? Procuro por
alguma planta, mas nada. Até que olhando para as paredes
vejo um quadro, um quadro com uma flor. Eu não
entendia tanto de flores, contudo já havia visto essa flor no
jardim de Kenichi. Vou até o quadro e o tiro
pensando que tivesse algum cofre escondido ou algo do
tipo, contudo só vi uma parede.

— Droga! — grunhi. — Que droga de quadro. Porque
você não lembra e arruma essa bagunça James, por que
eu tive que voltar! — começo a me desesperar e
jogo o quadro no chão, neste baque ele acabarachando
bem em uma das extremidades. Vejo algo reluzindo, um metal.
Abaixo e começo a bater a pontado quadro até
que ele se parte totalmente, fazendo com que algo pequeno

caísse. Definitivamente aquele era o pen drive. Eufórica eu pego. Eu não tinha um plano, eu só queria dá-lo a Azume para ela não mexer mais com minha família.

Vou de volta até a cabana e percebo Azume parada na porta sem a arma. Aproximo-me.

— Mari o que faz aqui? — ela questiona, seu tom de voz ficou diferente. Fico sem entender.

— Está brincando comigo?

— Não sei por que eu estou aqui, de qualquer preciso falar com você. Onde está o meu filho?

Não entendia nada do que estava acontecendo. O que aconteceu com Azume, em um momento ela me fazia ameaças e em outro agia docemente.

— Você pediu para Akira sequestrar Sora e Satoshi sua psicopata! — Exclamei.

— Uau, como você está agressiva. Eu não fiz nada — ela pega o celular e disca um número. — Alô, Akira?

Sora e Satoshi estão com você? Por quê? Eu não pedi nada!

— eu não entendia o que estava acontecendo, pensei em ligar para a polícia naquele momento. — Leve eles para a casa do Kenichi. Agora! — ela diz e logo após desliga.

— Qual o seu problema Azume? — questiono completamente perdida.

— Azume? Não consegue nem falar o meu nome direito. Eu sou Ayume, Ayume, Mari — diz. — Não tenho tempo para discutir com você, preciso pegar o meu filho e ir embora desse país. — ela diz e vai até seu carro. Logo após entra nele.

Meu Deus! Minha cabeça começa a embaralhar. Assim que Azume/Ayume dá a partida no carro, eu ligo para Emi.

— Alô Emi, mande, por favor, a polícia até a casa de Kenichi. Ayume está indo para lá — digo.

— Ayume? Ela está morta — Emi afirma.

— Eu não sei se é a Ayume, mas é alguém muito parecido com ela está indo até lá.

— Mari não entendo....

— Eu sei que você não entende, nem eu mesma entendo, mas, mande a polícia para lá, por favor. — digo sem saber mais o que fazer.

— Ok, vou fazer o possível — Emidiz e desliga o celular.

Entro no carro e dirijo até a casa de Kenichi. Consigo chegar quase junto com Ayume. Assim que desço do carro vejo outro carro chegando, era Akira.

Satoshi e Sora correm até a mim.

— Que bom que vocês estão bem — lágrimas escorrem pelos meus olhos.

— Filho, vem aqui! — Ayume manda.

— Não, mamãe! — Satoshi protesta.

— Filho, nós temos que ir agora. — Ayume puxa Satoshi e ele começa a espernear.

— Akira, entra no carro, temos que ir embora — ela diz. De repente Azume/Ayume começa a dar piscadas rápidas, como se estivesse se ajustando à luz. E então vejo Kenichi e Yumi chegando do outro lado da rua. Tento fazer um sinal com a mão para que eles não se aproximassem.

Azume/Ayume solta Satoshi bruscamente.

— Cadê o meu pen drive vadia? — ela questiona, batendo no bolso do casaco — Onde está minha arma? — ela questiona. Sua voz novamente muda e eu fico sem entender o que estava acontecendo. Era como se ela tivesse uma dupla personalidade... — Akira seu idiota, o que esses pirralhos estão fazendo aqui?

— Você mandou trazê-los Ayume.

— Azume imbecil. Azume! —

Ela para bruscamente quando ouvimos a sirene da polícia. Ayume corre e entra no carro de Akira. — Anda Akira dirige! — ela espana. E Akira paralisado não consegue dirigir. Em um lapso rápido de tempo a polícia chega e acaba parando Akira e Azume antes que eles pudessem fugir. Caio de joelhos agradecida e abraço Sora e Satoshi.



Eu fiquei muito brava com Kenichi e Yumi. Fiquei sabendo assim que Ayume foi presa que James estava escondido no porão ainda inconsciente. Um médico, amigo deles o estava vigiando e cuidando. Tudo em sigilo absoluto.

Havia se passado duas semanas desde o confronto com Ayume. A polícia estava mantendo tudo em segredo, contudo, Emi iria esclarecer tudo esta tarde. James havia voltado para o hospital, pois o pen drive o inocentou, contudo seu irmão Steve continuou preso e Agatha fora da cadeia.

A campainha toca e abro a porta. Era Emi.

— Podemos conversar? — ela questiona.

— Claro — digo, dando espaço para ela entrar. Sento no sofá e Emi faz o mesmo.

— Investigamos sobre a família Matsuo e não há nenhuma gêmea de Ayume.

— Então quem são Azume e Kazue?

— O psicólogo da polícia acredita que ela sofra de transtorno dissociativo de identidade. — eu já havia lido um livro que o personagem principal sofria disso, mas não acreditava ser possível.

— Então Ayume, Azume e Kazue são as mesmas pessoas?

— Exatamente. Três personalidades.

— Mas como isso é possível? A polícia acredita mesmo nisso?

— Estamos tentando entrar em um consenso. Por enquanto ela será mantida presa, assim como Akira.

— O Akira está envolvido de que forma?

— Ele basicamente ajudava Azume, além de ser o pai de Satoshi.

— Meu Deus, isso é uma loucura.

— Acreditamos que Ayume matou seu pai, além de forjar a própria morte. Eu não sou psicóloga, e muito menos

acredito no que os psicólogos dizem, mas os psicólogos acreditam que Azume era a comandante e ela acreditava que Ayume era uma gêmea dela e não uma das suas personalidades.

— Isso é loucura!

— Sim, contudo os advogados farão de tudo para provar que é verdade e diminuir a pena dela.

— Isso não pode acontecer!

— Sim, e por isso peço que testemunhe contra ela. O promotor está montando um caso e vai contata-la.

— Entendo. Vocês descobriram quem matou Nobu Maeda?

— Ainda não. Mas sabemos que não é Ayume.

— Comonão?

— Ela não tinha acesso ao hospital. Somente parentes entraram no hospital naquele dia. James, Steve e Agatha. Anteriormente acreditávamos que só James o visitou, contudo, testemunhas da recepção afirmaram ter visto Agatha e Steve.

— Vocês estão enganados! Como podem depois de tudo ficarem atrás da família Maeda!

— Não temos pista e muito menos podemos fazer outra análise do corpo, pois Nobu Maeda foi cremado.

— Por favor, prendam a única culpada por tudo. Ayume.

— digo.

— Tudo bem. Se eu tiver mais notícias vou contata-la — Ayume diz.

Mais tarde, me reúno com Kenichi e Yumi, eles estavam se apressando para o nascimento do seu filho e por isso estavam muito alarmados.

Contei para eles o que Emi me disse e ficaram chocados.

— Não acredito que depois de tudo a polícia ainda quer culpar o James! — Kenichi exclama.

— São incompetentes — Yumi diz.

— Eu sei. Estou cansada. Mas tenho que me preparar para ficar mais tempo na cidade. Não posso voltar depois de tudo. Não enquanto o James ainda estiver em coma.

- Mas Mari... E se ele nunca acordar?
— Ele vai. Eu tenho fé. — digo.



Três meses depois...

A polícia estava montando um caso contra James, acreditavam que ele havia matado Nobu. Por isso eu decidí fazer algo, decidí visitar Ayume Matsuo. Consegui uma visita, mesmo que restrita. Do outro lado do vidro estava Ayume e teríamos que falar pelo telefone.

— Ora, ora, o que faz aqui vadia?

— Azume? — indago percebendo que não era com Ayume que eu estava falando. Não sabia se o transtorno dela era verdadeiro, mas aceitei jogar o seu jogo.

— Pelo visto a vadia não esqueceu meu nome... O que faz aqui?

— Azume, eu preciso que me conte, foi você quem matou Nobu?

— E o que eu ganho com isso?

— Eu posso testemunhar ao seu favor. Posso dizer que acredito no seu transtorno de identidade. — Azume ri.

— A Ayume é uma tonta. Sabe, eu sempre protegi minha irmã. Agora estão me fazendo acreditar que somos uma só.

— E, não é? — Azume ficou em silêncio.

— Por que você matou seu pai? — tento mirar no ponto fraco dela.

— Porque ele é um porco maldito — O rosto de Azume se modificou, sua voz mudou. A transformação foi assombrosa — Fiz de tudo para proteger Ayume. Quando éramos crianças, papai entrava em seu quarto e ficava alisando seu corpo e apalpando suas partes íntimas. Houve um dia em que papai entrou no quarto dela enquanto Ayume estava dormindo, estava completamente nu. Ele foi para a cama de Ayume e desta vez não se contentou só em tocar, penetrou-a à força. Ela tentou impedi-lo, mas não

conseguiu. Ayume implorava para que ele não fizesse mais aquilo, pois machucava... doía tanto..., Mas papai voltava toda noite. Ele sempre dizia: “Você nunca deve contar isso a ninguém.” Ela nunca contou a ninguém. Mas eu sabia de tudo. Eu via o quanto ela era quebrada por dentro. Por isso planejei ficar à frente dos negócios dele, para protegê-la.

Fico em choque, mas ainda não sabia se podia confiar no que ela dizia.

A expressão de Azume muda e uma lágrima cai em sua face.

— Mari? Mari!! Mari, por favor, me ajude, onde está o meu filho? Como eu vim parar aqui? Me tire daqui... Quero meu filho... — Destavez era Ayume falando. Presenciando novamente aquele momento de troca de identidade, comecei a acreditar que Azume/Ayume e Kazue eram realmente pessoas distintas ocupando o mesmo corpo.

Eu me sinto exausta, com vertigem. Como eu iria ajudar James?

Sálvia

Umano depois.

Matriculei Sora na escola e consegui alugar um apartamento. Aindatinha esperanças que James acordasse e ficássemos juntos. Kenichi e Yumi estavam felizes e juntos com o seu filho, Ryoji, ele estava prestes a completar um ano.

Paro meu carro no estacionamento e vou caminhando até a escola. Assimque ando pela calçada percebo uma figuramuitoconhecida. Era aquele velhinho.

Naquele momento eu pensei que estivesse alucinando. Contudo, ele me encaroude tal forma que não pude acreditar que não era real.

— Senhor?

— Oi menina. Vejo que encontrou o seu destino — ele disse. Novamente com a história de destino.

— O meu destino é traiçoeiro. É como se eu estivesse destinada a nunca ficar com ele — digo.

— Eu os acompanho há anos e sei que não importa o quão longo e tortuoso seja o caminho vocês estão predestinados.

— Estou predestinada a esperá-lo para sempre.

Algo estranho acontece e repentinamente o senhor levanta. Rápido, estranhei, pois, nenhum senhor naquela idade se levantaria tão facilmente.

— Vou te dar uma coisa. Se aproxime — ele diz. E então toca minhas mãos.

De repente um galho surge com várias folhas verdes.

— Sálvia para boa saúde e vida longa, use com sabedoria — diz.

— Obrigada, eu acho — digo, mesmo sabendo que uma planta não seria a salvação de James.

— Lembre-se, o destino está em nossas mãos — diz e por fim retorna a sua posição inicial. Avisto Sora saindo pelos portões da escola e vindo em nossa direção. Quando olho para frente, não encontro mais o senhor.

— O que foi, mamãe? Parece estar à procura de alguém...

— Não é nada querida... — digo desconcertada — Tudo bem, Sora? Como foi na escola hoje? — questiono ao me aproximar para abraçá-la.

— Foi muito legal, aprendi bastante hoje — disse ela animada — Mamãe quando poderemos buscar o Satoshi? — pediu com os olhos brilhando em expectativa.

— O Satoshi está morando com a avó dele agora, não podemos busca-lo — digo. Satoshi foi incumbido pela justiça de ficar com a avó materna enquanto a sentença de Ayume não saia, e se James acordasse ele poderia recorrer a essa decisão.

O verdadeiro pai de Satoshi era Akira. Sentia pena dele por ter pais tão inescrupulosos. Akira permanecia na prisão, pois a polícia encontrou provas que além de participar do crime organizado conduzido por Hiro, ele também atirou em James a mando de Ayume/Azume.

— Por favor, mãe, faça algo por ele — Sora pede enquanto caminhamos até o carro.

— Filha, quando seu pai acordar, vamos buscar o Satoshi — digo.

— Mas mãe, e se o papai nunca acordar? — Sora diz e isso é como um soco no meu estômago.

— Sora, querida — Paramos no meio da rua e abaixo para ficar do tamanho dela. — A única coisa que precisamos é ter fé. Então nunca diga isso. O papai vai acordar, porque ele tem muitos motivos para viver. Ok?

— Ok — ela diz e abaixa o olhar.

Entramos no carro e dirijo até o hospital. Levo Sora para a área de brinquedos e vou até o quarto de James.

Imóvel, lá estava ele. Sua expressão era suave, parecia que ele realmente estava em paz. Aproximo e sento na cadeira ao seu lado.

— Oi meu amor, eu realmente estou esperançosa de que finalmente podemos ficar juntos. Eu não vejo a hora de que você acorde para podermos viver felizes com os nossos filhos. O Satoshi é um garoto muito especial e

se parece muito com você. A Sora também, embora vocês não tenham convivido muito. E isso foi minha culpa. Eu admito e sinto muito por isso. — digo e coloco o galho de sálvia entre as mãos dele. — Eu sei que isto não é um milagre, mas não custa tentar, não é? — rio enquanto tento segurar as lágrimas.

Senti meu estômago embrulhar e meus olhos se encherem d'água por amá-lo tanto. O amor que era tão devastador e incapacitante.

— Eu vou vir aqui, todos os dias. Jamais irei te abandonar — digo e beijo sua face. Não podendo demorar muito saio do quarto e vou até Sora. Quieta ela está sentada em um dos brinquedos.

— Querida, você está com fome?

— Não — ela diz. Pego a mão dela e caminhamos pelo corredor do hospital.

— Você não quer ver o papai? — questiono.

— Não mamãe, ele não fala. Ele me ignora.

— Sora, eu te expliquei sobre isso.

— Eu não gosto disso.

— Eu também não — digo e então percebo uma correria no corredor. Assustada vejo médico e enfermeiro entrando no quarto de James. Pânico me assombra naquele momento.

Em desespero tento entrar no quarto, mas sou barrada.

Ouçó um barulho de máquina, constante. E por longos segundos continua, e então tudo fica em silêncio.

“Por favor, por favor James, não faça isso, fique com a gente” peço mentalmente. Sinto o desespero em meu âmagô. Abraço Sora enquanto rezo para que James volte.

“Eu preciso de você James, nós precisamos” Suplico. Com os olhos fechados tento manter a esperança comigo. E então vejo a porta se abrir.

— Ele acordou... — ouço um médico falar. Sem forças pelo choque eu acabo ajoelhando no chão enquanto Sora assustada tenta ver o que aconteceu.

Após o choque vem a euforia e fico aguardando na recepção para poderver James. Ligo para Yumi e aviso o que aconteceu. Alegre ela diz que vai avisar Kenichi.

Um tempo depois o meu acesso ao quarto de James é liberado. Sora vai comigo e fica um pouco acuada no canto.

— James! — Exclamo feliz indo ao encontro dele. Ainda deitado, os olhos de James estavam semiabertos. Percebo que James quer dizer algo, mas eu intercedo.

— Calma, não precisa falar nada agora, você precisa descansar.

— Sora, vem aqui ver o papai — digo. Sora se aproxima um pouco desconfiada.

— Mamãe o papai acordou, mas porque ele não fala?

— ela indaga.

— O papai está em repouso, precisa descansar para poder sair do hospital. — digo pego na mão de James e coloco a mão de Sora em cima da dele. — Veja, o papai está conosco. Você sente o quanto ele te ama? — questiono. Sora assente positivamente. E eu a abraço. — Você é o nossolaço. — digo.

Naquele momento meu coração se enche de alegria e percebo que tudo iria ficar bem. Finalmente...

Epílogo

James e eu finalmente estávamos juntos, depois que ele acordou do hospital e se recuperou, decidiu que devíamos iniciar a nossa vida junto. Fomos morar na casa dele e acabamos abrindo um negócio dois anos depois. Era a nossa floricultura: “Laços Eternos”.

Depois que fui embora, para James, às flores era o seu refúgio, porque as flores precisavam dele, precisavam de cuidado, ao contrário de mim, que sempre me virei sozinha. Ele dizia que eu era um cacto. Que não precisava de cuidados, e que sempre me mantive forte, sozinha.

James conseguiu a guarda definitiva de Satoshi. Nossa família era linda. Sora a primogênita, Satoshi que passou a ser meu filho também e nosso caçula, Daichi, ele foi a fênix do nosso amor.

A morte de Nobu permaneceu sem solução, não conseguiram encontrar provas suficientes para indiciar alguém. Steve pegou cinco anos de prisão, graças ao depoimento de Ayume dizendo que ela se responsabilizava por todas as acusações, fazendo assim com que Steve pegasse a pena mínima.

Akira foi transferido de prisão recentemente, havia muitas acusações vindo também dos EUA. Ayume conseguiu ficar livre da prisão, pois os advogados conseguiram provar que ela sofria de transtorno dissociativo de identidade, com isso ela permanecia na ala psiquiátrica até que decidissem que ela estava bem para retornar à sociedade.

O psicólogo da última vez que visitamos Ayume, disse:

“Ao se encontrar com as duas partes de si, Ayume não conseguiu dominá-las e aceitá-las. Na verdade, ela não estava preparada para isso, pois não tinha ego e capacidade para suportar. Azume é a parte obscura de Ayume, Kazue é o personagem criado por Azume e não mais uma das faces de Ayume. Ela criou Azume para se proteger dos ataques que recebia do pai. Azume foi uma face criada para proteger Ayume. Não estamos progredindo e por isto ainda não conseguimos nenhum progresso, estamos tentando agora um novo método para tentar conectar suas duas faces”.

Ayume tinha duas faces, como em Lago dos Cisnes, ela era o Cisne branco que não conseguiu conviver com o seu Cisne negro. Eu não tinha rancor, pois sabia que a vida dela havia sido perdida há muito tempo, não podia julgá-la, afinal, eu também tive que lidar com meu cisne negro.

No balcão da loja vejo um senhor entrando. Novamente ele... O senhor caminha até a mim e diz:

— Quero uma rosa azul.

— Que bom te ver novamente — eu digo e ele pisca para mim. Pego uma rosa e dou para ele.

— É um presente — digo. E então o velhinho caminha e vai até Satoshi que havia acabado de chegar da escola com Sora.

— Aqui, meu pequeno rapaz... Você sabe para quem dar — o velhinho diz e sai pela porta. Então Satoshi envergonhado, entrega a rosa para Sora e sai correndo.

Sorrio...

“Eles estão destinados”. Entendo a mensagem.



À noite coloco Daichi para dormir e depois passo no quarto de Sora com James, logo após vamos ao de Satoshi. Apesar de ainda não querer ver sua mãe, Satoshi estava começando a assimilar o que aconteceu realmente com ela. Afirmávamos que Ayume o amava e que iria ficar boa, mesmo que não soubéssemos quando isso iria acontecer. Sora e Satoshi agora eram adolescentes e tínhamos que lidar com o sentimento que parecia surgir entre os dois. Embora tenham se conhecido tarde, nós o criamos como irmãos.

Seria difícil para eles lidarem com isso, tanto quanto seria para nós.

O mistério sobre a concepção de Satoshi foi resolvido. Azume era a mãe dele, Satoshi foi concebido quando Azume assumia o corpo de Ayume. Por isso Ayume não soube quem era o pai da criança quando engravidou. Azume/Ayume apesar de tudo sempre disse que amava James e por isso, para ele, foi difícil perceber as variações de humor. Por um momento, ele até mesmo acreditou que Ayume e Azume eram pessoas distintas.

Deitamos um ao lado do outro James e eu nos sentíamos plenos.

Olhamos um para o outro.

— Mari, eu quero contar algo — James diz.

— Diga...

— Eu... Eu matei meu pai — disse.

Por um momento achei que fosse uma brincadeira, contudo James não piscou por um segundo. Ele estava sendo sincero. Assustada me levanto bruscamente.

— Como, por quê?

— Meu pai pediu. Eu fui no hospital no domingo pela manhã, por solicitação dele. E, ele me pediu para trazer algo que estava guardado em seu cofre. Era um veneno. Ao mesmo tempo em que eu pensei em não dar o veneno, eu pensei que meu pai iria fazer algum mal a você, caso saísse do hospital e por isso, dei o veneno a ele. E eu me arrependo tanto por isso. Ainda me sinto culpado e sinto que tudo o que aconteceu comigo foi por que eu matei meu pai. Como se fosse uma punição pelo que fiz — disse com pesar.

Custou-me acreditar que fosse verdade.

— Tudo bem. — Eu o silencie colocando o dedo em seus lábios. James chora. — Estou aqui — sussurro o abraçando. — Shhh... James esqueça isso.

— Você me perdoa? — ele questiona em meio ao choro. Sua expressão fica vermelha.

— Está tudo bem James, não importa o que aconteceu. Confie em mim, deixe seus medos atrás.

O aconchego ainda mais em meus braços e o beijo.

— Eu amo tanto você, Mari.

— Eu também te amo muito, James... E não há nada que possa nos separar... O nosso laço é eterno — digo.

— E sempre será... — ele completa.

Eu sempre estaria com James. Com todas as adversidades e caminhos tortuosos, sempre estaríamos juntos. Eu cuidaria dele e ele cuidaria de mim, porque o amor cura. O amor é a salvação. Todos temos dentro de nós o nosso Cisne negro, mas somente o amor pode tornar algo ruim, belo.

Table of Contents

[Akai Ito](#)

[Rejeição](#)

[Confusão do Destino](#)

[Inquebrável](#)

[Sob o Nosso Céu](#)

[Flor Azul](#)

[Minha Paz](#)

[Borboleta](#)

[Seca, mas não morre](#)

[Formiga e Cravo](#)

[Flor de Lótus](#)

[Miosótis](#)

[Girassol](#)

[Dentede leão](#)

[Flor de Cactus](#)

[Cravo de amor](#)

[Flox](#)

[Lírio](#)

[Verbena](#)

[Cisne Negro](#)

[Sálvia](#)

[Epílogo](#)